

# **Os lugares esquecidos da Covilhã**

## **Usos temporários para (re)ativação de espaços devolutos**

(Versão final após defesa)

**Joel Taborda Filipe**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

**Arquitetura**

Mestrado Integrado

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Rita Martins Ochoa de Castro

Prof.<sup>a</sup> Doutora Alessia Allegri (FA.U LISBOA)

**janeiro de 2024**



## **Declaração de Integridade**

Eu, Joel Taborda Filipe, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição 39418 de Arquitetura da Faculdade de Engenharias, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 11 / 01 / 2024



***Aos meus pais.***



# Agradecimentos

Primeiramente, à minha família e amigos por estarem sempre presentes em todos os momentos durante este meu percurso acadêmico e darem-me mais do que a força necessária para alcançar este patamar.

À Professora Rita Ochoa que desde a minha entrada neste ciclo sempre me auxiliou, apoiou e incentivou a um reconhecimento próprio mais amplo do meu ser, ao *tirar-me da caixa*, o que resultou numa descoberta interior de capacidades na observação, questionamento e conceção de práticas arquitetónicas.

Em especial, à Professora Alessia Allegri pelo acompanhamento e pelos novos e críticos pontos de vista que foi trazendo a este trabalho, cujo resultado não teria sido o mesmo sem a sua dedicação.

A todos e a todas as docentes e funcionárias desta instituição por todas as aprendizagens, apoio e carinho, e que tanto significaram ao longo deste tempo.

Por fim, ao Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior que permitiu o estabelecimento de um trabalho articulado com esta dissertação através da prestação de todas as suas bases de trabalho já realizadas e ao Departamento de Urbanismo da Câmara Municipal da Covilhã pela disponibilização de instrumentos e apoios essenciais para a concretização das várias etapas deste trabalho.



## **Resumo**

Os espaços e edifícios devolutos têm nas cidades um impacto considerável, negativo na maioria dos casos. Esta investigação tem como objeto de estudo a cidade da Covilhã e pretende debater os usos temporários e respetivas arquiteturas como resposta para a (re)ativação desses espaços.

Devido ao grande impacto que o processo de industrialização teve nesta cidade, muitas são as fábricas e edifícios que se encontram em abandono. A somar a este conjunto, existem outros na mesma situação, outrora com funções de cariz residencial, cultural, de carácter tanto público como privado, ou até que nunca exerceram as suas funções previstas, por não terem sido concluídos, como as obras embargadas.

Perante este enquadramento, o presente trabalho é composto por três partes. A primeira contempla o mapeamento e identificação de um conjunto de edifícios e espaços devolutos passíveis de serem intervencionados, sinalizando-os como espaços de intervenção futura e trabalhando o fator de identidade e memória que estes elementos constituem para a cidade. A segunda parte diz respeito às necessidades funcionais e possíveis usos em três áreas geográficas da cidade para que, assumindo um ato interventivo, a terceira fase do trabalho proponha um gesto arquitetónico em alguns desses espaços. Esta ação projetual concretiza-se através da implementação de usos temporários, que, com o seu carácter efémero e a rapidez de resposta, permitem testar diversas atividades nos vários locais e perceber o sucesso ou o fracasso das mesmas, podendo deste modo efetuar testes até se chegar a um uso definitivo e que sirva a comunidade da melhor forma possível (Oswalt et al., 2013; Patti & Polyak, 2015; Tytgadt, 2018).

Na contemporaneidade, as questões ecológicas são cada vez mais pertinentes e não podem ser ignoradas. O facto de se recorrer aos usos temporários pode ser, por si só, uma vantagem em relação a outras práticas e abordagens, por serem mais sustentáveis, por se apropriarem de estruturas existentes em detrimento de construção de raiz e evitarem, nalguns casos, demolições, contribuindo duplamente para um menor impacto ambiental.

## **Palavras-chave**

Usos temporários; (re)ativação; (re)uso; devoluto; arquitetura; Covilhã.



# **Abstract**

Vacant spaces and buildings have a considerable impact on cities, negative in most cases. The object of this research is the city of Covilhã and it aims to discuss temporary uses and their architecture as a response to the (re)activation of these spaces.

Due to the great impact that the industrialization process has had on this city, many factories and buildings are abandoned. In addition to these, there are others in the same situation, which once served residential, cultural, public or private functions, or which never performed their intended functions because they were not completed, such as embargoed works.

Given this framework, this work consists of three parts. The first covers the mapping and identification of a set of vacant buildings and spaces that could be intervened upon, signaling them as spaces for future intervention and working on the identity and memory factor that these elements constitute for the city. The second part deals with the functional needs and possible uses in three geographical areas of the city so that, as an interventionist act, the third phase of the work proposes an architectural gesture in some of these spaces. This design action is carried out through the implementation of temporary uses, which, with their ephemeral nature and rapid response, make it possible to test different activities in the various locations and understand their success or failure, thus being able to carry out tests until reaching a definitive use that serves the community in the best possible way (Oswalt et al., 2013; Patti & Polyak, 2015; Tytgadt, 2018).

Nowadays, ecological issues are increasingly relevant and cannot be ignored. The fact that temporary uses are used can in itself be an advantage over other practices and approaches, as they are more sustainable, use existing structures rather than building from scratch and, in some cases, avoid demolition, thus contributing doubly to a lower environmental impact.

# **Keywords**

Temporary uses; (re)activation; (re)use; vacant; architecture; Covilhã



# Índice

<b>Lista de Figuras</b>	<b>xv</b>
<b>Introdução</b>	<b>1</b>
Objetivos	2
Metodologia	2
Relevância da Investigação	3
Estrutura do Trabalho	4
Estado da Arte	5
<b>Antecedentes</b>	<b>9</b>
<b>0. Usos temporários</b>	<b>14</b>
Modelos práticos	23
<b>1. Espaços devolutos na cidade da Covilhã</b>	<b>36</b>
Mapeamento	41
<b>2. Identificação de Usos</b>	<b>48</b>
Junto ao Mercado	55
Torre de Santo António	59
Ruína Fabril	65
<b>3. Prática projetual</b>	<b>71</b>
Junto ao Mercado	79
Torre de Santo António	85
Ruína Fabril	91
<b>Considerações Finais</b>	<b>103</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>107</b>



# Lista de Figuras

- 1** Painéis submetidos ao Concurso Prémio Universidades Trienal de Lisboa Millennium bcpc (1ª fase) | Lisboa, fevereiro, 2022  
Alessia Allegri, André Geraldès, Clarissa Rocha, Joel Filipe, Maria Matos Silva, Rita Monteiro & Rita Ochoa
- 2** Painéis submetidos ao Concurso Prémio Universidades Trienal de Lisboa Millennium bcpc (2ª fase) | Lisboa, fevereiro, 2022  
Alessia Allegri, André Geraldès, Clarissa Rocha, Joel Filipe, Maria Matos Silva, Rita Monteiro & Rita Ochoa
- 3** Fotogramas do vídeo realizado para a unidade curricular de Novas Práticas da Arquitetura, publicados juntamente com o projeto Intermittent Cities em C. Veríssimo & D. Burnay (Eds.), *Emerging voices on new architectural ecologies* (pp. 103–114). Circo de Ideias.  
Autor | Lisboa, 2022
- 4** Edifício devoluto  
Covilhã | abril, 2023  
Autor
- 5** *La biblioteca móvil*  
Colectivo Catalystas | Espanha, 2023  
julho, 2023  
[https://www.instagram.com/p/CurBkC2sY3T/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CurBkC2sY3T/?img_index=1)
- 6** Colagem da intervenção *Sava Activities*  
Openact Architecture & Sara Palomar Studio | Croácia, 2019  
dezembro, 2022  
<https://www.archdaily.com/929536/sava-installation-openact-architecture-plus-sara-palomar-studio>
- 7** Ocupação temporária na antiga refinaria da Galp pelo Festival Iminente  
Fotografia de Girl Blunt, Vera Marmelo, Chris Costa | Lisboa, 2021  
abril, 2023  
[https://www.instagram.com/p/CU2WZRRMvn\\_/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CU2WZRRMvn_/?img_index=1)

- 8** Tipos de espaços a intervir e as suas características (linha) / abordagens e particularidades de cada intervenção (coluna)  
Autor
- 9 - 13** *Le Tri Postal*  
Communa | Bélgica, 2019-2022  
dezembro, 2022  
<https://communa.be/les-lieux/le-tri-postal/>
- 14 - 20** *Açoteia – Faro Rooftop Festival*  
Município de Faro | Faro, 2023  
julho, 2023  
[https://www.instagram.com/festival\\_acoteia/](https://www.instagram.com/festival_acoteia/)
- 21 - 24** *Passage 56*  
AAA - Atelier d'Architecture Autogérée | França, 2006  
dezembro, 2022  
<https://www.urbantactics.org/projets/passage56/>  
<https://www.publicspace.org/works/-/project/f250-passage-56-cultural-and-ecological-space>
- 25 - 29** *Urban Vision*  
Carlo Ratti Associati | Kosovo, 2022  
Fotografias de Ivan Erofeev & Atdhe Mulla  
dezembro, 2022  
<https://carloratti.com/project/urban-vision-for-manifesta-14-prishtina/>
- 30 - 33** *The Countryside*  
Selvatico Collective | Holanda, 2022  
Fotografias de Giovanni Nardi  
dezembro, 2022  
<https://divisare.com/projects/468363-selvatico-collective-giovanni-nardi-the-countryside>
- 34** Praia do Torel  
Fotografia de Alessia Allegri | Lisboa, 2021  
fevereiro, 2022

Allegri, A., & Ochoa, R. (2021). Intermittent Practices in the Contemporary City. The Case of Lisbon. *Advances in Human Factors in Architecture, Sustainable Urban Planning and Infrastructure*, AHFE 2021, 249–256. [https://doi.org/doi:10.1007/978-3-030-80710-8\\_30](https://doi.org/doi:10.1007/978-3-030-80710-8_30), p. 250.

**35 - 39**

*Sava Activities*

Openact Architecture & Sara Palomar Studio | Croácia, 2019

Fotografias de Marko Mihaljević

dezembro, 2022

<https://www.archdaily.com/929536/sava-installation-openact-architecture-plus-sara-palomar-studio>

**40 - 44**

*Mercado Temporário no MAAT (Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia)*

FURO | Lisboa, 2021

Fotografias de Mariana Sanches

junho, 2022

<https://www.archdaily.com.br/br/978208/mercado-temporario-no-maat-nil-museu-de-arte-arquitetura-e-tecnologia-furo/6228d459bea5d001663ac9d3-mercado-temporario-no-maat-nil-museu-de-arte-arquitetura-e-tecnologia-furo-foto>

**45 - 49**

*Galeria Municipal Exhibition System*

Diogo Aguiar Studio | Porto, 2017

abril, 2023

<https://www.diogoaguiarstudio.com/architecture/galeria-municipal-exhibition-system>

**50**

Património industrial

Covilhã | abril, 2023

Autor

**51**

Indústria de Lanifícios

Covilhã | abril, 2023

<https://memoriasdacovilha.blogs.sapo.pt/a-covilha-industrial-2650>

**52**

Objeto devoluto pertencente ao património industrial da Covilhã

maio, 2022

Autor

- 53** Fatores decisivos para a definição da área a mapear  
Autor
- 54** Identificação dos espaços devolutos mapeados  
Autor
- 55** Localização dos três locais de intervenção  
Autor
- 56** Vazio urbano junto ao Mercado Municipal  
Covilhã | novembro, 2022  
Autor
- 57** Torre de Santo António  
Covilhã | dezembro, 2022  
Autor
- 58** Ruína fabril Valério Gomes Correia & Irmão (Pisão Novo)  
Covilhã | dezembro, 2022  
Autor
- 59** Características visíveis da passagem do tempo em espaços devolutos –  
Vazio urbano junto ao Mercado Municipal  
Covilhã | maio, 2022  
Autor
- 60** Planta de implantação do vazio urbano junto ao Mercado Municipal  
Autor
- 61** Caminho de pé posto e alternativas ao mesmo  
Autor
- 62** Funções descritas na envolvente do espaço a intervir, bem como a Rua  
Conselheiro António Pedroso dos Santos, assinalada pela linha verde  
Autor
- 63** Planta de implantação da Torre de Santo António  
Autor

- 64** Abertura panorâmica do último piso da Torre de Santo António  
Autor
- 65** Localização da comunidade residente no bairro de Santo António, a sudoeste, e da comunidade estudantil, a nordeste.  
Autor
- 66** Planta de implantação da ruína fabril Valério Gomes Correia & Irmão (Pisão Novo)  
Autor
- 67** Relação da ruína fabril com o vale da ribeira da Goldra  
Autor
- 68** *Rota da Covilhã – cidade fábrica*  
em Pais, P. L., & Pinheiro, E. C.(2008). *A rota da Covilhã—Cidade fábrica. Em Rota da lã translana: Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)* (Vol. 1, pp. 430–431). Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.  
abril, 2023  
Autor
- 69** Património industrial próximo às ruínas fabris (representado a cinzento escuro está o local de intervenção, à esquerda, e dois núcleos do MUSLAN.UBI, à direita) + Itinerário 1 – Percorso da ribeira da Goldra (representado a traço interrompido)  
em Pais, P. L., & Pinheiro, E. C.(2008). *A rota da Covilhã—Cidade fábrica. Em Rota da lã translana: Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)* (Vol. 1, p. 433). Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.  
abril, 2023  
Autor
- 70** Ruína fabril Valério Gomes Correia & Irmão (Pisão Novo)  
Covilhã | março, 2023  
Autor

- 71** Composição estrutural das peças desenvolvidas para o *modus operandi*  
Autor
- 72** Construção de estruturas através da adição de novas peças, aplicando sempre o mesmo *modus operandi*  
  
Autor
- 73** Três variações estruturais a adotar de acordo com as diferentes funções previamente identificadas  
Autor
- 74** Torres luminosas na cidade da Covilhã  
Autor
- 75** Estrutura da torre luminosa  
Autor
- 76** Estruturas utilizadas no vazio urbano junto ao Mercado Municipal  
Autor
- 77** Planta da intervenção no vazio urbano junto ao Mercado Municipal  
Autor
- 78** Corte A da intervenção no vazio urbano em questão  
Autor
- 79** Corte B da intervenção no vazio urbano em questão  
Autor
- 80** Estruturas utilizadas na Torre de Santo António  
Autor
- 81** Corte A da intervenção na Torre de Santo António  
Autor
- 82** Alçado noroeste da Torre de Santo António  
Autor

- 83** Planta da intervenção na Torre de Santo António  
Autor
- 84** Estruturas utilizada na ruína fabril  
Autor
- 85** Sentido de vistas sobre o património industrial em funcionamento e o vale da Goldra, a partir da “caixa” superior da intervenção  
Autor
- 86** Momentos ao longo do percurso pela intervenção  
Autor
- 87** Planta à cota 686.00m da intervenção na ruína fabril  
Autor
- 88** Planta à cota 689.41m da intervenção na ruína fabril  
Autor
- 89** Planta à cota 693.92m da intervenção na ruína fabril  
Autor
- 90** Corte C da intervenção na ruína fabril  
Autor



# Introdução

Os edifícios e espaços devolutos são frequentes nas cidades e rapidamente identificáveis pelos seus habitantes, principalmente nas áreas onde dispensam mais tempo do seu quotidiano. Com a intenção de contrariar este fenómeno, tomam-se estes espaços como laboratórios de atividades direcionadas às comunidades e às suas necessidades para que uma mudança de paradigma para a (re)ativação seja possível.

De um modo experimental, vários contextos têm vindo a recorrer a usos temporários como ferramenta de transformação desses espaços devolutos em locais de atividade, aprendizagem e convívio beneficiando envolventes e contribuindo para uma cidade mais rica. Este modo de agir mostra-se pertinente por duas razões: pela sua capacidade de teste, ou seja, de colocar à prova diferentes funções para um local até, eventualmente, se determinar uma que se mostre capaz de se tornar permanente; e por questões ecológicas, uma vez que se apodera de preexistências para a sua instalação, com inerentes métodos construtivos capazes de se adaptarem a diferentes abordagens e ainda permitir a reutilização de materiais utilizados.

Neste contexto, o presente trabalho pretende aplicar estratégias temporárias a um contexto particular, a cidade da Covilhã. Para tal, reconhece-se primeiramente i) a localização de vários espaços desocupados tendo como auxílio bases já realizadas por várias entidades, nomeadamente o Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior (MUSLAN.UBI), ii) a escolha de alguns desses espaços, com o fim de identificar usos e funções que aí possam ser implementados e, por fim, iii) a realização de um exercício de projeto através de práticas temporárias de modo a oferecer novas vivências a esses mesmos espaços.

## **Objetivos**

Esta investigação tem como principal propósito compreender de que forma os usos temporários podem ter um papel fundamental na (re)ativação e no (re)uso de espaços abandonados nas cidades, em particular na cidade da Covilhã. Pretende-se identificar benefícios desta prática, como ferramenta de experimentação em arquitetura, mas também discutir as suas desvantagens. Deste modo, este trabalho apresenta os seguintes objetivos específicos:

1. Elaboração de um mapeamento de espaços devolutos que se caracterizam como vazios urbanos (de caráter industrial ou outro), na cidade da Covilhã, de modo a compreender o impacto que esses representam no tecido urbano; reunir uma amostra para estudo na fase posterior deste trabalho e permitir a evolução futura deste mapeamento para que esses espaços possam ser alvo de intervenções, futuramente;
2. Identificação de lacunas funcionais para as três zonas da cidade antes identificadas para a especulação sobre possíveis usos a serem implementados, desencadeando novas vivências e dinâmicas nessas áreas e entender de que modo essas atividades podem ser abordadas na parte projetual segundo as condições inerentes aos usos temporários e as características singulares de cada espaço;
3. Com base na sobreposição de resultados das partes anteriores, concretizar um projeto arquitetónico para alguns dos espaços identificados, testando utilizações não perenes da arquitetura para uma atuação mais eficaz. Por sua vez, esta fase compreende duas abordagens fundamentais: 1) conceber uma estratégia projetual para a prática dos usos temporários - modus operandi -, aplicando depois e estudando conceções e materialidades de acordo com as novas funções pretendidas e as preexistências; 2) desenvolver esta estratégia num dos espaços, concretizando a sua efetivação prática e adequando esta abordagem às características do local a intervir e ao novo uso a albergar, alterando a realidade de desocupação antes vivida.

## **Metodologia**

De acordo com os objetivos antes elencados, este trabalho é constituído por três momentos principais – Mapeamento, Identificação de usos e Projeto – aos quais correspondem os seguintes procedimentos metodológicos:

1. Mapeamento: foi realizada a identificação e o mapeamento de espaços e objetos que se enquadravam no estudo desta dissertação, através do contacto com o território e da observação direta do espaço. Em complemento, foram recolhidos levantamentos realizados pelo Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior (MUSLAN.UBI). Como auxílio a estes procedimentos, foram ainda consultadas fontes bibliográficas ligadas ao tema.

2. Identificação de usos: esta fase consistiu num estudo sobre os locais escolhidos a intervir e as suas proximidades, usos já existentes e possíveis usos futuros, elaborando assim, para cada um dos casos, uma apreciação das suas características individuais e as das suas envolventes. De forma a plasmar essas informações, foram realizados alguns esquemas representativos dos pontos mais relevantes em cada espaço e que se tornaram decisivos para a reflexão e aplicação de possíveis novos programas: desde as funções presentes nas suas proximidades, a influência que estas podem ter sobre os locais, às características das várias comunidades que vivem nos diferentes contextos e, ainda, a história de cada preexistência, as atividades que albergaram e o trabalho desenvolvido por outras entidades na integração e reconhecimento de alguns destes espaços.

3. Projeto: para a parte projetual, já com os espaços a intervir escolhidos, bem como os seus usos, foram realizados levantamentos desses mesmos espaços e desenhadas estratégias programáticas para cada local. Paralelamente, foram utilizadas várias ferramentas de projeto, tais como diferentes tipos de maquetes, desenhos técnicos, esboços e diagramas representativos das abordagens a adotar e das estruturas concebidas.

Paralelamente, de forma a melhor compreender como noutros contextos foi colocado em prática esta forma de atuação, foram recolhidos elementos bibliográficos diversos e projetos considerados de referência sobre usos temporários.

## **Relevância da Investigação**

Este trabalho considera-se relevante tanto em meio científico, como no incentivo a novas práticas de (re)ativação de espaços devolutos na cidade, em particular na Covilhã. Estes espaços encontram-se dispersos por toda a malha urbana e constituem um número significativo, para a escala da cidade. Deste modo, o seu mapeamento não só é fundamental para investigações como a que agora se apresenta, como também para a sua evolução futura, para que sejam repensados, intervencionados e possam ter um contributo positivo para a cidade.

Neste sentido, podem ter estabelecidas algumas parcerias com entidades locais, tais como o Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior (MUSLAN), pelo seu enraizamento nesta matéria. Assim, através de um trabalho articulado com o museu, realizou-se o aprofundamento,

desenvolvimento e interligação das suas bases já criadas com alguns momentos deste trabalho. Para tal, foi aqui adotada e reinterpretada a rota *CampusLANA*, um percurso pedonal que sinaliza vários espaços ligados à indústria, em diferentes estados de conservação e pertencentes à Universidade da Beira Interior (UBI), e outros três percursos desenhados pelo museu com o objetivo de dar a conhecer o mesmo património localizado ao longo das duas ribeiras, Goldra e Carpinteira, e no centro histórico.

Ao colocar em prática estratégias relacionadas com usos temporários são salvaguardados a memória e o património, pois atuando de forma expedita através de atividades e soluções efémeras pretende-se preservar as estruturas, identificando-as como contentores e/ou cenários para a aplicação destas práticas, não definindo um uso perene a estes locais, o que poderia implicar responder a normas que, de alguma forma, os mudariam estruturalmente. Esta estratégia permite ainda caracterizar esta forma de atuar como experimental, um teste que permitirá compreender se determinados usos podem ou não passar a serem permanentes.

Por fim, a opção por esta estratégia implica um impacto ambiental menor em relação a intervenções com base em construção feita de raiz, pelo seu apoderamento e (re)uso de estruturas preexistentes e pela efemeridade presente nos novos elementos utilizados, de materiais facilmente reutilizados em diferentes abordagens, mostrando-se como uma vantagem em termos ecológicos.

## **Estrutura do Trabalho**

O trabalho apresentado é iniciado por uma parte de enquadramento que inclui os seus objetivos, metodologia, a relevância do seu conteúdo e o estado da arte sobre o tema em questão (*Introdução*). Num momento inicial é explicado o mote que deu origem a este tema e as ideias e abordagens que o sustentam (*Antecedentes*).

Já no corpo principal é retratada uma divisão deste trabalho em três fases que respondem aos objetivos impostos, concretizando previamente uma conjuntura e análise ao tema principal (capítulo 0: *Usos temporários*; com o subcapítulo: *Modelos práticos*).

A primeira foca-se no contexto da cidade da Covilhã, nos seus edifícios e espaços abandonados e no mapeamento dos mesmos (capítulo 1: *Espaços devolutos na cidade da Covilhã*; com o seguinte subcapítulo: *Mapeamento*).

A segunda, centra-se na identificação dos possíveis usos a adotar nos espaços escolhidos no capítulo anterior (capítulo 2: *Identificação de usos*; com três subcapítulos referentes aos três espaços de intervenção: *Junto ao Mercado*; *Torre de Santo António*; *Ruína Fabril*).

Na terceira e última fase, é desenvolvido um projeto de arquitetura, que se traduz num modus operandi adaptado aos diferentes locais a intervir, tendo por base sempre a temporalidade na sua proposta (capítulo 3: *Prática projetual*).

O trabalho é ainda rematado por um conjunto de reflexões conclusivas sobre usos temporários como prática arquitetónica no contexto singular da cidade da Covilhã.

## **Estado da Arte**

Os documentos usados como bases e auxílios na construção desta investigação agrupam-se em dois tópicos distintos: o património industrial referente à Covilhã, por este constituir uma grande parte dos imóveis devolutos da cidade, e os usos temporários como estratégia de intervenção na arquitetura e na cidade.

Para a cidade da Covilhã pretendeu-se essencialmente reunir informações pontuais e perceber o estado de abandono dos mais diversos espaços existentes. Nas pesquisas realizadas debruçadas sobre este tema, foi notório o trabalho de recolha de informações e de síntese produzido pelo Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior (2008), ao qual se deu especial atenção aos dois volumes que compõem a *Rota da lã transiana: Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)* pela informação detalhada e organizada quanto a todo o património industrial da cidade, caracterizando o seu estado de conservação, as funções desempenhadas à data ou ainda se o mesmo permanecia fisicamente no território aquando a realização deste levantamento.

Quanto à contextualização evolutiva da cidade, os seus momentos de viragem e as sucessivas apropriações da UBI em relação ao património industrial é de salientar: o artigo *A Universidade da Beira Interior e o seu papel na reabilitação e reutilização do património industrial da Covilhã* (Pinheiro, 2009), na revista *Monumentos*; a obra *Covilhã, a cidade que também foi fábrica* (Folgado, 2009); e ainda a entrevista realizada ao arquiteto Bartolomeu Costa Cabral, *Bartolomeu Costa Cabral. Por uma arquitetura de verdade* (Ochoa & Miranda, 2016), publicada na *Branca, Revista de Arquitetura da Universidade da Beira Interior*.

Já o tema relativo aos usos temporários foi mais aprofundado, por se constituir no estudo fundamental deste trabalho. A obra dos autores Oswalt, Overmeyer, & Misselwitz, (2013) intitulada de *Urban Catalyst - The power of temporary use* permitiu, logo desde início, um estruturado enquadramento sobre a temporalidade das questões arquitetónicas em diferentes contextos, mas também a periodicidade dos diversos ritmos presentes nos mesmos. Esta obra explora a forma como os usos temporários foram sendo inseridos nos espaços que iriam ficando por definir nas cidades, originando várias perceções como a instabilidade temporal que contrasta

com o equilíbrio social, a diversidade cultural oferecida, o incentivo aos particulares espoletando novas funções em vários pontos da cidade, o repensar do planeamento urbano integrando estas dinâmicas espontâneas e a possibilidade de dar voz às comunidades, tornando a cidade como um espaço comum realizado para e a pensar nas necessidades dos seus utilizadores.

No trabalho de Madanipour (2017) em *Cities in time. Temporary urbanism and the future of the city* é abordado de forma mais específica, através de exemplos, a implementação das estratégias efémeras nas cidades. São abordadas ainda diferentes noções de temporalidade, como aquela que está associada ao ritmo do progresso e da produtividade, a que é sentida e interiorizada por cada indivíduo e o leva à construção da memória e identidade perante os vários cenários e a que permite projetar o futuro através de *questionamento, experimentação e inovação* (Madanipour, 2017, p. 5).

Como mais adiante é explicado, o projeto de investigação *Intermittent Cities. Temporary uses and sharing practices to support an adaptive urban space*, coordenado pelas orientadoras deste trabalho e apresentado em Allegri & Ochoa (2021) tem um papel fundamental e de impulso inicial a este trabalho e ao desenvolvimento do mesmo.

De modo semelhante à investigação anterior, o projeto *NoVOID - Ruínas e terrenos vagos nas cidades portuguesas: explorando a vida obscura dos espaços urbanos abandonados e propostas de planeamento alternativo para a cidade perfurada*, coordenado por Brito-Henriques (2019), explora e estuda de forma mais intensa os espaços abandonados nas cidades, determinando e procurando propor soluções a nível de planeamento urbano que potenciem esses mesmos espaços, tendo em vista cidades adaptativas.

Finalmente e numa outra perspetiva, Augé (2012) retrata na sua obra *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, um conceito que se pretende associar aos fragmentos desconexos da cidade, os *não-lugares*. Caracteriza-os como espaços de transição, que não representam interações sociais, *um espaço que não pode definir-se nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico* (Augé, 2012, p. 69).



Temporary Uses and Sharing Practices as a Public Space Design Tool

# CAN AN URBAN BEACH AND AN OCEAN POOL CATALYZE A PUBLIC SPACE?

**INTERMITTENT CITIES**  
EXPLORES SPATIAL TRANSFORMATION PROCESSES TRIGGERED BY PRACTICES AND POLICIES THAT ENABLE AND EMPOWER URBAN COMMUNITIES THROUGH TEMPORARY USES AND SHARING PRACTICES IN URBAN SPACES

01

# DOES AN INFORMAL GARDEN MADE BY DONA MARIA BE A SPOT FOR PEOPLE TO MEET?

**INTERMITTENT CITIES**  
DIFFERENT OPERATING MODELS, AIMING FOR TRANSITORY AND COLLABORATIVE STRATEGIES, INTRODUCING DIFFERENT CONCEPTS AND NEW KINDS OF DESIGN TOOLS, BEHIND US THAT ALSO REFLECTS IS MORE THAN A DEFINITIVE SOLUTION TO A GIVEN SET OF PROBLEMS: IT IS ALSO AN UNLIMITED RESULT OF AN OPEN PROCESS.

02

# CAN A TELESCOPE TRANSFORM A TALL ABANDONED BUILDING IN THE SPOT FOR THE PUBLIC NIGHT LIFE OF A CITY?

**INTERMITTENT CITIES**  
(i) IDENTIFICATION OF PARTICULARLY TARGETED INTERMITTENT PRACTICES OF AN ECOLOGICAL NATURE, (ii) SYSTEMATIZATION OF INTERMITTENT INITIATIVES AND PROJECTS, AND (iii) MAPPING OF SUITABLE AREAS TO ENCOMPASS INTERMITTENT PRACTICES AS A DESIGN TOOL

The Forgotten Spaces in Coevolving

03

1 | Painéis submetidos ao Concurso Prémio Universidades Trienal de Lisboa Millennium bcp (1ª fase) Lisboa, 2022

# Antecedentes

O tema abordado neste trabalho não surge por acaso. É consequência de uma preocupação e vontade de atuação sobre as mutações ocorridas nas cidades, em que, de forma generalizada, o modo de lhes dar resposta altera as relações convencionais dos espaços coletivos, orgânicos e relacionais. Entendidos como oportunidade de novas abordagens a essas mudanças, os usos temporários têm implícitas a partilha e a transitoriedade na sua forma de proceder sobre diversos ambientes, ferramentas de construir e transformar espaços, tendo em conta as necessidades e exigências das cidades contemporâneas (Allegri & Ochoa, 2021).

Neste sentido, o presente trabalho interliga-se com o projeto de investigação financiado pela FCT *Intermittent Cities. Temporary Uses and Sharing Practices to support and Adaptive Urban Space*, coordenado pelas orientadoras Alessia Allegri (FA.Ulisboa) e Rita Ochoa (UBI). Este projeto tem como propósito a exploração de processos de transformação urbana desencadeados por usos temporários e práticas de partilha, que designam por Práticas Intermitentes (PI). O projeto sistematiza as múltiplas facetas destas práticas, avalia os seus impactos em novas arquiteturas e em novas formas de viver, planear e gerir o espaço urbano e especula sobre cenários futuros.

Numa abordagem de Investigação Ação, *Intermittent Cities* objetiva propor ferramentas e métodos de design que impulsionem transformações espaciais através de PI, incentivando uma cidade adaptativa (Allegri & Ochoa, 2021). Como campo de ação e colocação em prática de tais propostas no Município de Lisboa, as ações são divididas em três momentos:

**SWITCH ON**  
MAPPING INTERMITTENT PRACTICES IN LISBON

A systematized open-access archive of Lisbon's Intermittent Practices with a focus on relevant case studies, its features and processes (Panel 1). Small initiative or in self-organized " reclaim-the-city" green spaces in Lisbon, from the city-scale to the parks, gardens and small-scaled flowerbeds (Panel 2). This collection is not meant to be definitive, but rather evolving. A mapping like this, which focuses on the realities that respond to continuous changes, is, by definition, in progress. The idea of this classification that is always open, is paradigmatic of the way we understand this research. Indeed, researching also means experimenting.

**ATELIERES DE TRAJINHA**  
ATELIERES DE TRAJINHA

**BIKESLESS-TRAIN**  
BIKESLESS-TRAIN

**TRAJINHA**  
TRAJINHA

**TORRELS SUBSERRAÇA**  
TORRELS SUBSERRAÇA

**FOOD TRUCKS**  
FOOD TRUCKS

**1**

**JARDIM DAS PLANTAS DOADAS**

**JARDIM DOS MORADORES**

**MUITA FRUTA**

**100 ANOS 100 ÁRVORES**

**QUINTA DA GRANJA**

**HORTA BALDIO**

**CONNECT**  
ANALYSIS AND DISCUSSION

An interdisciplinary assessment of the Intermittent case studies impacts, synergies and potential contributions to transformative actions in the city. Each of the mapped case studies are further explored through cross-disciplinary discussions that highlights the intersections and the complementarities between them, together their capacity to impact the local scale, and to generate transformative actions in view of an adaptive city

**2**

**LIGHT UP**  
FUTURE SCENARIOS AND FORWARD-LOOKING TOOLS

Intermittent Cities works on creating a bridge between Research and Action. Based on several case studies, the project aims to propose design tools and methods that drive urban changes, encouraging an adaptive city. To test and explore this argument, a specific experiment is being developed: a project for the activation of Intermittent Practices in Santo António Tower, an impacting abandoned building in Covilhã.

Borrowing the tools and methods used in a laboratory, the city is seen as the scenario of "adaptive" urban projects where transformations are gradually changing as experiences advance. As such, corresponding reactions to each application can be observed and analyzed, so that the possibilities that are awaiting us in the subsequent stages can be explored. Overall, the challenge is to think of the city as an open system in which the unexpected, the anomalous, and the possible can happen and coexist.

**TELESCOPE**

**DISCO**

**COOKING**

**COWORKING**

**ART TEACHING**

**3**

2 | Painéis submetidos ao Concurso Prémio Universidades Trienal de Lisboa Millennium bcp (2ª fase) Lisboa, 2022

1. *Switch On* (mapeamento): arquivo on-line sistematizado das PI em Lisboa, com foco em estudos de caso relevantes, suas características e processos;
2. *Connect* (análise e discussão): avaliação interdisciplinar dos casos de estudo, seus impactos, sinergias e potencial para ações transformadoras na cidade;
3. *Light Up* (cenários futuros e ferramentas prospetivas): prospetiva orientada para o design em que cenários futuros de transformação urbana resultantes de PI são propostos, testados e incorporados na criação de ferramentas de desenho urbano.

Deste modo, esta dissertação é um dos resultados/*outputs* dessa investigação. Como uma ramificação do referido projeto, adicionalmente, este trabalho integrou, conjuntamente com estudantes de doutoramento e mestrado da FA.U LISBOA, do ISA.U LISBOA e da UBI, o Concurso Prémio Universidades Trienal de Lisboa Millennium bcp, desenvolvido pela Trienal de Arquitectura de Lisboa (2022) (fig. 1 e 2), tendo sido finalista entre as 111 propostas que concorreram, referentes a 46 escolas de 22 países diferentes<sup>1</sup>.

Cada estudante correspondente a cada uma dessas três instituições de ensino superior desenvolveu uma especialização a partir do tema geral do projeto de investigação, explorando práticas de partilha em distintas escalas urbanas e contextos, com diferentes abordagens disciplinares: na FA.U LISBOA, em doutoramento em Arquitetura, estas foram utilizadas como ferramentas de intervenção em espaço público, analisando necessidades sentidas e atos coletivos ocorridos no momento da sua observação, criando e estabelecendo posteriormente novas relações nesses mesmos espaços; no ISA.U LISBOA, em mestrado em Arquitetura Paisagista, foram estudadas iniciativas individuais e coletivas de diversas zonas e pontos da cidade tendo a natureza como principal meio de trabalho, desenvolvendo-se propostas de várias escalas, desde os parques da cidade, a jardins e as pequenas hortas; já no DECA.U BI, em mestrado integrado em Arquitetura, surge então a presente dissertação, na qual são mapeados espaços devolutos da cidade da Covilhã, utilizando, numa fase posterior, as Práticas Intermitentes para (re)ativação de alguns desses espaços. Da mesma universidade resulta um outro trabalho a ser desenvolvido pelo estudante André Galdes, o qual tem como objetivo a utilização da mesma ferramenta projetual

---

<sup>1</sup> **Finalista do Concurso Universidades**

[https://www.trienaldelisboa.com/noticias/d/news\\_4c088fe3-bbdf-11ec-938d-actf6bde2422](https://www.trienaldelisboa.com/noticias/d/news_4c088fe3-bbdf-11ec-938d-actf6bde2422)

**Selecionado para Exposição Central da Trienal de Arquitetura,**

no MNAC Museu Nacional de Arte Contemporânea.

(v. Integração em Exposições)

**Selecionado para Antologia de ensaios da Trienal de Arquitetura**

C. Veríssimo & D. Burnay (Eds.), *Emerging voices on new architectural ecologies* (pp. 103–114). Circo de Ideias.



transformations that will result from the development of Intermittent Practices, with the objective of encouraging more flexible architectures and a city that is more adaptable to the contemporary societal and urban dynamics.

Os casos estudados demonstram ainda a capacidade de promover mudanças nos lugares onde ocorrem e a capacidade de se multiplicarem para outros contextos, em efeito dominó. Em práticas semelhantes, mas também em formas de fazer semelhantes (p. ex. o reuso de edifícios vagos para práticas comunitárias). E, não menos importante, têm frequentemente a capacidade para influenciar o planeamento urbano e as políticas públicas. É caso do Combolo de Bicicletas de Lisboa, que começou por uma iniciativa de cidadãos, que foi depois incorporada num programa da Câmara Municipal de Lisboa. É esta diversidade que cria um lugar onde "padrões" de ocupação, no tempo e no espaço, determinam novas paisagens urbanas.

Assim, é possível definir a hipótese de que, apesar do seu carácter de pequena iniciativa, muitas destas Práticas Intermittentes dão origem a outras e atingem impactos mais amplos, a nível urbano. Muitas vezes implicando a participação dos cidadãos, cada uma destas práticas tem, como vimos, impactos e provoca sinergias no seu meio envolvente, mas também na cidade. É por isso importante seguir o seu rasto, aproveitar o seu potencial e considerá-las no planeamento futuro, mas também antecipar os seus riscos.

Na verdade, não estamos perante um fenómeno que já tenha completado todo o seu caminho. Muito pelo contrário, estamos perante uma dinâmica de transformação societal em desenvolvimento, em rápida velocidade, que poderá consolidar-se em novas expressões nas próximas décadas, em todos os domínios da vida urbana, à medida que a tecnologia e a economia forem introduzindo muitas das transformações que se antecipam.

Neste quadro, numa perspectiva de ação, importa antecipar cenários futuros de transformação urbana decorrentes da transitoriedade e da partilha, recorrendo ao desenvolvimento de exercícios especulativos, mas fundamentados. Tal exercício pode permitir antecipar possíveis transformações urbanas que venham a resultar do desenvolvimento das Práticas Intermittentes, com o objetivo de incentivar arquiteturas mais flexíveis e uma cidade mais adaptável às dinâmicas sociais e urbanas contemporâneas.

Case Study #02: Garden of the Plantas Doadas  
Case Study #12: Covilhã Tower Afterlife, video frames, by Joel Filipe

Caso de Estudo #02: Jardim das Plantas Doadas  
Caso de Estudo #12: Covilhã Tower Afterlife, sequências do vídeo, de Joel Filipe

3 | Fotogramas do vídeo realizado para a unidade curricular de Novas Práticas da Arquitetura, publicados juntamente com o projeto *Intermittent Cities*. Lisboa, 2022

adotando-a na (re)ativação de um dos edifícios presentes no mapeamento deste trabalho, a Torre de Santo António (Allegri et al., 2022).

É com a reunião do trabalho desenvolvido em todas essas investigações e num trabalho conjunto e interdisciplinar, abordando as três ações propostas pelo projeto de investigação, que resulta a compilação gráfica em formato de painéis, submetidos ao referido concurso. Como consequência da etapa atingida no mesmo, o projeto em causa foi selecionado para a Exposição Central da Trienal de Arquitectura, realizada no Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC), de 2 de outubro de 2022 a 8 de janeiro de 2023, bem como para publicação numa antologia de ensaios da Trienal de Arquitectura, *Emerging voices on new architectural ecologies* (2022).

Presente na mesma exposição, foram publicados, em documento físico e associados ao projeto de investigação, fotogramas de um vídeo realizado para a unidade curricular de Novas Práticas da Arquitectura, no ano letivo 2021/2022 (fig. 3), que tinha como objetivo colocar em evidência ambientes e patologias de um objeto arquitetónico devoluto, a Torre de Santo António. Este exercício despertou de uma forma muito aliciante o interesse pessoal ao tratamento e às formas de como poderiam ser trabalhadas as infraestruturas com este tipo de condições para a sua (re)ativação.

Após estes processos e trabalhos desenvolvidos, a presente dissertação surge então de uma base de investigação em constante evolução, com várias ramificações, mas com um tema principal em comum. Pretende distinguir-se dos restantes trabalhos realizados a partir da mesma, alimentando-a e fortalecendo-a com uma contribuição de desenvolvimento teórico e estudo de atuação de Práticas Intermitentes em diferentes cenários e pontos geográficos e, também, em forma de exercícios projetuais em preexistências com particularidades distintas, que ambiciona explorar conceções, modos de intervir e materialidades de acordo com as novas e temporárias funções definidas para cada uma delas. Para este efeito, é escolhida a cidade da Covilhã, um contexto diferenciado da sua área de estudo (Lisboa) que tanto necessita desta ação sobre os seus espaços devolutos, em particular sobre o seu património industrial desocupado.



4 | Edifício devoluto | Covilhã, 2023

## **o. Usos temporários**

*Os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e as suas actividades, são tão importantes como as suas partes físicas e imóveis. Não somos apenas observadores deste espectáculo, mas sim uma parte activa dele, participando com os outros num mesmo palco* (Lynch, 1999, pp. 11, 12).

Com este capítulo, é tido o propósito de entender e aprofundar conhecimentos sobre os usos temporários, tema que dá força a esta investigação e, como o próprio subtítulo indica, procurar possíveis formas que esses podem adotar para que a (re)ativação de espaços devolutos seja concretizada. Desprovidos de qualquer função e, muitos deles, em estado de declínio devido ao seu arrastamento pelo tempo sem qualquer tipo de intervenção e manutenção, não lhes é permitida a possibilidade de oferecerem novas oportunidades à sua envolvente (fig. 4).

De uma forma geral, os edifícios devolutos não beneficiam os espaços urbanos, chegando a provocar sentimentos de tristeza, medo e estranheza pelo estado de degradação que tomam conta das estruturas, pela natureza que invade e se apodera das mesmas e pelo esquecimento em que se afundam com o passar do tempo, perdendo a sua história e a importância que muitos deles representaram outrora nas cidades. Acrescentando a este fator representam muitas das vezes esperanças de novos e renovados compromissos que não chegam a avançar. *Trata-se de locais que as cidades sobreacumulam de passado (memórias do que foram) e de futuro (sonhos do que podem vir a ser), mas que suprimem do presente* (Brito-Henriques, 2019, p. 10).

Apesar disso, é importante olhar para estes espaços de forma esperançosa, com a ambição que voltem a acolher vida em conjunto com as suas envolventes e que toda a sua história seja resgatada, recuperando o património e os marcos que um dia enalteciam os panoramas citadinos. E é a partir essencialmente desta preocupação, com a intenção de (re)ativar esses locais, que, neste contexto, surgem os usos temporários.



5 | *La biblioteca móvil*, Colectivo Catalistas

Projeto que pretende valorizar e transmitir conhecimentos locais das cidadãs de Logroño. Desloca-se para vários pontos da cidade na recolha desses conhecimentos e, em simultâneo, na sua divulgação, ativando temporariamente diversos espaços públicos.

Espanha, 2023

Entendidos como ferramentas de experimentação espacial em diversas escalas, este tipo de usos permitem a um determinado espaço devoluto albergar funções sentidas como lacunas pela comunidade ou mesmo novas, possibilidades de novas dinâmicas e vivências. Em simultâneo, possibilitam também a salvaguarda dos valores do próprio local onde se vão inserir, preservando memórias, histórias e identidades. Comum a todas as concretizações desta prática arquitetónica está presente o seu caráter efêmero, capacidade de teste e de adaptabilidade a variados contextos (Galdini, 2020; Madanipour, 2017).

Os usos temporários vêm assim suturar feridas resultantes de histórias perdidas, de intenções mal geridas ou de planeamentos incapazes. Para tal é fundamental ouvir a comunidade e as suas exigências, pois são essas o ponto inicial de novas perspectivas funcionais a implementar no presente e em determinado local, uma vez que com a passagem do tempo as comunidades vão-se alterando e evoluindo, fazendo com que as necessidades sentidas acompanhem essa mudança (Tonkiss, 2013). Para além deste aspeto ser baseado num momento transitório, os usos temporários tornam-se moldáveis a diferentes realidades, aumentando o leque de ofertas e soluções definidas a cada contexto interagindo de uma forma direta com as pessoas, que em muitos dos casos acaba por ter um papel bastante importante na concretização destes projetos durante os momentos de obra, o que pode resultar numa aproximação dentro das comunidades (Allegrí & Ochoa, 2021).

Esta forma de projetar torna-se assim numa mudança de paradigma, deixando de parte a ideia do sujeito neutro e centrando-se nas características específicas do seu coletivo alvo (fig. 5). Baseia-se numa prática da arquitetura despertada pelas pessoas, concretizada frequentemente pelas mesmas e voltada para essas, ou seja, da comunidade para a comunidade. Esta forma de agir permite encontrar uma estabilidade social nos pequenos aglomerados contagiados por esta prática, o que se reflete no bom ambiente e dinâmica de toda a cidade, pois com este método é dado um maior apoio e voz a quem vive quotidianamente esses pontos geográficos (Oswalt et al., 2013).

De salientar que os usos temporários tornam essas intervenções mais fáceis de serem implementadas ao invés das exigências dos vários planos urbanísticos para construções feitas de raiz ou até de reaproveitamento das estruturas preexistentes, pois a maioria define estratégias muito rígidas, focados num objetivo final com escassas margens de manobra. Já a temporalidade desta prática projetual em espaços devolutos concentra-se no percurso e nos diferentes testes que vão sendo concretizados até se chegar, eventualmente, a um programa ideal para o local em específico, e é desta forma que se pode concluir qual a função ideal a colocar em prática. Esta estratégia permite também que este tipo de espaços sem utilidade sejam rapidamente intervencionados, cuja característica torna-se bem mais demorada seguindo as estratégias de planeamento convencionais (Allegrí & Ochoa, 2021).



6 | Colagem da intervenção Sava Activities com exemplos de diferentes possíveis usos  
Zabreg (Croácia), 2019

Esta abordagem permite também aumentar a diversidade, variando entre espaços de lazer, culturais, lúdicos, comerciais, de workshops, apresentando diversas formas de albergar essas funções, conjugando materialidades, espacialidades, estímulos sensoriais, vivências ao fluxo citadino que os rodeia (fig. 6). Como espaços comuns, pertencentes às comunidades, cada pessoa tem o direito de os vivenciar e tem ainda a oportunidade de realizar e promover atividades, que podem resultar do seu autoconhecimento, na transmissão deste às restantes pessoas de uma forma informal fomentando o conhecimento geral, inclusive de pessoas que de outra forma não teriam a possibilidade de o adquirir. Esta maneira expedita de concretizar várias atividades realiza-se, também, graças ao reduzido impacto financeiro, pois através de construções leves e de baixo custo torna-se mais fácil implementá-las, principalmente, em contextos com uma fragilidade social acrescida, contribuindo para o desenvolvimento das cidades e dando oportunidade, mais uma vez, a essas pessoas de terem uma voz ativa na evolução e progressão das suas realidades (Oswalt et al., 2013).

Dessa forma, a evolução da estrutura das cidades deveria passar por momentos de auto construção, nos quais fosse permitido aos seus habitantes a resolução de atividades em espaços disponíveis à realização dessas vontades comunitárias, capacitados de abraçar a mudança, cooperando para o desenvolvimento do plano geral, não traçando um destino final logo desde o início da sua conceção (Lynch, 1999).

Como locais de intervenção, os espaços públicos e/ou devolutos, se encontram dispersos por toda a malha urbana, é possível ter ações em toda a cidade, alterando as vivências nos vários contextos devido às várias funções e atividades que vão surgindo. Desta forma, influenciam e marcam a sua presença no espaço público, tendo a possibilidade de se tornarem em novas atrações, espoletando a curiosidade da comunidade em vivenciar essas novas atividades e experiências, diversificando os ambientes e dinâmicas nesses vários pontos da cidade, contribuindo assim para uma visão orgânica e diversificada de um todo (Tonkiss, 2013).

Uma vez que estas práticas intermitentes possuem a facilidade em adaptar-se a espaços e estruturas preexistentes disponíveis a serem (re)ativados (fig. 7), a questão ecológica é outro aspeto a ser referido. Com este tipo de intervenção muitas consequências positivas surgem, tais como o aproveitamento dessas próprias infraestruturas, o que, nalguns casos, acaba por resultar na possibilidade de redução de novas construções feitas de raiz e, noutros casos, evitar a sua demolição. É ainda possível dar um novo rumo, por exemplo, a obras embargadas, que sem os usos temporários não tinham nenhuma perspetiva de futuro. Já na concretização desses diversos usos, não se pretende transformar os espaços existentes quanto ao seu esqueleto estrutural, mantendo as infraestruturas, pois são as novas funções que se adaptam a esses locais através de construções leves, como já foi referido, práticas, no sentido de serem montáveis e desmontáveis com rapidez, flexíveis quanto aos espaços e às atividades que nelas se vão desenvolver, executando-se com materiais que possam ser reutilizados e adaptáveis a vários programas, de modo a que o impacto ambiental seja o menor possível.



7 | *Ocupação temporária na antiga refinaria da Galp pelo Festival Iminente*, Girl Blunt, Vera Marmelo, Chris Costa  
Lisboa, 2021

No entanto, esta ferramenta que visa dinamizar e oferecer vida a dispersos locais da cidade, pode trazer consigo algumas consequências negativas. Devido ao seu caráter efêmero e à sua implementação em pontos distintos no tecido urbano pode contribuir para um panorama da mesma bastante confuso, alterando constantemente a sua imagem. Revela-se assim uma questão ambígua acerca deste tema: por um lado, pretende-se dinamizar com determinação variados espaços para que estes sejam contributos positivos, mas, por outro lado, ao fazê-lo em excesso pode resultar numa cidade com demasiados acontecimentos e, em extremos, perder-se a identidade da própria cidade, tornando-se num aglomerado de ações e vivências completamente díspares (Allegrí & Ochoa, 2021).

De modo a contrariar esse aspeto e na construção de um equilíbrio social, a conjugação entre estas intervenções efémeras e os já referidos planos urbanísticos tem de se traduzir num resultado satisfatório para a população. Tem de ser capacitada de oferta e disponibilidade de espaços que possam acolher os usos temporários, tendo em conta as mais valias que estes poderão ter em vários pontos das cidades, libertando esses planos da rigidez em que se encontram quanto a esta prática. No entanto e ao mesmo tempo, essa legislação tem, de forma contínua, de definir parâmetros de controlo e prevenção de consequências menos positivas que possam surgir, como o aproveitamento anómalo do universo imobiliário devido ao sucesso da revitalização urbana, o que pode modificar por completo contextos, realidades e vidas, trazendo consigo desigualdades sociais, a quebra nas oportunidades e, ao contrário de criar equilíbrio, estas práticas intermitentes passam a ser responsáveis por uma destabilização, o oposto das suas intenções e princípios (Allegrí & Ochoa, 2021).

A gentrificação constitui uma dessas consequências negativas que pode surgir com o sucesso descontrolado ou com a não monitorização desta prática (Tardiveau & Mallo, 2014; Tonkiss, 2013). Com o aumento da popularidade de uma determinada área urbana, onde a diversidade de funções aumenta, o retorno económico para comerciantes torna-se mais apelativo e a atração turística é cada vez mais forte, é evidente uma subida nos custos de vida dessa mesma área, podendo resultar num aproveitamento lucrativo. Desta forma, comunidades que sempre viveram nesses locais e que, de algum modo, contribuíram para a construção tanto material, como da imagem identitária, vêem-se obrigadas a abandonar e a procurar novas soluções habitacionais e, por vezes, de vida. Com esta mudança socioeconómica é atribuída uma nova camada a este palimpsesto local, a qual não se deveu às intenções originais dos usos temporários, uma vez que o seu propósito era apenas renovar a que já existia, oferecendo às comunidades novas dinâmicas e oportunidades, preservando os seus direitos à habitação. Por outro lado, a legitimação à precariedade, também associado à gentrificação, pode resultar noutro fator negativo, pois todo o contexto social torna-se mais frágil e fragmentado, e com a qual a segregação de pessoas com um poder económico mais baixo pode surgir, contribuindo para uma cidade menos equitativa (Allegrí & Ochoa, 2021).



## o. Usos temporários

### **Modelos práticos**

De modo a representar em concretizações reais algumas das características inerentes aos usos temporários, como a sua aplicabilidade em espaços públicos e devolutos, a exploração experimental a nível de materialidades e funções, a (re)adaptação das estruturas às mesmas, a resposta às necessidades sentidas pelas comunidades e a fácil aplicação de várias abordagens em diferentes locais, seguem-se modelos onde as formas de agir seguiram estas linhas orientadoras em diferentes contextos, com objetivos distintos, variados nas suas abordagens e no modo de atuar. São explorados os seguintes projetos: *Le Tri Postal* (Bélgica, 2019-2022), *Açoteia – Faro Rooftop Festival* (Portugal, 2019), *The Countryside* (Países Baixos, 2022), *Passage 56* (França, 2006), *Urban Vision* (Kosovo, 2022), *Sava Activities* (Croácia, 2019), *Praia do Torel* (Portugal, 2014), *Mercado Temporário no Maat* (Portugal, 2021) e *Sistema Expositivo da Galeria Municipal do Porto* (Portugal, 2017).

Este conjunto de modelos pode ser agrupado de duas formas distintas que se revelam significantes para o trabalho de projeto realizado, apresentado nos últimos capítulos deste documento.

Quanto às condições e as características dos espaços a intervir:

- Espaços devolutos e/ou sem funções: *Le TRi Postal*, *Açoteia – Faro Rooftop Festival* e *The Countryside*;
- Vazios urbanos: *Passage 56*, *Urban Vision* e *Sava Activities*;
- Locais públicos e privados com programas e funções definidos, nos quais é introduzido um novo uso ou suporte: *Praia do Torel*, *Mercado Temporário no MAAT* e *Sistema Expositivo na Galeria Municipal do Porto*.

Quanto às particularidades de cada intervenção, a forma como foram abordadas as novas atividades perante cada espaço e o que de mais relevante existe em cada uma e que se possa refletir nas práticas projetuais deste trabalho:

- Experimentação de variados usos e abordagens durante a intervenção (1): *Le Tri Postal* e *Açoteia – Faro Rooftop Festival*;
- Transformações e vivências em espaços urbanos de incentivo ao encontro social (2): *Passage 56* e *Urban Vision*;
- Formas de apropriação do existente e novas funções atribuídas (3): *The Countryside* e *Praia do Torel*;
- Diferentes estruturas e materialidades utilizadas (4): *Sava Activities*, *Mercado Temporário no MAAT* e *Sistema Expositivo na Galeria Municipal do Porto*.

	Espaços devolutos e/ou sem funções	Vazios urbanos	Locais públicos e privados com programas e funções definidos, nos quais é introduzido um novo uso ou suporte
Experimentação de variados usos e abordagens durante a intervenção (1)	Le Tri Postal Açoteia – Faro Rooftop Festival		
Transformações e vivências em espaços urbanos de incentivo ao encontro social (2)		Passage 56 Urban Vision	
Formas de apropriação do existente e novas funções atribuídas (3)	The Countryside		Praia do Torel
Diferentes estruturas e materialidades utilizadas (4)		Sava Activities	Mercado Temporário no MAAT Sistema Expositivo na Galeria Municipal do Porto

8 | Tipos de espaços a intervir e as suas características (linha) / abordagens e particularidades de cada intervenção (coluna)

De seguida, é realizado um enquadramento para cada modelo prático, seguindo o último critério (abordagens de novas atividades a diferentes contextos e de que forma foram concretizadas), definindo em quatro grupos as principais escolhas destes exemplos. São elaboradas breves contextualizações e retirados os principais fatores que se constituem significantes como métodos e formas de atuar de cada um.



9 – 13 | *Le Tri Postal*, Communa | Bélgica, 2019-2022

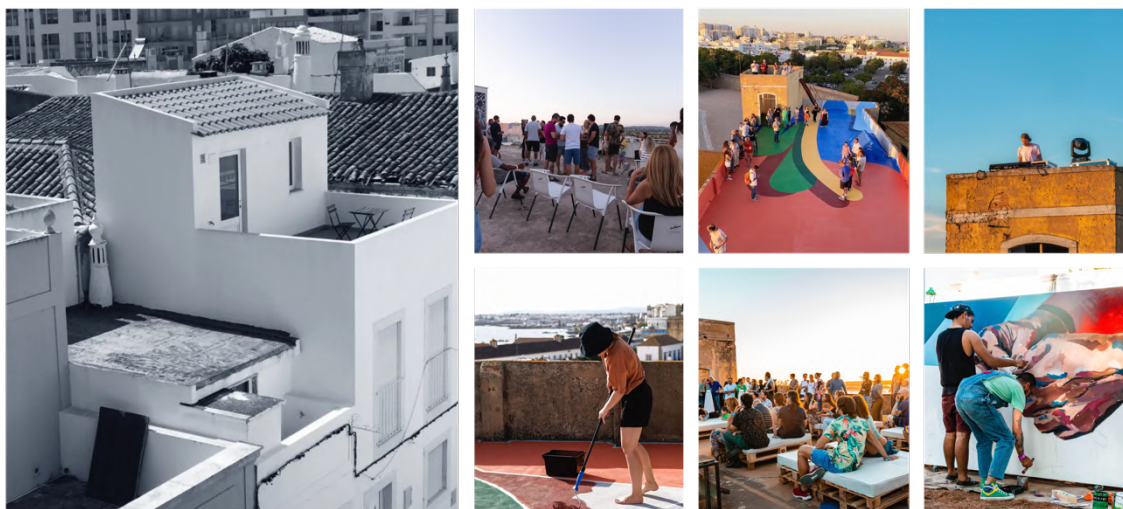
(1) ***Le Tri Postal***, Bruxelas (Bélgica), 2019 - 2022, Communa.

Esta ação consiste numa proposta de usos temporários para a (re)ativação de um edifício devoluto, trabalhando apenas no piso térreo, dadas as suas dimensões. Foi construído em 1957 como sendo um centro de triagem dos correios e adquirido em 1997 com o objetivo de albergar escritórios de uma empresa ferroviária. Desde esse momento que nada foi feito, o que originou a criação de uma petição para uma intervenção efémera e um concurso posterior de formas de atuação para esse espaço, o qual foi ganho pela Communa<sup>2</sup> (Communa, 2022).

A proposta realizada era composta por espaços dedicados à dança e à expressão corporal, sedes de empresas locais, como serviços de entregas realizadas de bicicleta, apoios a projetos locais, associações que se focavam na ajuda a sem-abrigos, oficinas artísticas e bar. Estas atividades colocaram fim a mais de duas décadas de abandono do edifício e tornaram possível dar vida a esta obra e, conseqüentemente, ao seu contexto, mantendo todas as condições encontradas na sua implementação e que se mantiveram assim até ao seu término, o que permitiu que os usos antes previstos na construção do edifício pudessem ser continuados futuramente. Este aspeto denota a vantagem na adaptabilidade que esta prática adotou perante a estrutura a intervir, mantendo-a e preservando-a para novas funções futuras, não condicionando os espaços. E assim aconteceu: o antigo projeto da empresa ferroviária foi continuado, o que levou ao encerramento dessas atividades.

---

<sup>2</sup> Communa, sediada em Ixelles (Bruxelas), caracteriza-se numa organização sem fins lucrativos empenhada em (re)ativar diversos espaços com várias soluções transitórias contribuindo para uma *cidade mais acessível, democrática, resiliente e criativa* (Communa, 2022) através de um envolvimento participativo.



14 – 20 | Açoteia – Faro Rooftop Festival, Município de Faro | Portugal, 2023

(1) **Açoteia – Faro Rooftop Festival**, Faro (Portugal), 2019 - atualidade, Município de Faro.

O festival em questão, que decorre anualmente desde 2019 pelo período de dois dias, tem como objetivo a implementação de um novo olhar sobre as açoteias<sup>3</sup> de vários edifícios através de usos criativos e sustentáveis, permitindo criar perspetivas sobre a cidade e possibilitando aos visitantes o acesso a este tipo de espaços que normalmente estão encerrados ao público (*Açoteia - Faro Rooftop Festival, s/d*).

É desenvolvido pelo Município de Faro, mas conta com a união das forças e *colaboração de associações locais, instituições públicas, empresas públicas e privadas e particulares* (Açoteia - Faro Rooftop Festival, sem data). Desta forma, é contemplado por um programa variado a nível cultural que conta com diversas intervenções musicais, espetáculos performativos, danças, poesia, instalações artísticas, debates, workshops de gastronomia e atividades de exercício físico.

Trata-se de uma ação crescente de ano para ano que tem acolhido cada vez mais espaços, oferecendo-lhes momentos de transformação com novos usos, encorajando um acesso cultural nas suas mais diversas formas à comunidade e um novo olhar funcional e criativo sobre estes espaços mirantes e, ainda, dando oportunidades à comunidade de se fazer um reconhecimento do território e divulgá-lo a todas as pessoas participantes deste festival.

---

<sup>3</sup> *Terraço no alto de uma casa que substitui o telhado; mirante* (definição de Infopedia.pt).



21 – 24 | *Passage 56*, AAA - Atelier d'Architecture Autogérée | França, 2006

(2) ***Passage 56***, Paris (França), 2006 - atualidade, AAA – Atelier d'Architecture Autogérée<sup>4</sup>.

A intervenção francesa localiza-se num lote vazio entre dois edifícios, onde foi considerado não ser possível desenvolver nenhuma atividade particular pelo facto de um dos edifícios abrir vários vãos para este espaço, o que o levou ao seu estado de desocupação. Em 2006, foi decidido dar-lhe um novo rumo com base nalgumas propostas baseadas nas opiniões e contributos de quem frequenta essa área diariamente, desde residentes e associações locais, sendo estes os principais promotores das atividades realizadas. *De forma variada serve como mercado, sala de debates, sala de aula, loteamento, parque, espaço de exposição, centro de distribuição, teatro, escritório, salão de beleza, sala de jantar – o seu carácter coletivo medeia quaisquer demarcações óbvias entre o que é devidamente espaço ou uso ‘público’ ou ‘privado’* (Tonkiss, 2013, p. 317). Para auxílio às atividades, armazenamento de qualquer material utilizado e auxílio no controlo de entrada e saída de pessoas, foram construídas estruturas pontuais em madeira que libertam a maioria do espaço para a realização de eventos e plantações.

Assim, o vazio deu lugar às diferentes vivências proporcionadas por todas as atividades nele ocorridas, demonstrando que da impossibilidade de implementação de funções primeiramente afirmada, passou a ser um local comunitário e dinâmico.

---

<sup>4</sup> AAA – Atelier d'Architecture Autogérée, sediado na mesma cidade, visa a investigação sobre as mutações urbanas emergentes, promovendo projetos e atividades adaptados às necessidades da comunidade local, em espaços devolutos, e nas quais esse grupo de pessoas seja o principal promotor e gestor. Defendem que esse método permite tornar as cidades mais democráticas, espaços mais acessíveis, de relacionamentos e aprendizagens próximos, variados e de autoconhecimento (Atelier d'architecture autogérée, s/d).



25 – 29 | *Urban Vision*, Carlo Ratti Associati | Kosovo, 2022

(2) ***Urban Vision***, Pristina (Kosovo), 2022 – atualidade, CRA – Carlo Ratti Associati<sup>5</sup>.

Consiste num conjunto de intervenções urbanas em espaços públicos subutilizados ou mal aproveitados no âmbito da *Manifesta 14 Pristina*, edição da Bienal Nómada Europeia de 2022. Esta proposta implementa vários elementos inclusivos, temporários e permanentes para diferentes pontos geográficos da cidade baseados nas opiniões da população com uma voz ativa sobre os locais em questão. Para a escolha desses pontos a intervir, foi realizado um mapeamento de áreas que se pudessem tornar em impulsionadores de regeneração urbana. De seguida foram construídos elementos efêmeros, de forma participativa e com baixos custos para, posteriormente e com base na vivência e utilização desses elementos, ser decidido quais se tornariam permanentes, alterados ou retirados. Desta forma, é utilizado o auxílio de toda a população para a contribuição da evolução urbana da sua própria cidade. *Tal metodologia foi aplicada para construir o Green Corridor. Esta antiga via ferroviária de 1,3 quilómetros, que costumava estar cheia de carros abandonados e lixo, foi agora transformada num caminho pedestre com bancos e plantas (Carlo Ratti Associati, s/d).*

---

<sup>5</sup> CRA – Carlo Ratti Associati é um atelier sediado em Turim, Itália, com desenvolvimento de trabalhos nos quais a arquitetura e o planeamento urbano se fundem, tendo sempre presente o recurso a tecnologias vanguardistas onde a inovação torna-se num ponto fundamental a ser implementado em todos os projetos (Carlo Ratti Associati, s/d).



30 – 33 | *The Countryside*, Selvatico Collective | Holanda, 2022

(3) ***The Countryside***, Heerlen (Países Baixos), 2022 - atualidade, Selvatico Collective<sup>6</sup>.

O projeto tem como objetivos a transformação da mancha cinzenta de uma cobertura de um parque de estacionamento com 1200 m<sup>2</sup>, que, até então, não tinha qualquer tipo de uso, num espaço verde. Como preocupação desta intervenção temporária, estiveram presentes as alterações e o seu impacto na biodiversidade, reforçando a importância da criação de plantações e áreas verdes devolvendo à cidade um dinamismo natural e interações orgânicas. As espécies de flora foram escolhidas com base em diferentes padrões que se pudessem obter com a mudança de localização das caixas de madeira que contêm as plantações, definindo percursos e áreas conforme as vontades dos utilizadores, enquanto a composição do espaço se vai alterando ao percorrê-lo devido às cores, cheiros, tamanhos e texturas das plantas (Schunck & Heerlen Rooftop Project, 2022).

Mais do que a (re)ativação deste espaço, esta proposta tirou partido das oportunidades que este local poderia oferecer à comunidade e que, até então, não tinham sido exploradas. Não se pretende modificar de nenhuma forma a estrutura existente, sendo móveis e sustentados em si mesmos todos os novos elementos levados para o local. Como no caso de *Le Tri Postal*, esta característica permite que, assim que esta função chegue ao fim na sua temporalidade, todo o espaço esteja de braços abertos pronto a acolher outro uso.

---

<sup>6</sup> Selvatico Collective define-se como um coletivo multidisciplinar sediado em Amesterdão. Estabelecem estratégias no campo da arquitetura, do design espacial e das artes visuais para explorar as relações entre os corpos (...) adaptando a sua forma e função às necessidades do contexto e da sua envolvente (Selvatico, s/d).



34 | *Praia do Torel*, Junta de Freguesia de Santo António | Portugal, 2021  
(Allegri & Ochoa, 2021, p. 250)

(3) *Praia do Torel*, Lisboa (Portugal), 2014 – 2022, Junta de Freguesia de Santo António.

Esta praia, como indica a sua designação, concretizou a possibilidade de usufruto de banhos proporcionados por uma fonte setecentista, em Lisboa, com uma profundidade variável entre 0,80m e 1,50m. Este uso temporário apenas acontece durante o mês de agosto, podendo estender-se para setembro, e foi lhe imposto uma lotação máxima de trinta pessoas. No entanto, este limite não se cumpriu dada a atração que esta nova função constituiu no tecido urbano e o facto de a sua entrada ser gratuita, o que perfez um total de cerca de 80 mil banhistas no seu ano de inauguração (Público, 2014).

Dado o grande sucesso que esta função obteve, novas atividades juntaram-se a este espaço e, com ele, também beneficiaram economicamente, nomeadamente comércios ambulantes ligados à gastronomia. No entanto, nem só de banhistas foi frequentado este local, pois quem já passeava, lia, fazia piqueniques e disfrutava da vista que o local proporciona continuou a fazê-lo, podendo ainda usufruir de aulas de ginástica, festas e sessões de cinema (Público, 2014).

Este modelo torna-se relevante não só pela nova função adotada para este local, um (re)uso que envolveu uma adaptação simplificada das infraestruturas preexistentes, como a colocação de areia na zona de permanência para um maior conforto das pessoas, mas também pelo ponto de afluência que se tornou e a forma como transformou positivamente o contexto onde se insere, incrementando as vivências do local.



35 – 39 | *Sava Activities*, Openact Architecture + Sara Palomar Studio | Croácia, 2019

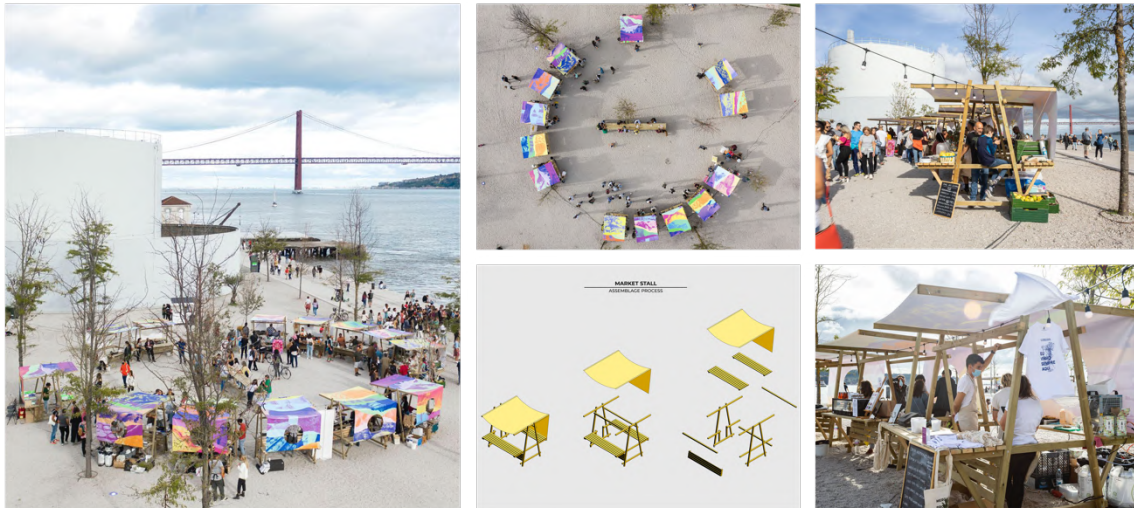
(4) ***Sava Activities***, Zagreb (Croácia), 2019 – atualidade, Openact Architecture<sup>7</sup> + Sara Palomar Studio.

Esta proposta caracteriza-se por diversas instalações que albergam funções distintas e dinamizam o espaço público de modo a usufruir das margens do rio Sava. Foi a vencedora do concurso internacional *European 13 – Adaptable City* que decorreu em 2015, para este local com o propósito de se adaptar às inundações frequentes nas margens deste rio quando o tempo chuvoso predomina. O projeto desenvolve-se em nove espaços instalados ao longo das margens do rio, tendo sido os primeiros executados em 2019, concretizados através de andaimes que definem a estrutura dos objetos e que podem ser desmontados sempre que as condições atmosféricas não permitam a sua utilização devido à subida do nível de água do rio. (Openact Architecture & Sara Palomar Studio, 2020).

Desta forma, este modelo prático torna-se naquele em que mais visível é a prática dos usos temporários, tanto pela efemeridade das estruturas como do próprio programa. Para as diferentes fases e usos pretendidos, as estruturas acompanham um *modus operandi* realizado sempre por andaimes e construções sustentadas pelos mesmos de acordo os diversos fins. Deste modo, é possível verificar a praticabilidade inerente a esta prática de projetar e construir no que envolve a sua montagem e desmontagem e, ainda, na adaptabilidade a variadas circunstâncias de espaço e uso.

---

<sup>7</sup> Openact Architecture tem como objetivo implícito nos seus trabalhos de design a sua distinção através da adaptabilidade aos diferentes contextos, à sua mutação e a diferentes escalas, que proporcionam o usufruto do espaço público e da vida urbana (Openact Architecture, s/d).



40 – 44 | Mercado Temporário no MAAT, FURO | Portugal, 2021

#### (4) *Mercado Temporário no MAAT*, Lisboa (Portugal), 2021, FURO.

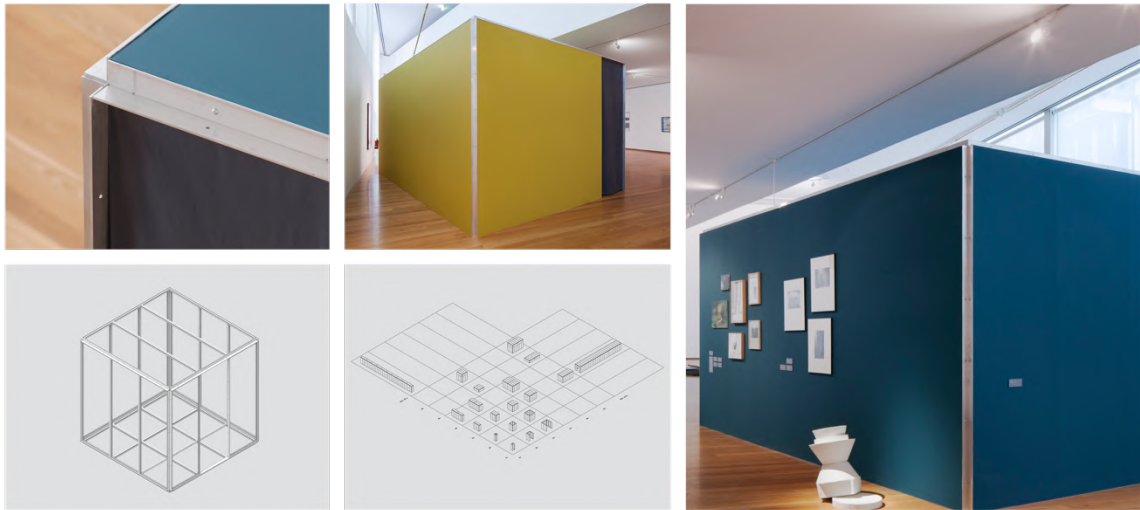
O mercado foi implementado no âmbito das comemorações do quinto aniversário do MAAT - Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia, acompanhado por outras iniciativas ao ar livre. Este mercado organizado pela associação Comida Independente teve como propósito acolher *diversos produtores locais emergentes e ambientalmente conscientes* (FURO, 2021).

O projeto desenvolvido pelo atelier FURO<sup>8</sup> consistiu na conceção de treze bancas estruturadas por madeira e, tendo como informação inicial do seu reduzido período, foram projetadas a pensar na sua desmontagem aquando do término deste mercado e no reaproveitamento dos materiais utilizados para projetos futuros. Foram também utilizadas lonas para proteção dos vendedores tanto ao sol como à chuva (FURO, 2021).

Estas estruturas foram dispostas num desenho circular, voltadas para o interior no qual existia uma mesa longa que convidava ao encontro e convívio. A implementação do projeto teve em consideração as árvores preexistentes, obtendo uma harmonia entre ambos, e uma circulação livre entre este espaço e a sua envolvente.

---

<sup>8</sup> FURO é um atelier de arquitetura fundado em 2014, em Lisboa, e trabalha em duas vertentes: a convencional no que toca ao desenho de novas construções e a reabilitação de edifícios e a experimental que passa pelo desenho de estruturas temporárias, exposições, intervenções e cenários ligados a outras artes (FURO, s/d).



45 – 49 | *Sistema Expositivo na Galeria Municipal do Porto*, Diogo Aguiar Studio | Portugal, 2017

(4) ***Sistema Expositivo na Galeria Municipal do Porto***, Porto (Portugal), 2017, Diogo Aguiar Studio.

Este projeto foi concebido com o propósito de albergar e/ou servir de suporte a várias exposições realizadas na Galeria Municipal do Porto.

Foi desenvolvido pelo atelier Diogo Aguiar Studio<sup>9</sup> e consistiu em estruturas bastante simples que envolviam apenas peças modulares “bidimensionais” e que, combinadas com perfis em forma de L, permitiam a construção de espaços tridimensionais. Esses perfis serviam apenas para a junção de planos formados por uma determinada quantidade de módulos, diferenciando assim as dimensões dos espaços montáveis de acordo com as necessidades exigidas para cada exposição. Estes módulos tinham a particularidade de lhes ser atribuídos diversas materialidades, tornando-se numa proposta ainda mais versátil (Diogo Aguiar Studio, 2017).

Conhecendo o espaço a atuar, no qual foram instaladas estas peças, foi possível atribuir uma dimensão única ao módulo e replicá-lo as vezes necessárias, contando sempre com aquelas dimensões fixas e as variadas que o somatório dessas poderia gerar.

---

<sup>9</sup> Diogo Aguiar Studio é um atelier situado no Porto, fundado em 2016, onde o seu trabalho opera assumidamente nos campos da arquitetura e da arte. Desde o desenho de edifícios ao desenho de intervenções efémeras, o seu trabalho passa muito por desenhos geométricos e criativos, onde a exploração por diferentes materialidades e texturas está sempre presente (Diogo Aguiar Studio, 2017).

Após o estudo de práticas intermitentes, em diferentes contextos e mediante diferentes abordagens, é possível compreender que estas formas de atuação são amplas, diversificadas e moldáveis a várias situações. A adaptação às estruturas onde se desenvolvem, ou até às infraestruturas e espaços vagos, denotam uma prévia compreensão e leitura dos vários locais e das pessoas a que se dirigem. Não existe um método único de atuar, tal como em todos os campos abrangentes pela arquitetura, e muito menos um método construtivo passível de ser adotado. Existe uma oferta ampla de soluções e, tratando-se de usos temporários, o leque torna-se ainda maior, podendo ser adotadas ofertas de variadas materialidades, tonalidades e transformando elementos naturais nessa forma de produzir arquitetura onde seja possível identificar com maior relevância a efemeridade.

Relativamente aos materiais utilizados e ao seu processo de construção, deve estar sempre presente o fator de montagem e desmontagem de todas as estruturas por diversos motivos: quer seja por razões alheias à vontade humana, como no caso de *Sava Activities* devido à subida do nível das águas do rio, quer no caso de insucesso do uso realizado, libertando os espaços a novas possibilidades, reforçando a ideia experimental que estas estruturas conferem, e ainda, na reutilização das mesmas à adaptação a novas funções.



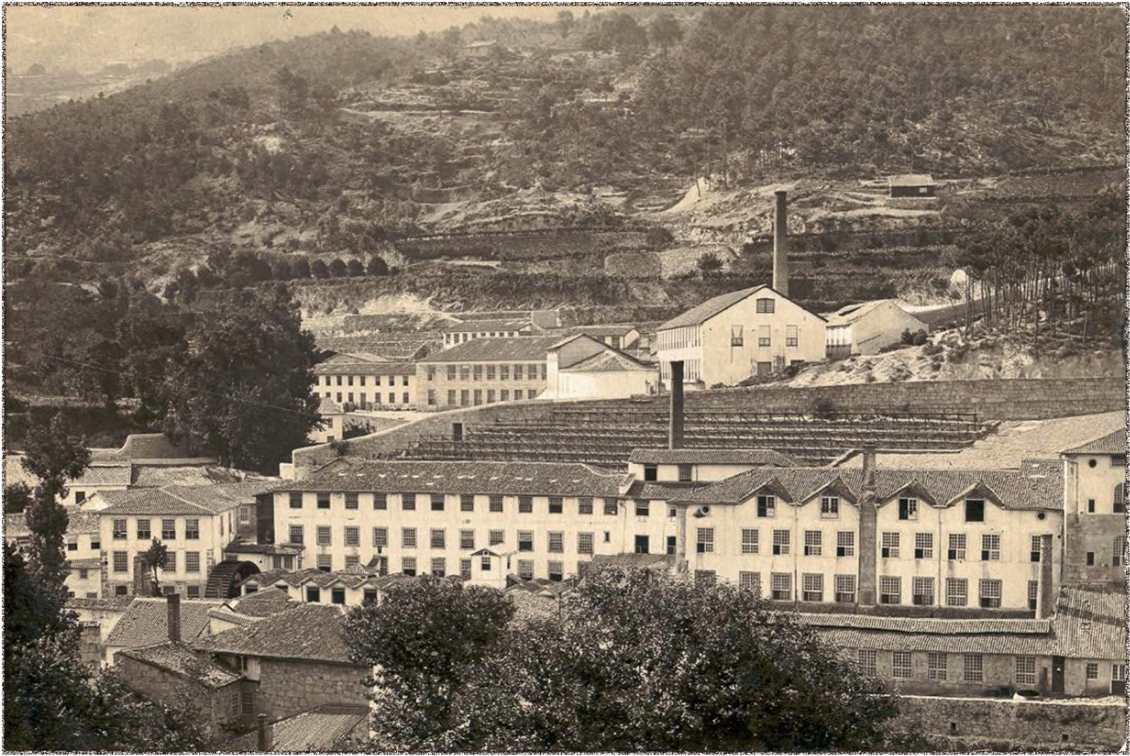


## 1. Espaços devolutos na cidade da Covilhã

*A indústria ia crescendo sempre. Agora não eram grandes apenas a casa do deus dos homens e as casas das fábricas; ao lado destas, outras casas grandes tinham surgido – as residências dos industriais. E todo o país falava da prosperidade da Covilhã* (de Castro, 1990, p. 13).

Foram as condições naturais e geográficas da encosta da Serra da Estrela que influenciaram a área de implantação da cidade da Covilhã e o seu desenvolvimento. As ribeiras da Carpinteira e da Goldra definiram a localização dos principais polos de dinamização e progressão daquela que viria a ser conhecida como *cidade-fábrica*, uma vez que a força hidráulica foi reconhecida como uma oportunidade à evolução da indústria dos lanifícios que se veio a demarcar como a atividade principal de fonte de rendimento da cidade. É deste modo que, desde o século XV, se encontravam os primeiros vestígios artesanais ligados à indústria junto às ribeiras, que progrediram até alterar significativamente a paisagem preexistente e impor-lhe uma imagem industrial (fig. 51): momentos artificiais sobre uma base natural, inculcando-lhe novas atividades, ruídos, cheiros e expressões visuais. Outros fatores se associam, como a transformação da encosta da serra em socalcos, de modo a albergar os restantes processos de fabricação dos tecidos, nos quais o auxílio da luz solar é imprescindível (Pinheiro, 2009b).

O crescimento da atividade fabril foi notório originando ampliações de infraestruturas, aspeto que definiu mais tarde a estrutura da cidade da Covilhã delimitada, a norte, pela ribeira da Carpinteira e, a sul, pela ribeira do Goldra, e que inculuiu uma identidade autêntica, que moldou também a vertente social e lhe conferiu um caso particular no desenvolvimento urbanístico do país (Pinheiro, 2009b).



No entanto, deslocado desta aglomeração de fábricas junto aos cursos de água, existia um outro polo de atividades que não necessitava deste elemento natural e que se pudera desenvolver na zona do centro histórico, como ainda hoje são visíveis algumas construções domésticas e oficiais. Assim são diferenciados três núcleos distintos da indústria que deu origem a esta cidade (Folgado, 2009).

Esta realidade singular atingiu, em certa altura, um momento de declínio que a levou a uma mudança de paradigma e a modificou. Muitas destas infraestruturas viram-se entregues à sua própria sorte: desprovidas de qualquer tipo de atividade e propósito, anunciadas a uma decadência gradual, contrastando com a vida e euforia laboral antes vivenciadas nestes espaços. É neste ponto histórico e de viragem desta estrutura urbana que é essencial ocorrer uma reinvenção, onde o ensino é encarado como uma oportunidade e ferramenta de revitalização (Pinheiro, 2009b).

A Universidade da Beira Interior, fundada como Instituto Politécnico da Covilhã em 1973, constituiu-se como um elemento fundamental deste processo, não só pelas mudanças sociais que impôs, mas também pelo aproveitamento de muitos desses imóveis fabris abandonados para albergar as funções de ensino necessárias. Desta forma, estaria, já há época, a diminuir impactos a nível ecológico no que diz respeito ao (re)uso das edificações já existentes, a preservar o património e a salvaguardar a memória e identidade da cidade, enaltecendo o respeito, esforço e trabalho de todas as pessoas que, um dia, contribuíram para a construção das mesmas (Ochoa & Miranda, 2016; Pinheiro, 2009b).

Mas nem todos os edifícios que constituíam este património tiveram a mesma sorte, sendo um número significativo deixados continuamente ao abandono, o que levou muitos deles ao estado de ruínas e que acabam por denegrir a imagem da cidade. Este resultado surge quer seja pelo investimento em áreas novas de expansão e pelo apostar-se em edifícios construídos de raiz, e consequentemente desinteresse pela reabilitação de edifícios devolutos localizados nas zonas com cotas mais elevadas da cidade (junto às ribeiras por exemplo), quer à falta de investimentos no centro histórico devido às dificuldades acrescidas associadas às intervenções efetuadas nestes contextos onde as margens de manobra são mais contidas.

É por grande responsabilidade destes fatores que, atualmente, é possível encontrar espaços devolutos espalhados por toda a cidade, que compõem uma paisagem menos apelativa, mas, ao mesmo tempo, plena de oportunidades e lugares passíveis de serem revitalizados.



52 | Património industrial devoluto | Covilhã, 2022

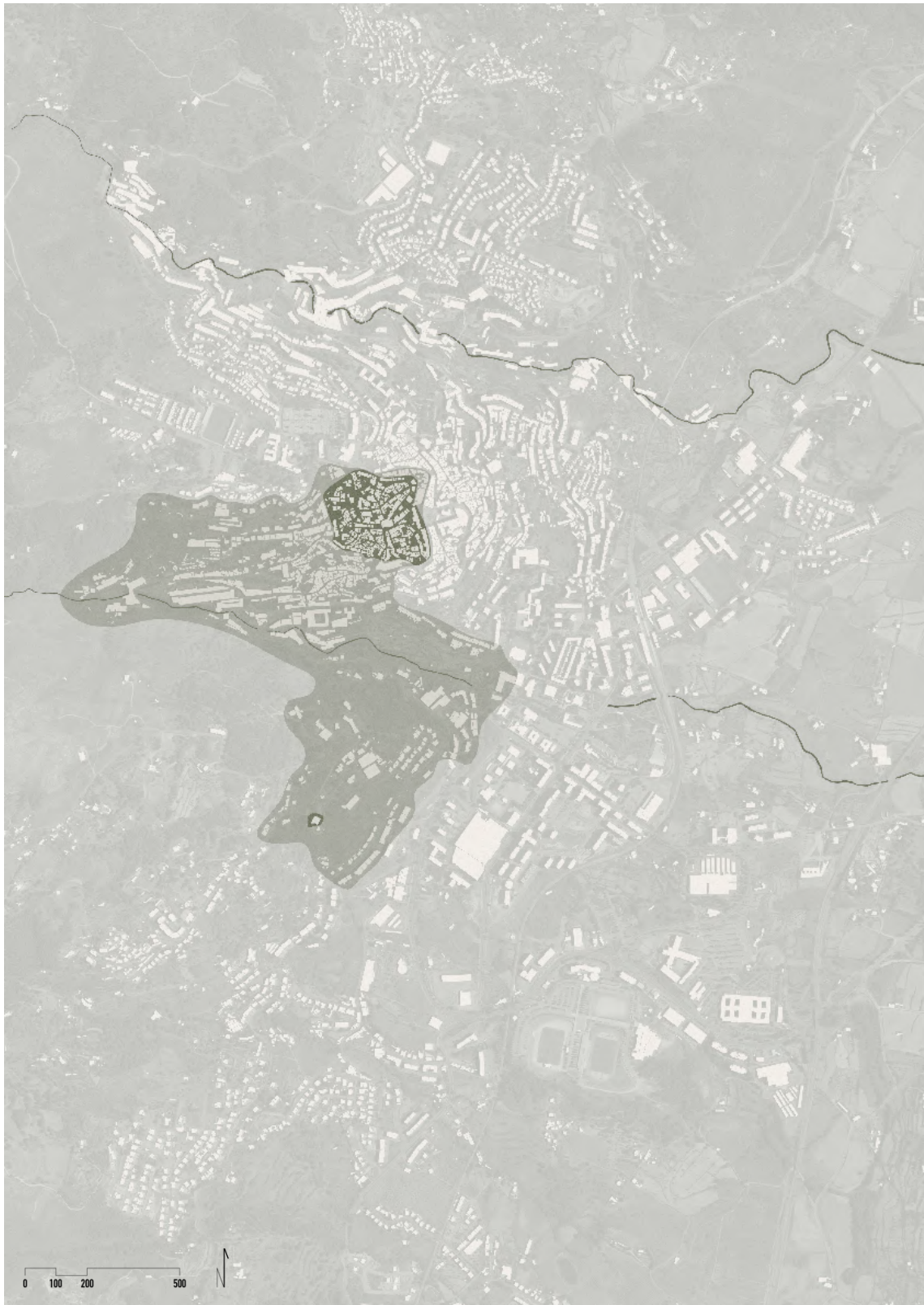
# 1. Espaços devolutos na cidade da Covilhã

## **Mapeamento**

Os percursos realizados quotidianamente na Covilhã e encarar vezes sem conta o fenómeno de uma decadência gradual do património (fig. 52), que durante muito tempo e ainda hoje identifica a cidade, suscitou o interesse em realizar um mapeamento de espaços devolutos existentes. Este registo é realizado com o intuito que os mesmos passem a ser posteriormente alvos de intervenção, invertendo a realidade atual.

A elaboração desse mapeamento justifica-se pelo facto de reunir todos os espaços potenciais de serem pontos de regeneração urbana de uma parte da cidade, com a intenção futura que este trabalho seja continuado para as restantes áreas da cidade, demonstrando as zonas mais afetadas por essa desocupação e a quantidade de espaços nessas condições. Devido à amplitude de espaços passíveis de serem incluídos neste mapeamento, foi necessária a definição de critérios e o estudo da mancha com maior relevância a mapear, bem como a recolha de bases e o reconhecimento do território.

Para o início e auxílio deste processo, foi adotada a planta da cidade da Covilhã, homologada em 2021, por parte da Divisão de Urbanismo da Câmara Municipal da Covilhã, na qual já constavam alguns edifícios em estado de ruína de todo o tipo funcional. Outro elemento de apoio tratou-se de um levantamento do património industrial da Covilhã, registado no volume II da *Rota da lã transiana: percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)* que teve por base critérios para a seleção das unidades patrimoniais no âmbito do *Inventário do Património Industrial realizado conjuntamente pela UBI-Museu de Lanifícios e o IPPAR (Instituto Português do Património Arquitetónico)*, entre



1999 e 2001 (Pinheiro, 2009a, p. 465), tais como a exclusão de edifícios localizados fora do tecido urbano ou inseridos em áreas com o propósito de apenas acolher construções industriais. No entanto, tendo em conta todas as alterações e demolições afetas a esse conjunto edificado, foi verificado e selecionado também o património industrial posterior a 1950, mantendo a exceção do que teria sido construído em parques industriais. Este rigoroso processo teve início em março de 2003 e decorreu até agosto de 2008 (Pinheiro, 2009a).

Assim, foram definidos alguns critérios para os perímetros a mapear, tendo em conta, não só mas também, os seguintes espaços e áreas (fig. 53):

- A localização ao longo das duas ribeiras, Carpinteira e Goldra, cuja sua existência teve um impacto importantíssimo na escolha e decisão da implantação do património industrial, e que integra muitos dos espaços em estado devoluto e passíveis de serem intervencionados;
- A área correspondente ao centro histórico, mais especificamente a área entre muralhas, uma vez que a mesma foi integrada na proposta de 2014 para Área de Reabilitação Urbana (ARU), que visava promover a reabilitação do centro urbano da cidade, desde o espaço público ao edificado promovendo a melhoria da qualidade de vida dos seus habitantes e a preservação da identidade da cidade (Câmara Municipal da Covilhã, 2014). A área em questão foi também alvo de estudo anteriormente em 2011 quanto aos seus espaços devolutos, tendo estes sido mapeados numa dissertação de mestrado integrado em Arquitetura da mesma instituição da presente investigação (Lopes, 2011). Após estas sucessivas tentativas ao longo dos anos e atendendo ao seu estado contínuo de decadência, faz sentido que também neste trabalho esta zona da cidade seja incorporada para que, através deste mapeamento, possa ser repensada e revitalizada;
- A Torre de Santo António, uma infraestrutura embargada e devoluta que, dada a sua localização, a sua dimensão vertical e o seu aspeto degradado, detém um impacto paisagístico negativo na cidade, revelando-se pertinente o seu questionamento para uma integração funcional no seu contexto dentro da abordagem dos usos temporários, (re)ativando-a e tornando este marco da cidade num objeto gerador de novas atividades.



54 | Identificação dos espaços devolutos mapeados

Após a localização de cada uma dessas manchas geográficas, optou-se por estudar apenas a área envolvente à ribeira da Goldra, tal como todos os espaços devolutos localizados junto à mesma, pela sua aproximação geográfica ao centro histórico intramuralhas e à Torre de Santo António, excluindo-se assim a área envolvente da ribeira da Carpinteira. Com a junção de todas as áreas e elementos é definida a mancha de mapeamento final em estudo.

Através do contacto direto com o território, explorando ruas e ruelas, é construído o próximo passo de todo este processo: a identificação e localização dos espaços abandonados inseridos na área definida (fig. 54). Desses constatam-se espaços bastante diversificados entre si, desde edifícios desativados pertencentes ao património industrial, a inúmeras construções de dimensões domésticas onde os vestígios da degradação são evidentes, ruínas que disputam a sua presença com a vegetação crescente e descontrolada e onde o céu se torna a sua cobertura, e obras suspensas nas quais motivos financeiros não permitiram que chegassem a desempenhar as suas funções.

O reconhecimento do território permitiu a observação e identificação de variados espaços devolutos com distintos estados de conservação: desde edificações que ao longo do tempo foram sendo alvos de manutenções para que, no presente, permaneçam erguidas, mesmo sem vida humana no seu interior, a ruínas nas quais o acesso ao seu espaço íntimo é permitido pela ausência de proteções e de elementos de encerramento dos seus vãos, e ainda a ruínas com um estado de degradação elevado onde apenas se verificam todas ou algumas das suas fachadas, completamente expostas a todos os tipos de intempéries e que vão desaparecendo da paisagem urbana.

De forma a considerar todos esses espaços desocupados, incluindo edificações com um bom estado de conservação e lotes nos quais outrora existiram edificações, foram verificados diversos aspetos para que esse mapeamento fosse o mais fidedigno possível, uma vez que não seria possível a entrada em cada um deles nem o contacto com cada um dos seus proprietários para se constatar tal verificação.

Cada um desses objetos identificados foi analisado com base nas suas características exteriores, onde os vestígios de degradação foram essenciais para a sua classificação, tais como vãos completamente abertos sem nenhum dispositivo que permitisse o seu encerramento, vãos com proteções, mas entreabertos de forma permanente, e com o qual era possível verificar que no seu interior não existiam sinais de habitabilidade, a omissão de vãos através do seu preenchimento com materiais de construção para que esses espaços não sejam invadidos e vandalizados com o decorrer do tempo, a inexistência de cobertura por falta de manutenção ao longo dos anos e que, como consequência, permite que organismos naturais se desenvolvam no interior desse vazio, a acumulação de correspondência e folhetos publicitários presos nas entradas das caixas de correio, a vegetação que esconde as entradas para as edificações e que não permite a entrada e saída de pessoas desses espaços e a apropriação humana inadequada como marcas de vandalismo.



55 | Localização dos três locais de intervenção

A estes aspetos acrescenta-se o facto de este mapeamento ser efetuado com um (re)conhecimento anteriormente adquirido ao longo dos anos pelo autor desta dissertação, no qual percursos efetuados e o contacto com alguns desses elementos eram realizados frequentemente.

Após a conclusão do mapeamento em questão, que requereu intensivas caminhadas pela cidade da Covilhã, foi selecionado um conjunto de espaços como alvos de intervenção que abrangessem diversas áreas da cidade. Em simultâneo, pretendia-se também que se diferenciasssem uns dos outros pelas suas características, mais concretamente, que estivessem ligados ao património industrial, que representassem um vazio urbano no centro da cidade ou, ainda, por se constituírem num objeto edificado com uma presença significativa na paisagem citadina. Desta forma, são escolhidos três espaços: 1. o vazio urbano contíguo ao encontro da Rua de Olivença com a Rua Pedro Alves, junto ao Mercado Municipal; 2. a Torre de Santo António, próxima do bairro com a mesma designação, a sudoeste, e ladeada pela Travessa da Rua Morais do Convento; 3. a ruína fabril Valério Gomes Correia & Irmão (Pisão Novo), perto da Faculdade de Engenharias da UBI (fig. 55).

Serão estes três espaços que vão responder ao desafio de acolher usos temporários em exercícios de projeto arquitetónico de modo a serem (re)ativados e ganharem novamente vida, tendo em conta análises às envolventes e a cada um dos espaços, realizadas no capítulo seguinte, com a finalidade de definir os usos a adotar em cada um.



## 2. Identificação de Usos

*O exercício da observação é prioritário para um arquitecto. Quanto mais observamos, tanto mais clara surgirá a essência do objecto. E esta consolidar-se-á como conhecimento vago, instintivo* (Siza, 2000, p. 135).

A fase seguinte deste trabalho incide nas funções a adotar em cada um dos três espaços escolhidos, para serem alvos de um exercício projetual na etapa seguinte e, para tal, é necessário conhecê-los. É essencial, a qualquer profissional do campo da arquitetura estar, reconhecer e viver cada *lugar* antes de aplicar qualquer gesto sobre os mesmos. Só assim, e com base numa profunda conexão com os espaços, é possível produzir um trabalho adequado e bem integrado tanto no local, respeitando todas as suas características, como para os seus utilizadores. Trata-se sempre de um processo pessoal de quem desenha as espacialidades, e que reúne variadas referências, muitas delas não conscientes, mas que definem o tipo, a espessura, a rigidez e a forma do traço que permite oferecer a cada local a melhor e mais consciente das propostas.

(De cima para baixo)

**56** | Vazio urbano junto ao Mercado Municipal  
Covilhã, 2022

**57** | Torre de Santo António  
Covilhã, 2022

**58** | Ruína fabril Valério Gomes Correia & Irmão (Pisão Novo)  
Covilhã, 2022



**59** | Características visíveis da passagem do tempo em espaços devolutos  
Covilhã | 2022

Com o intuito de transmitir e dar a conhecer cada espaço, recorreu-se a uma ferramenta multimédia, o vídeo, que permite imediatamente utilizar dois dos sentidos, a visão e a audição. Com esta associação que esse método proporciona, é possível também transmitir as texturas, sensações inalcançáveis a quem visualiza o conteúdo do vídeo e que nunca tenha estado no local representado, mas imagináveis com base nas experiências vividas de cada pessoa, tornando-se possível uma sentida aproximação ao cenário retratado. Nesta recolha de informações, também através da utilização do vídeo, é dada a oportunidade de catalogar evidências, vivências e usos que organicamente se desenvolveram nos espaços, observando com mais detalhe os vários pormenores pertencentes a cada um, bem como os diferentes pontos de vista e ângulos, procurando reconhecer e imaginar novos usos e atividades.

Em todos os espaços devolutos escolhidos é comum uma expressão sombria onde elementos naturais e artificiais se fundem, provocando nostalgia de experiências, momentos, partilhas e sentimentos vividos (fig. 59). No entanto, a existência da natureza espontânea ou o seu controlo, as marcas dos percursos e vivências deixadas pelos diversos seres vivos, o estado de degradação ou de conservação dos elementos construídos, os vestígios dos diferentes agentes que diariamente se deparam com estes locais, dão a oportunidade de desvendar pistas e produzir conclusões muitos pertinentes relativas à utilização presente e às atividades futuras mais adequadas a abordar, reunidas na forma de coleção de observações num único ficheiro (Pereira & Sarmento, 2019a).

De forma a revelar tais evidências dos três espaços, foi então realizado um vídeo de cada local representativos das realidades vividas, dois dos quais com a oportunidade de retratar os mesmos cenários em momentos sazonais distintos. Não se tratando de imagens estáticas, desenhos ou outros elementos capazes de se integrarem neste documento, é disponibilizado o link para possibilitar a visualização dos conteúdos:

<https://ubipt->

[my.sharepoint.com/:f:/r/personal/joel\\_filipe\\_ubi\\_pt/Documents/V%C3%ADdeos\\_Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Joel%20Filipe?csf=1&web=1&e=1FHpcV](https://my.sharepoint.com/:f:/r/personal/joel_filipe_ubi_pt/Documents/V%C3%ADdeos_Disserta%C3%A7%C3%A3o_Joel%20Filipe?csf=1&web=1&e=1FHpcV)

Para a passagem da análise desses elementos para uma concretização na transformação desse tipo de espaços, mesmo com abordagens temporárias, Oliveira (2019) define três abordagens a adotar com base numa categorização por si delineada: *um uso*, *uma ocupação intersticial*, e *uma indeterminação*.

- *Um uso*: recorrer a elementos que não existem no local, criando atividades específicas, como a colocação de mobiliário com o propósito de criar momentos de convívio entre a comunidade, estruturas que auxiliem na realização de feiras ou outro tipo de eventos, quer comerciais ou desportivos, e ainda adaptar as ruínas que possam existir para a criação de jardins verticais, por exemplo;

- *Uma ocupação intersticial*: evidenciar e reforçar a biodiversidade existente de modo a cultivar a organicidade dos seres vivos que se possam ter apropriado do estado desocupado e tornar-se num meio pedagógico, especialmente para as crianças que muitas vezes não têm a oportunidade de estabelecer este contacto com as vidas naturais pouco visíveis em ambientes urbanos, ou, ainda, o aproveitamento dos alargamentos nas faixas pedonais dos arruamentos para a plantação de árvores e a colocação de baloiços;

- *Uma indeterminação*: proteger e acompanhar a vegetação que nasce e cresce em espaços com condições adversas em relação ao seu habitat e perceber a forma de como domina essas mesmas condições, adaptando-se e adaptando os restantes seres vivos à sua presença, tornando evidente o desenvolvimento da vida natural.

A partir destas três abordagens, com a reunião de diversas formas de atuar, tendo em conta os três espaços escolhidos na fase anterior, opta-se pela implementação de estruturas auxiliares a vários usos que são determinados através de análises a cada contexto, às suas funções praticadas e às necessidades sentidas, e ainda *ocupações intersticiais* que permitem reconhecer a propagação dos elementos orgânicos nestes espaços apoiando o carácter temporário dos novos usos e acentuarem, na sua forma física, as suas transformações com a passagem do tempo.





60 | Planta de implantação do vazio urbano junto ao Mercado Municipal

## 2. Identificação de Usos

### **Junto ao Mercado**

O primeiro espaço selecionado para intervenção é o vazio urbano contíguo ao encontro da Rua Pedro Alves com a Rua de Olivença, estando esta a separar o local em questão do Mercado Municipal (fig.60).

Situado numa zona com bastante afluência de tráfego automóvel e pedonal, este espaço é composto por ruínas que compõem apenas algumas das suas fachadas e que protegem, em certos momentos, o seu interior com vestígios de alguns elementos construtivos preexistentes, o que tornou este lote num campo aberto, livre e disponível a novas oportunidades.

Atendendo a estas características, é evidente o crescimento descontrolado da natureza que se apropria de toda a área livre e ainda das ruínas existentes, libertando apenas o desenho que o caminho de pé posto concretiza e que quebra em duas partes este lote (fig. 61). Acompanhando este processo, surgem naturalmente outros seres vivos que passam a fazer deste vazio o seu abrigo, criando vivências e paisagens visuais e sonoras.



61 | Caminho de pé posto e alternativas ao mesmo

Em relação à sua envolvente (fig. 62) encontram-se algumas funções de carácter comercial próximas, concretamente o Mercado Municipal, que continua a dar lugar a produtores e aos seus produtos regionais, essenciais para uma parte da economia local. Mais afastadas, existem outras entidades com uma grande importância para o desenvolvimento da cidade como o polo principal da Universidade da Beira Interior, a sua Biblioteca Central, espaços expositivos e de divulgação cultural e ainda estruturas comerciais que estimulam a compra de produtos alimentares, decorativos ou funcionais e nacionais de um leque variado de artistas e artesãos.

Desta forma, percebe-se que o local a trabalhar pode absorver várias características que o seu contexto lhe proporciona, transformando-as em mais-valias para a comunidade, tais como, a partir da vertente mais comercial e do cultivo de produtos locais, estender as práticas exercidas no Mercado até a este espaço e propiciar a divulgação e transmissão de conhecimento sobre alimentos, diferentes maneiras de os consumir, modos de cozinhar e tratamentos naturais à base de plantas, por exemplo. Este tipo de workshops pode ser bastante interessante e benéfico para a população mais envelhecida que habita e compõe essencialmente esta envolvente, por não ter a oportunidade de adquirir este tipo de conhecimento facilmente, mas também a uma faixa etária mais jovem, pelo facto de ser um ponto de passagem de muitos estudantes que frequentam a universidade e terem a possibilidade de ficarem a conhecer melhor a região e o que esta oferece.



**62** | Funções descritas na envolvente do espaço a intervir, bem como a Rua Conselheiro António Pedroso dos Santos, assinalada pela linha verde

A auxiliar e a fomentar este aspeto pedagógico são pensadas possibilidades de aprofundar esse conhecimento com a concretização de locais para hortas e estufas relevantes à aprendizagem e visitas de grupos escolares.

Complementando estas atividades e influenciadas pelas práticas exercidas no Mercado Municipal, considera-se que este espaço pode acolher pequenos negócios locais que estão a cair no desuso e no esquecimento, mas que são ainda bastante importantes para o panorama funcional da cidade, tais como sapateiros, o profissional que realiza cópias de chaves, o mecânico que repara variados instrumentos relacionados com a produção agrícola, entre muitos outros ofícios que possam remeter a este tipo de atividades locais semelhantes às ainda existentes na Rua Conselheiro António Pedroso dos Santos, a sul do local a intervir, como os barbeiros.

Como referido no início desta descrição espacial, trata-se de um local com bastantes fluxos, pelo qual pretende-se que exista uma quebra nessa agitação e que passem a existir também momentos de encontro, partilha e pausa, seja através de áreas de piqueniques ou de convívios ao abrigo de vegetação colocada em canteiros móveis ou de estruturas disponíveis para esse efeito. Respondendo ainda às funções de carácter cultural e reforçando a transmissão de conhecimento, este espaço pode ter a oportunidade de receber exposições e intervenções, acolhendo também uma componente artística.



63 | Planta de implantação da Torre de Santo António

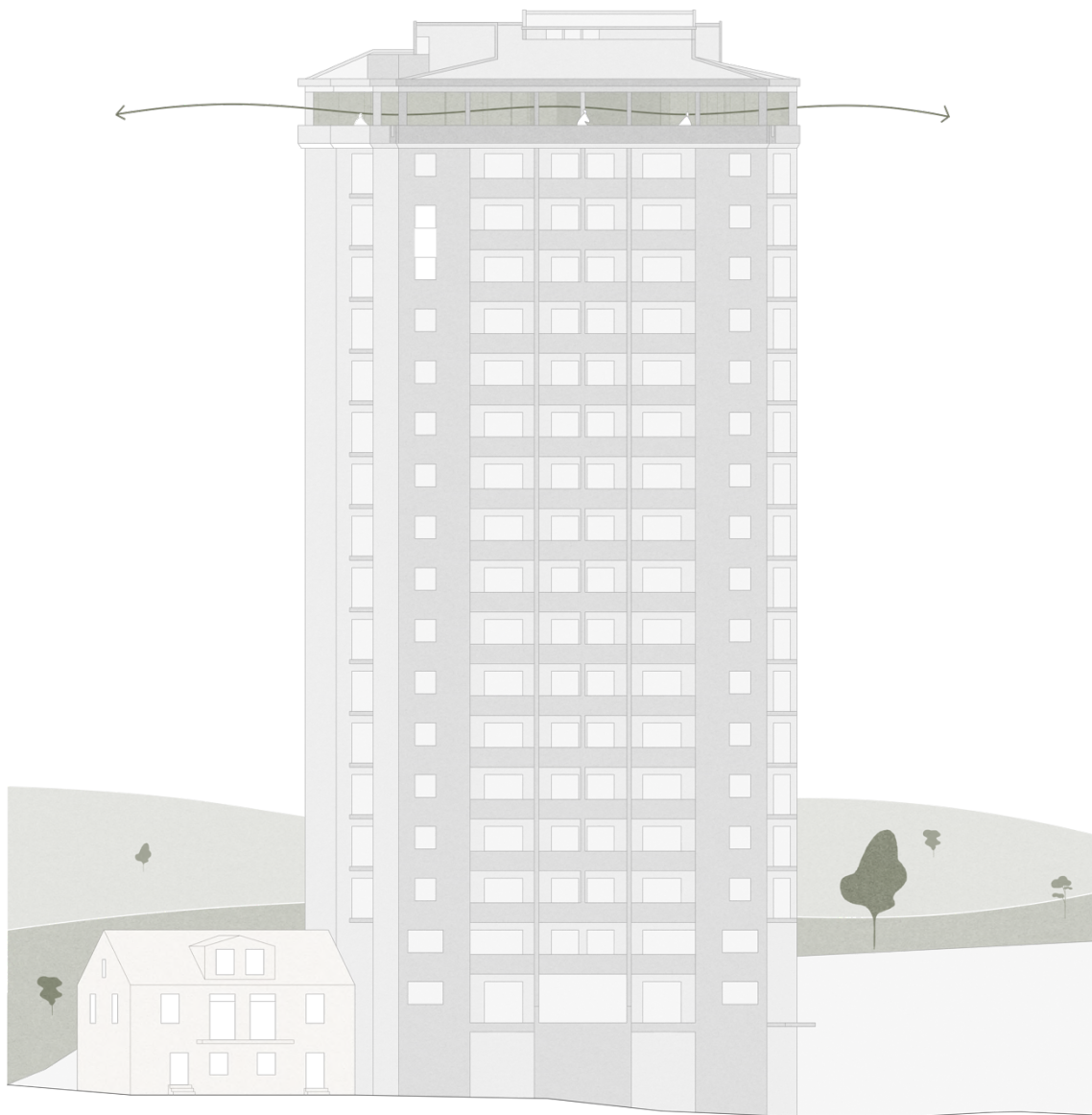
## 2. Identificação de Usos

### **Torre de Santo António**

O segundo espaço selecionado é a Torre de Santo António, localizada próxima do bairro com a mesma designação, a sudoeste, e ladeada pela Travessa da Rua Morais do Convento (fig. 63).

A Torre de Santo António, como ficou conhecida, representa, no presente, um marco conhecido por toda a população covilhanense e residentes próximos a esta cidade, devido ao seu grande impacto visual na encosta da Serra da Estrela, visível até noutras localidades próximas. O seu projeto original, realizado pelo arquiteto Fernando Pinto de Sousa em 1972, contemplava a edificação de outras duas torres que não foram construídas devido a motivos monetários por parte da empresa construtora. Desde aí que várias propostas surgiram para a sua aquisição, tanto por parte de particulares como da Câmara Municipal da Covilhã, para o desenvolvimento de uma unidade hoteleira, entre outras funções. Com o passar dos anos e o seu estado de estagnação foi criado um mito de que estaria inclinada, razão para que a sua construção não fosse concluída. Desde 2019 que a sua fachada sudeste tem servido para sustentar uma instalação de luzes que desenham uma árvore natalícia visível para a Cova da Beira. Em 2022, a obra foi adquirida por uma empresa de Lisboa que tem um programa habitacional para integrar nesta estrutura (Geraldès, 2023) (dissertação ainda não publicada, mas que gentilmente foi cedida pelo seu autor).

Ao longo dos vários anos tanto o programa como o número de pisos que o projeto original determinava foram sendo modificados pelo mesmo arquiteto, propondo alguns projetos de alterações, entre as quais a implementação de um restaurante panorâmico no último piso e modificações nas suas fachadas e na cobertura. Entre 1996 e 1998, surgem mudanças significativas ao projeto original através da implementação de dois blocos a poente e a nascente



da torre e que se pretendiam erguer até ao seu sexto piso. Este conjunto de edifícios pretendiam caracterizar-se apenas como um único volume que se estendia na horizontal e compreendia uma base de modo a minimizar o impacto vertical da torre principal. Em 2005 e 2006 surgem novas retificações ao projeto anterior a nível programático (Geraldès, 2023).

Nos dias de hoje, trata-se de uma obra embargada, completamente ao abandono, com marcas de degradação e vandalismo e é apenas observável, na sua maioria, o seu esqueleto. Trata-se de um edifício com uma escala única na Covilhã, composto por dezassete pisos, sendo a maioria destinados a habitação, exceto os do rés-do-chão, os que se encontram por baixo desse e o último. Este, situado no ponto mais alto do edifício, é diferenciado de todos os restantes pela sua característica única de ponto de observação panorâmica privilegiado para toda a envolvente (fig. 64). Situa-se num local pouco urbanizado, paticamente isolada, estando apenas acompanhada por duas habitações unifamiliares muito próximas. O seu acesso é feito por uma estrada secundária usada maioritariamente por estudantes, pessoas que residem na envolvente e ainda por caminhantes de fins de semana que escolhem esta zona mais sossegada da cidade para a prática de exercício físico. Já ao nível de serviços que se encontram nas suas proximidades existem equipamentos académicos, como instalações de ensino, residências, pavilhões desportivos e, a mais alguns metros de distância, a reitoria e outros serviços administrativos. São encontrados também alguns estabelecimentos comerciais pertencentes ao ramo alimentar.

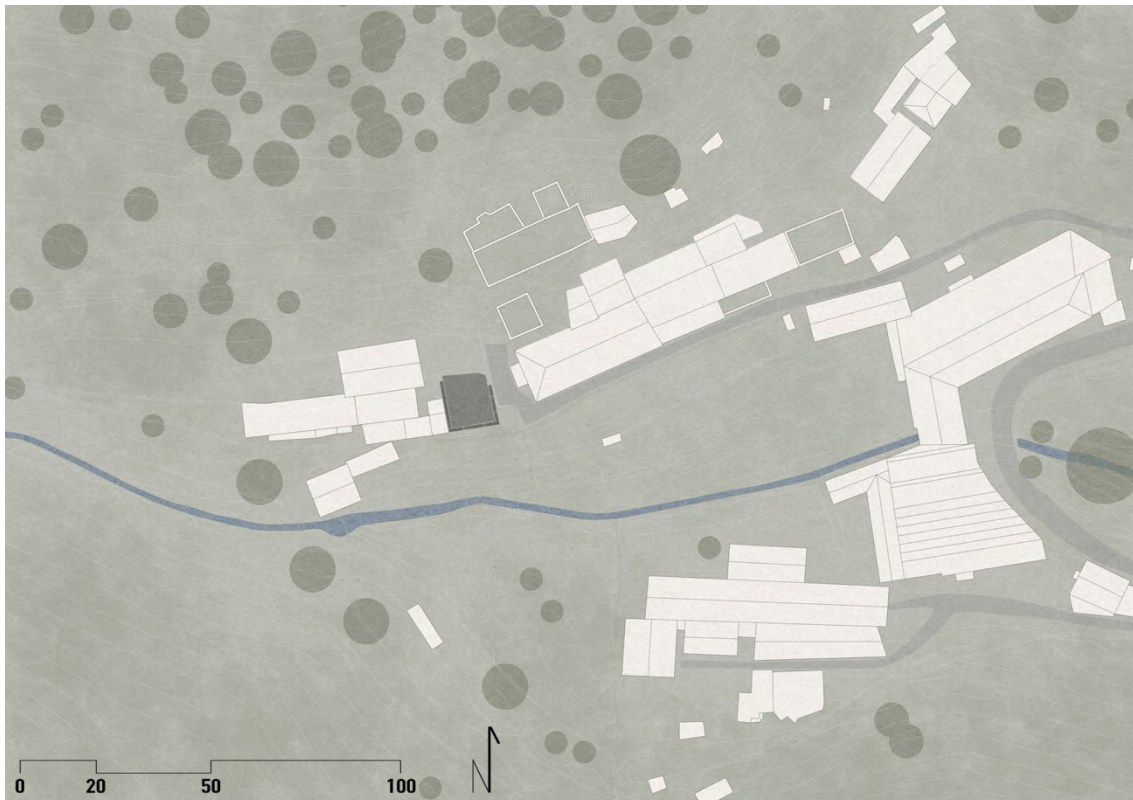


**65** | Localização da comunidade residente no bairro de Santo António, a sudoeste, e da comunidade estudantil, a nordeste.

A sua localização pode ser encarada também como um momento de charneira de duas realidades distintas da cidade da Covilhã: a comunidade residente permanente no bairro de Santo António, a sudoeste, e a comunidade estudantil, a nordeste (fig. 65). Estas duas vivências sobrepõem-se no quotidiano citadino e este ponto geográfico torna-se fundamental para o seu cruzamento e impulsionador de relações sociais.

Existindo apenas a estrutura aparente do edifício, este possui a capacidade de albergar inúmeras funções e gerar novas atividades que visam beneficiar especialmente as comunidades que o avistam diariamente, alimentando esta oportunidade de estabelecer relações entre diferentes camadas sociais e aumentando a diversidade e o cruzamento de vivências. Seguindo esta intenção de aproximação, é definido um espaço que prolongue as funções exercidas nas instalações universitárias próximas, nomeadamente no polo de desporto, implementando a prática de exercício físico neste local.

Esta atividade dá possibilidade aos estudantes de aplicar os seus conhecimentos académicos, em termos de modalidades físicas, e transmiti-los à comunidade covilhanense através de variadas atividades e exercícios, apresentações ou workshops. Estas atividades podem ser complementadas com outras dinâmicas, como projeção e visualização de conteúdos multimédia relacionados com o corpo, saúde física e mental, quando associadas ao propósito principal do programa a adotar, ou ainda sobre outros temas e conteúdos de lazer, dando também oportunidade ao convívio numa zona destinada a bar, usufruindo da paisagem envolvente.



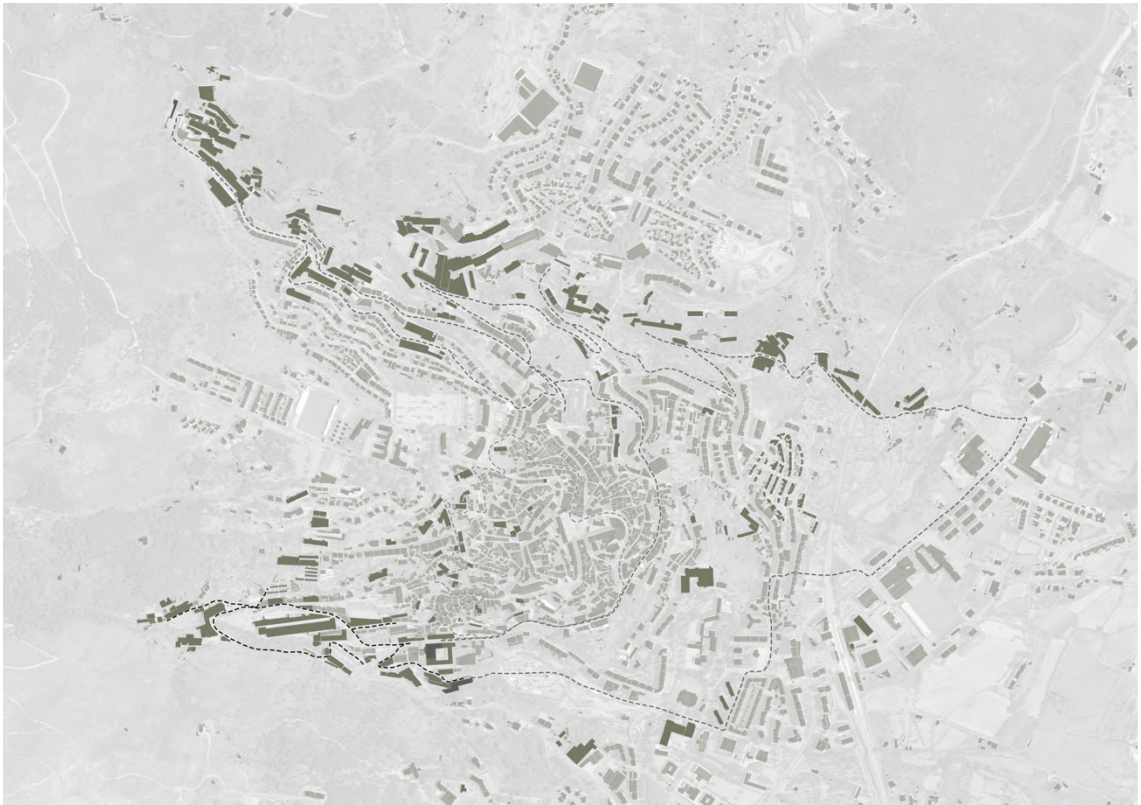
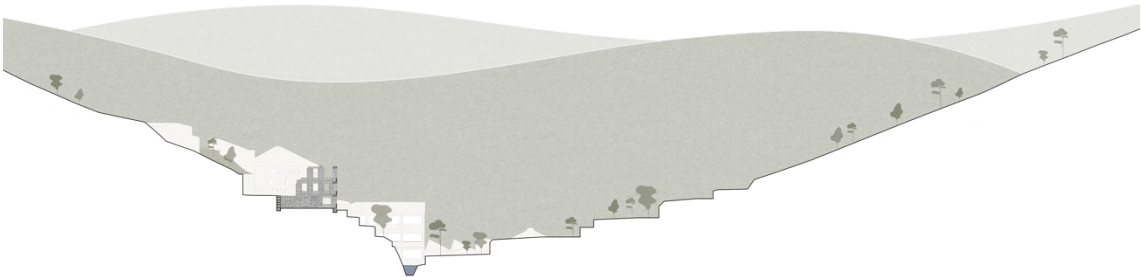
66 | Planta de implantação da ruína fabril Valério Gomes Correia & Irmão (Pisão Novo)

## 2. Identificação de Usos

### **Ruína Fabril**

O terceiro espaço a intervir consiste na ruína fabril Valério Gomes Correia & Irmão (Pisão Novo), situada perto da Faculdade de Engenharias da UBI (fig. 66).

Completamente entregue ao declínio, este espaço possui, nos dias de hoje, ruínas que remetem a um dos objetos arquitetónicos pertencentes ao património industrial, que caracterizam a cidade da Covilhã. É visível a métrica nos vãos existentes em dois dos seus alçados, que definem a sua imagem global, a fachada cega a poente e a ausência deste limite a norte. É notória também a apropriação por parte da natureza neste local: o pavimento constituído por elementos orgânicos que o tornam irregular e com uma diversidade de cores, a vegetação que tenta crescer no seu interior, apesar de todas as vezes em que assistem à sua interrupção forçada, e os pequenos elementos verdes que aproveitam zonas de sustentação nas pedras de granito e afastadas do solo. A ruína encontra-se localizada numa área já longe do centro histórico e distante da restante vida urbana. Está rodeada de outros objetos de natureza fabril, a maioria também já desativados e nas mesmas condições, podendo considerar-se esta zona como um antigo polo industrial, onde certamente a agitação e o ruído prevaleciam em oposição ao sossego e aos sons presentes atualmente. Situa-se numa das encostas do vale pelo qual invade a ribeira da Goldra a cidade, privilegiando de vistas para este vale e para os restantes espaços e objetos fabris (fig. 67).



Próximos encontram-se também o CFIUTE (Centro de Formação Interação UBI Tecido Empresarial) e a Faculdade de Engenharias, entidades do setor do ensino que promovem a disseminação de conhecimento e a discussão de ideias, que podem ser levadas e praticadas no espaço em estudo, tirando proveito da envolvente e do passado histórico de engenharias exercidas, e divulgar todos esses processos e produções *in situ* com o auxílio do Museu de Lanifícios da UBI que tem tido um papel fundamental na conservação de infraestruturas e a manter presente as memórias de toda essa história da indústria covilhanense.

Através das características da sua envolvente e tirando proveito de pontos de observação focados na paisagem próxima, na qual o natural e o industrial se encontram, é consequente uma escolha programática para este local que tenha como finalidade enaltecer este património industrial, bem como as atividades deste âmbito que ainda persistem.

Neste sentido, a escolha da intervenção neste local passou também pela conexão com uma das estratégias que o MUSLAN.UBI assume na divulgação deste património, diretamente em campo. São já definidos três percursos delineados pela estrutura urbana (fig. 68) que visam dar a conhecer os momentos mais marcantes do património industrial, bem como uma grande diversidade de vestígios ligados a diferentes atividades da indústria dos lanifícios: o primeiro ao longo da ribeira da Goldra, o segundo com ênfase na ribeira da Carpinteira e o terceiro no centro histórico. Entre os objetos dispersos pela cidade é possível ainda encontrar *edifícios fabris, estendedouros e râmolas de sol, chaminés, maquinismos, palacetes, bairros operários e outras infra-estruturas de apoio a esta actividade* (Pais & Pinheiro, 2008, p. 433).

(de cima para baixo)

67 | Relação da ruína fabril com o vale da ribeira da Goldra

68 | Rota da Covilhã – cidade fábrica, (Pais & Pinheiro, 2008, pp. 430, 431)



O primeiro desses itinerários é baseado nas construções localizadas ao longo da ribeira da Goldra e tem como ponto de passagem as ruínas fabris em estudo, fundadas em 1840 (fig. 69). Estas revelam-se com uma importância acrescida neste núcleo de construções industriais ao ponto de influenciarem o topónimo da rua que lhes dá acesso, *Pisão Novo*, uma vez que possuía na época este tipo de maquinaria, que tinha como propósito dar uma maior consistência aos tecidos através da força exercida sobre os mesmos. Durante todo o seu tempo laboral pertenceu a diferentes identidades e chegou a albergar várias infraestruturas de apoio a várias atividades, desde a exposição dos tecidos à luz solar aos mecanismos que permitiam a condução da água. O seu estado atual de ruínas (fig. 70) deve-se, não a uma intenção de abandono como aconteceu em muitos outros edifícios, mas sim a um grande incêndio ocorrido entre 1925 e 1950 (Pinheiro, 2008; Pais & Pinheiro, 2008).

O Museu de Lanifícios é caracterizado por ser polinucleado, possuindo atualmente três núcleos: a Real Fábrica de Panos, a Real Fábrica Veiga e as Râmolos de Sol. Estes distintos espaços foram escolhidos por possuírem construções ou vestígios relativos a atividades da indústria fabril, divulgando e preservando parte da história e daquela que um dia foi a força de desenvolvimento da cidade e do país.

Dada a importância já mencionada da ruína fabril e a sua localização, é então proposto para este local um quarto núcleo do MUSLAN.UBI. Este daria ênfase à divulgação/visibilização de um dos pontos que representa várias fases cronológicas ligadas à indústria têxtil, desde a atividade das fábricas ao silêncio inquieto do abandono: diferentes momentos de construção de novos edifícios, o decorrer de várias atividades imprescindíveis a cada processo industrial e o declínio do qual resultaram a desocupação deste património e os vestígios ainda hoje presentes (Pais & Pinheiro, 2008).

(de cima para baixo)

**69** | Património industrial próximo às ruínas fabris

(representado a cinzento escuro está o local de intervenção, à esquerda, e dois núcleos do MUSLAN.UBI, à direita);  
Itinerário 1 – Percurso da ribeira da Goldra (representado a traço interrompido) (Pais & Pinheiro, 2008, p. 433)

**70** | Ruína fabril Valério Gomes Correia & Irmão (Pisão Novo)

Covilhã, 2023



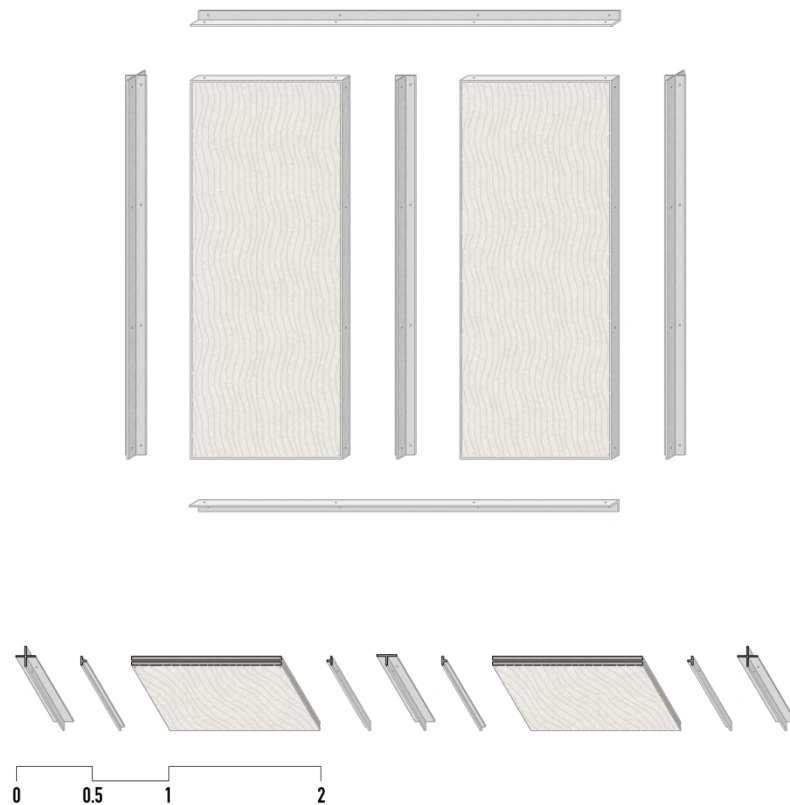
### 3. Prática projetual

É nesta fase do trabalho que resulta o culminar dos vários momentos antes observados, estudados e interpretados numa prática projetual definida atendendo sempre a todas as características das preexistências, quer físicas quer relacionais, e o enaltecimento de raízes, memórias e atividades que visam ser potenciais fontes de socialização e evolução.

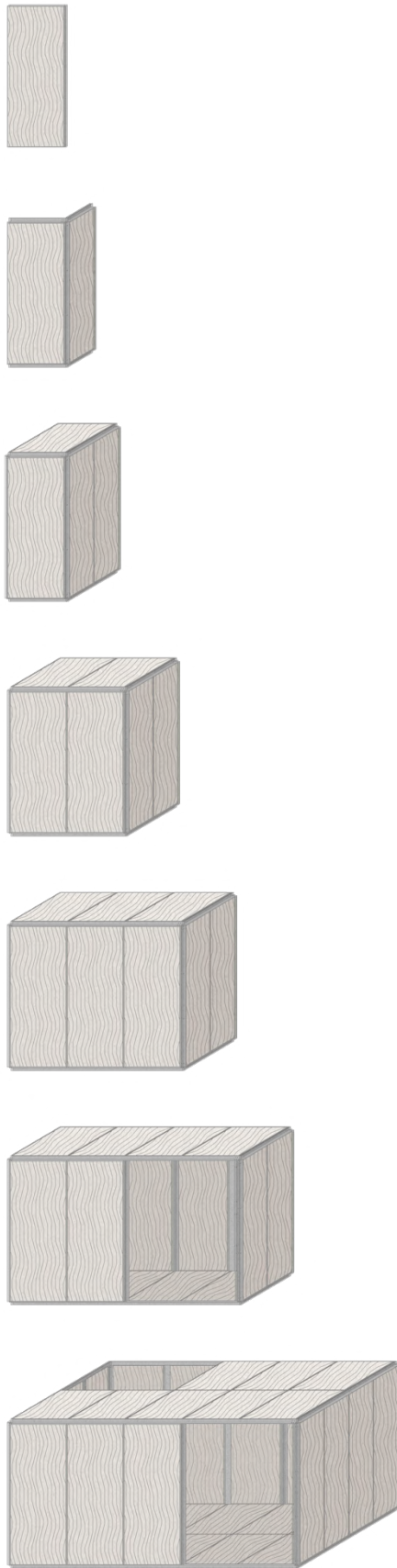
Com base na parte preparatória antes explicitada, é agora pensado um modo de atuar compatível com este âmbito experimental e versátil, que tem de passar, inevitavelmente, por uma solução prática na sua conceção. Estando sempre presente a ideia da montagem e desmontagem das estruturas e a sua adaptabilidade a diferentes locais, funções e circunstâncias sociais, torna-se essencial a definição de um *modus operandi* para abordar os três espaços analisados.

Através do conhecimento pré adquirido e com uma pesquisa mais aprofundada desse leque de trabalhos, considerados como uma coleção de referências importantes para esta dissertação, e tendo presentes outras tantas obras de diversificados autores e autoras, é escolhido um projeto como base inicial ao desenvolvimento da prática projetual, o Sistema Expositivo da Galeria Municipal do Porto realizado em 2017 por Diogo Aguiar Studio. Esta obra resulta numa versátil amplitude de formas de se adaptar a diferentes espaços e usos através de uma simples peça que ao replicar-se pode formar planos verticais e horizontais ou encerrar um espaço, como uma “caixa”, alterando as suas dimensões e aberturas com base na adição ou subtração desses elementos.

Com esta base referencial, é estudado um sistema construtivo capaz de albergar e de se moldar aos três diferentes contextos apreendidos da segunda fase deste trabalho. São desenhadas peças repetidas que se concretizam na sua forma retangular através de uma moldura em aço que suporta a materialidade escolhida para cada função, neste caso e na maioria das intervenções projetadas são utilizados painéis de madeira de pinho e, pontualmente, tecido branco. Em cada moldura de aço são então adicionados dois painéis da materialidade pretendida, um de cada lado, como é observado no seguinte esquema (fig.71). Para a fixação entre estas peças e a concretização das estruturas são utilizados vários perfis distintos na sua forma: em “L” para as arestas horizontais, em “T” para a junção de peças e assim ser possível a construção de superfícies de maiores dimensões e, por fim, em cruz, também utilizados para a junção de peças, nomeadamente para as arestas verticais das estruturas, e para a fixação destas ao solo. Através destes elementos é possível desenvolver várias estruturas, juntando ou subtraindo módulos, dependendo dos espaços a intervir e das funções a albergar (fig. 72).



71 | Composição estrutural das peças desenvolvidas para o *modus operandi*

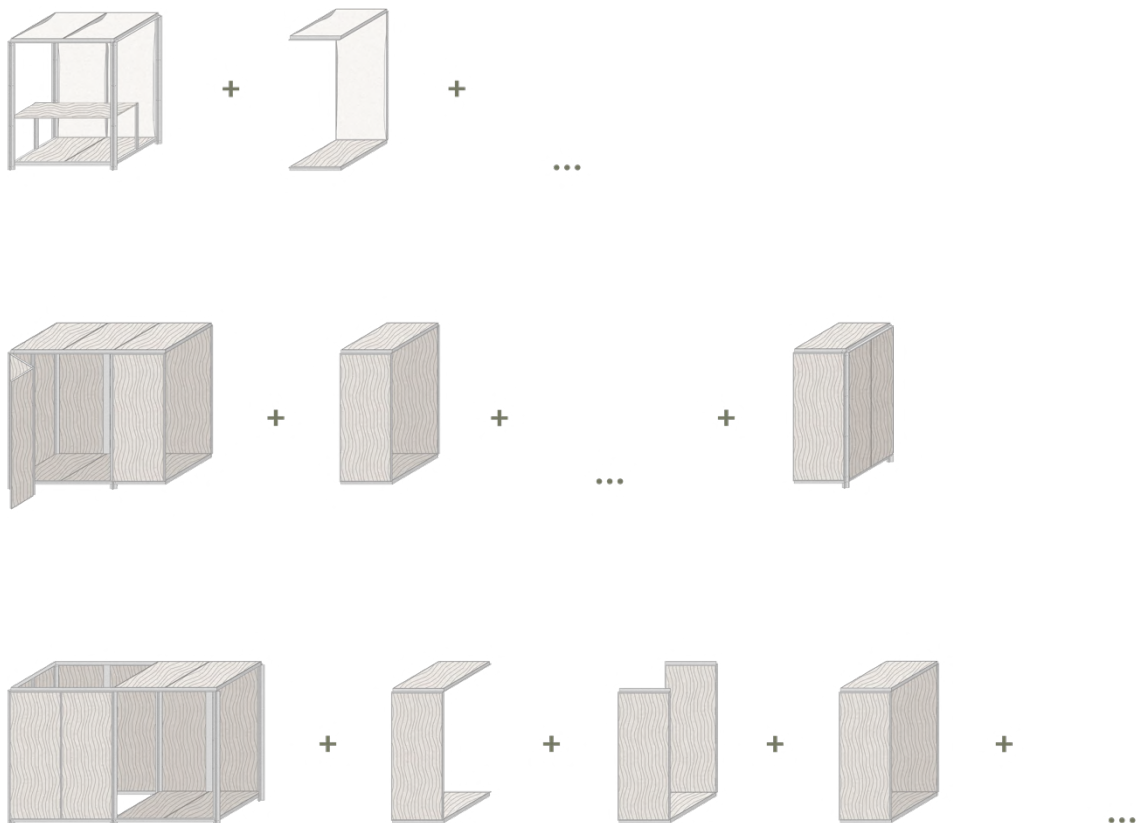


...

72 | Construção de estruturas através da adição de novas peças, aplicando sempre o mesmo *modus operandi*

Todos os materiais escolhidos têm a particularidade de serem recicláveis e reutilizados, preferencialmente em novas estruturas, com este método construtivo. Recorreu-se a uma estrutura metálica pela sua resistência física, temporal e a vários processos de montagem e desmontagem, aliada ao fator material e de memória associada à indústria fabril covilhanense, uma vez que muitos dos espaços mapeados e passíveis de serem intervencionados pertencem a este património. Já a madeira confere aos espaços projetados um ambiente acolhedor, convidativo à permanência e que se revela como um elemento novo em cada local de intervenção. Por último, a lona em tecido branco oferece aos espaços uma proteção/barreira não opaca, translúcida e protetora.

Tendo em consideração os possíveis usos a adotar nos três espaços identificados e com a versatilidade e materialidade que é proporcionada pelo método construtivo apresentado, são adotadas três variações do mesmo que podem ser contempladas para cada espaço (fig. 73): i) a primeira materializada em estruturas de exposição e comercialização de produtos permitindo a concretização de mercados, ii) a segunda formada pela ideia de caixa que pode ser aberta e encerrada por painéis movidos com auxílio de dobradiças para o armazenamento de material ou albergar determinada função e iii) a terceira representada por um espaço com aberturas permanentes que sugere a paragem, o encontro e que encaminha percursos e pontos de vista.



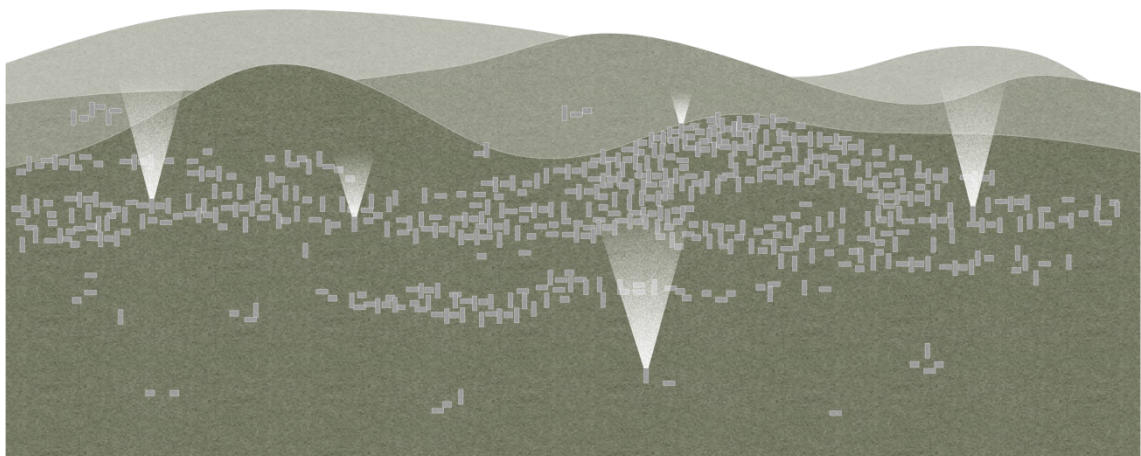
73 | Três variações estruturais a adotar de acordo com as diferentes funções previamente identificadas

Para além do *modus operandi* descrito, a aplicar aos múltiplos espaços a serem (re)ativados com o auxílio destes elementos, é lhe somado um outro gesto, este de carácter mais simbólico, mas que pretende marcar a ideia da perpetuação do devoluto.

É idealizado um conjunto de “torres luminosas” com o propósito de sinalização dos espaços intervencionados, construído através do mesmo *modus operandi*, substituindo apenas os painéis de madeira por painéis de policarbonato celular de modo a permitir a passagem da luz colorida, instalada no seu interior, para o exterior da sua estrutura, espalhando essa presença cromática por toda a sua superfície (fig.75). Desta forma, é evidenciada e assinalada a presença de um espaço agora vivenciado.

Neste sentido, acompanhando a definição de elementos marcantes de Lynch (1999), a ideia por detrás desta sinalização no território é a de tornar evidentes estes espaços, destacando-os dos restantes elementos da cidade através de uma altura pronunciada, assemelhando-se às chaminés industriais da cidade, e da emissão de vários tons de luz correspondentes a cada espaço. Estas características permitem ainda que estes sejam localizados a grandes distâncias e que funcionem como elementos orientadores, não só para os locais onde se inserem, mas também em relação a todo o tecido urbano.

Assim seria possível um olhar para o panorama urbano, facilitado pela sua característica singular de se situar na encosta da Serra da Estrela, e visualizar a localização de todos os espaços que representam agora uma luz para a cidade (fig.74). A presença das várias luzes permite ainda informar se as diversas atividades decorrem nos diferentes locais em determinado momento ou, através da sua ausência, se se encontram encerradas. No entanto esta interrupção temporária de luz nas diversas torres não remete agora para o que outrora simbolizava os apagões do quotidiano e os vazios do tecido urbano.



74 | Torres luminosas na cidade da Covilhã



75 | Estrutura da torre luminosa

Definidas as estratégias construtivas e simbólicas com as quais se pretende (re)ativar os vários espaços, são distinguidas três abordagens diferentes de como o referido *modus operandi* pode atuar atendendo vários contextos, locais a intervir e funções pretendidas, diferenciando as três práticas projetuais em três momentos distintos: i) o espaço junto ao Mercado Municipal associado a um momento da produção, ii) a Torre de Santo António a um momento da contemplação e iii) a ruína fabril a um momento poético.



### 3. Prática projetual

#### **Junto ao Mercado**

Atendendo às características deste local, pretende-se dar ênfase ao caminho de pé posto criado espontaneamente pela comunidade e que divide este espaço em duas partes. Assim, são destinadas três funções distintas (fig. 79): a sul desta linha desenhada no terreno são i) implementadas estruturas que albergam pequenos ofícios e ii) espaços que permitem a permanência e o convívio entre as pessoas; e a norte é realizada iii) uma zona de estruturas dedicadas à venda de produtos alimentares e artesanais, estendendo as atividades praticadas no Mercado Municipal para este espaço, tendo como cenário de fundo as fachadas preexistentes e mantendo a presença da ruína (fig. 77).

Deste modo, propõem-se três estruturas distintas para este local (fig. 76).

Respondendo à implementação dos pequenos negócios neste espaço, são utilizadas “caixas” (fig.79) com a particularidade de serem completamente encerradas, utilizando sistemas simples de dobradiças que permitem a abertura e fecho de vários painéis. Deste modo é possível a utilização destes espaços como locais de trabalho que, em funcionamento, podem abrir-se e conectar-se com o exterior e, ao encerrarem, armazenam todos os utensílios das várias funções. Estas são então concretizadas através da estrutura metálica que formam o seu esqueleto sendo revestidas com painéis de madeira em todas as suas superfícies. Já as estruturas semiabertas envolvem-se no mesmo espaço com as anteriores e abrigam momentos de encontro e convívio.

Em relação à zona de mercado, aberta a toda a comunidade, são ainda projetadas outras estruturas que funcionam como bancadas que permitem também a exposição dos produtos. Na sua composição, a utilização de painéis de madeira é feita apenas em parte, pois é utilizada lona



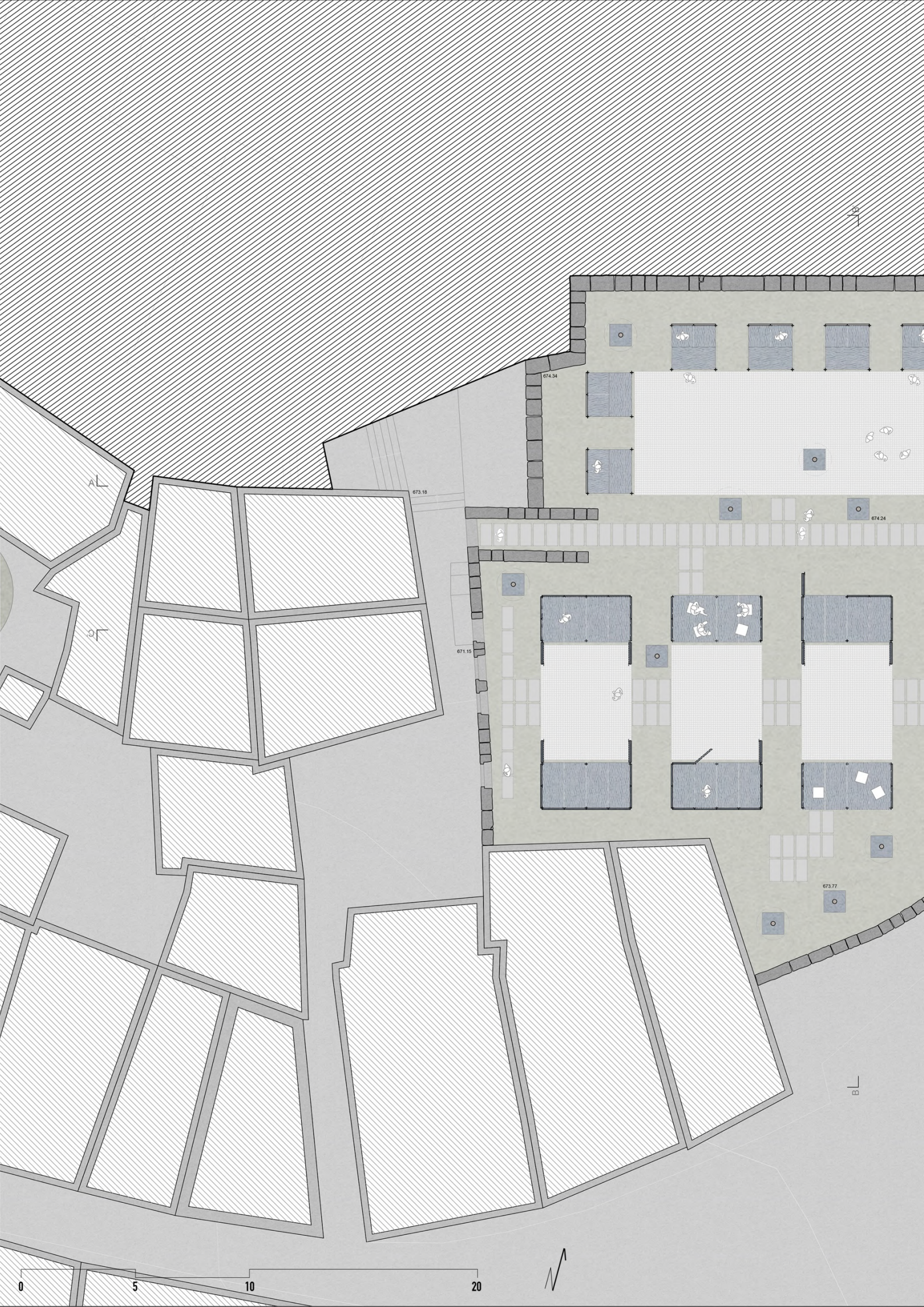
77 | Corte A da intervenção no vazio urbano em questão

em tecido branco como proteção da luz solar e do vento, tanto na parte superior como nas partes verticais, fixando-se da mesma forma nas molduras metálicas que suportariam a madeira.

Por último, como parte integrante desta prática projetual a torre luminosa é adicionada a este local de modo a sinalizá-lo, situando-se num recanto preexistente com uma cota superior ao restante espaço a intervir, tornando-o num marco simbólico. Desta forma, este ponto de luz beneficia da cota em que se encontra, mas também da sua localização, uma vez que se encontra junto de cruzamentos entre arruamentos podendo despertar com uma maior facilidade a atenção das pessoas e suscitá-las à visita desta (re)ativação.



78 | Corte B da intervenção no vazio urbano em questão



1B

AL

AL

BL

673.18

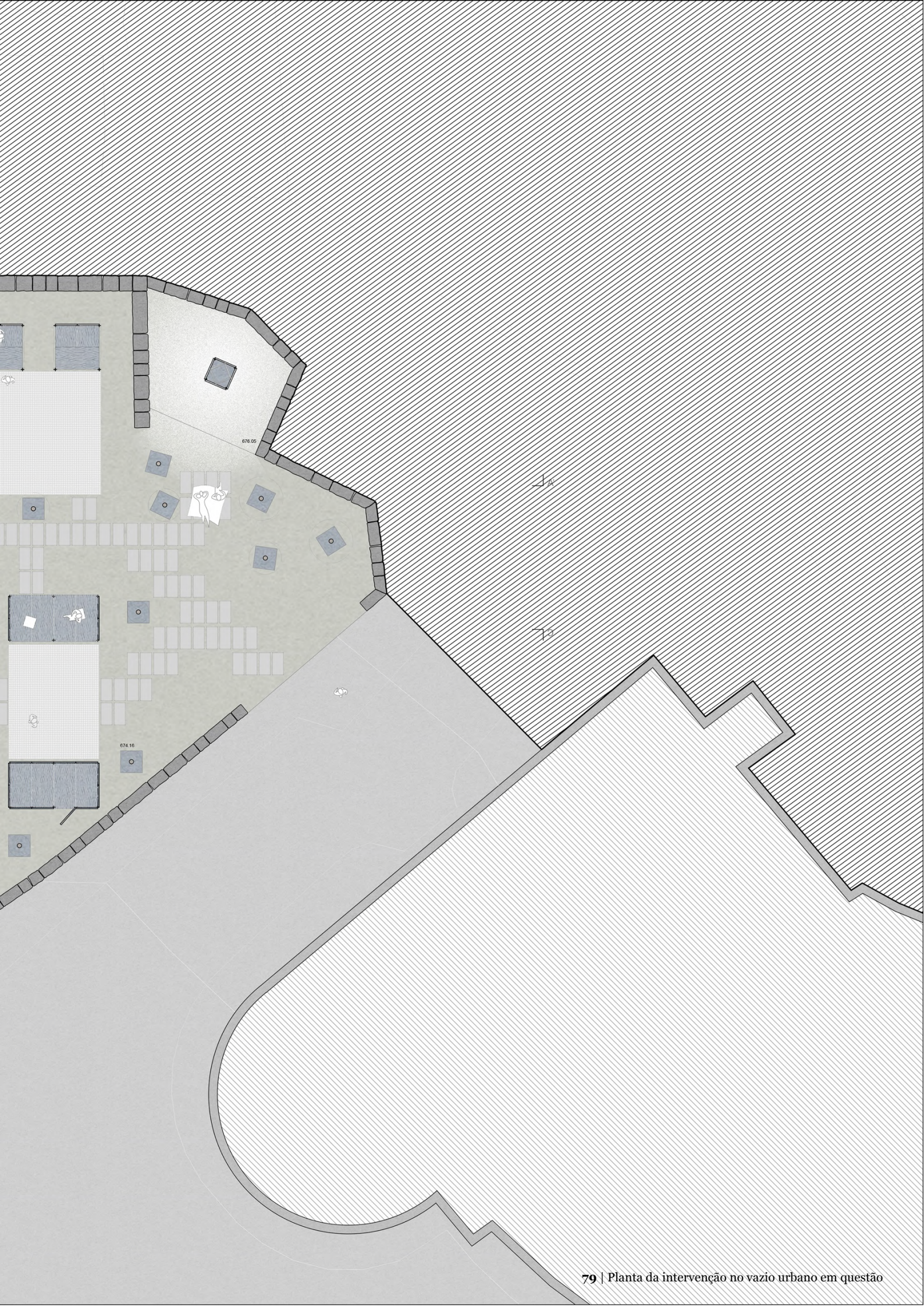
674.24

671.15

673.77

0 5 10 20







### 3. Prática projetual

#### **Torre de Santo António**

No caso da Torre de Santo António, foi opção inicial intervir-se apenas no último piso. Não se estaria assim condicionado pelas variadas barreiras verticais que dividem os espaços para organizar espaços habitacionais, como acontece nos pisos inferiores, conseguindo-se uma maior liberdade de intervenção e beneficiar de uma abertura panorâmica para toda a sua envolvente, oferecendo uma contemplação da paisagem paralelamente ao usufruir das atividades e ambientes gerados.

Relativamente às funções, concretizando a intenção da prática de exercício físico neste local (v. cap. 2. Identificação de Usos – Torre de Santo António), são definidas zonas polivalentes (A, B e C - fig. 83) para a prática de diversas atividades. De forma a distinguir essas áreas e a auxiliar as funções desempenhadas nas mesmas são desenhadas caixas i) que permitem a arrumação de materiais, ii) que direcionam as pessoas para a paisagem envolvente enquanto recuperam e descansam do exercício físico e, ainda, iii) que permitem o funcionamento de um bar de apoio a todo o espaço e à projeção de conteúdo multimédia na parte de trás de uma das caixas.

A caixa 1, à esquerda (fig. 83), é composta por três espaços distintos no seu interior em que dois deles têm como objetivo principal o armazenamento de objetos vários: uma primeira parte composta por dois compartimentos de vestiário, outra para arrumação de objetos de apoio à ginástica e a terceira para guardar todos os utensílios que permitem a visualização de multimédia na zona polivalente B (fig. 83), como aparelhos eletrónicos e mobiliário para que as pessoas se possam sentar confortavelmente.

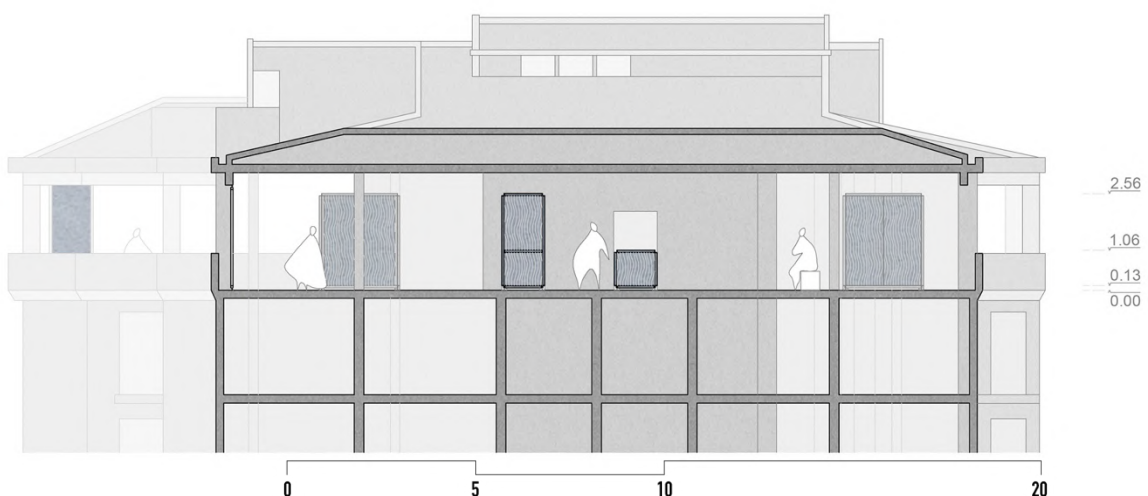


São ainda projetadas as caixas 2 (fig. 83) que visam o depósito de eletrodomésticos e tudo o que seja essencial para o funcionamento de bar e que sejam encerradas com painéis móveis com dobradiça. Como já mencionado, a parte de trás da estrutura mais alta serve como tela de projeção da zona B, que também pode acolher atividades físicas. O conjunto formado pelas duas caixas destinadas a bar dividem a área anteriormente mencionada da zona C que pretende apoiar o bar e permite aos utilizadores fazerem uma paragem, usufruindo em simultâneo da paisagem envolvente.

Por último, a caixa 3 (fig. 83) é caracterizada como um espaço semiaberto que se define como um ponto de pausa, uma zona de convívio e contemplação, que se direciona para o exterior e, com ela, pretende direcionar quem a invade.

Em todo o piso, devido à abertura panorâmica e ao estar exposto às intempéries através dos seus vãos, são utilizados pontualmente painéis revestidos com lona branca como proteção, quer da luz solar, quer do vento. Estes painéis amovíveis podem ser recolhidos, libertando a conexão física e visual entre este espaço e a paisagem, através da instalação de calhas, tanto no pavimento como no teto e que definem e sustentam a sua oclusão ou recolhimento.

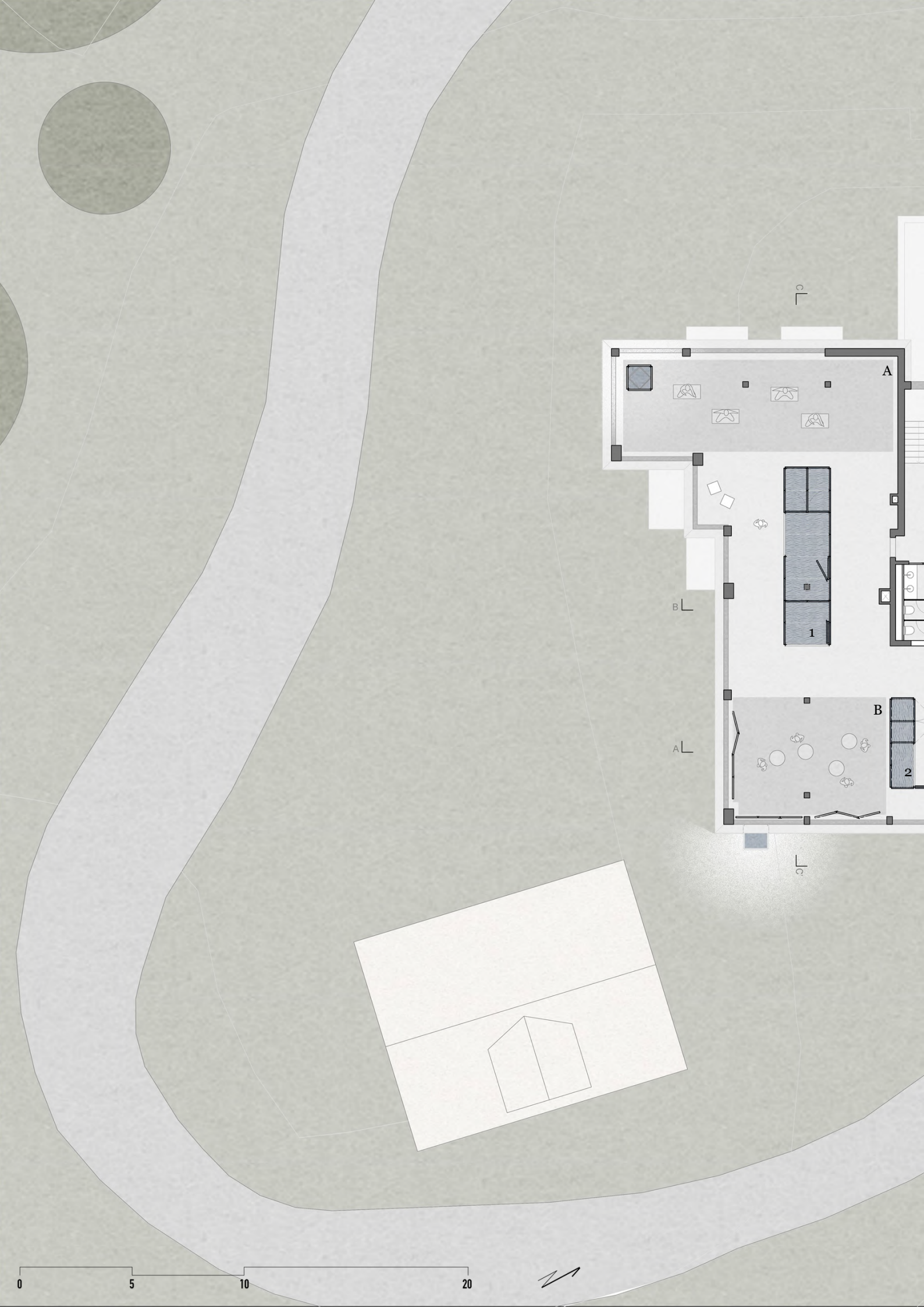
Quanto à torre luminosa, neste caso não seria oportuno ter uma única com uma altura significativa, como elaborado na prática projetual anterior, uma vez que o edifício já representa esse marco vertical. No entanto, para que este objeto fosse também destacado com esse elemento luminoso, foram adotadas estruturas luminosas semelhantes à torre, mas com alturas menores, localizadas no último piso, bem como acopladas às fachadas sudeste e noroeste (fig. 81). Assim, para além de incluírem esta obra embargada na estratégia de assinalar espaços devolutos, pretendem também atrair a atenção da comunidade para o ponto mais alto do edifício e convidar à sua subida.



(da esquerda para a direita)

**81** | Alçado noroeste da Torre de Santo António

**82** | Corte A da intervenção na Torre de Santo António



0 5 10 20







### 3. Prática projetual

#### **Ruína Fabril**

Chegando ao último espaço a intervir, a ruína fabril, é importante desde já referir que é esta a intervenção selecionada para ser desenvolvida com mais detalhe, deixando os espaços junto ao Mercado Municipal e a da Torre de Santo António como exemplo de aplicabilidade do *modus operandi* a outros usos e contextos.

O principal pressuposto para este espaço é a criação de um percurso, com a finalidade de dar a conhecer este local pertencente ao património industrial, bem como toda a restante envolvente com o mesmo carácter, exaltando todo o território próximo à ribeira da Goldra, a sua importância que outrora teve no desenvolvimento da cidade e que jamais deve ser esquecida e, por fim, fortalecer o trabalho de reconhecimento que o MUSLAN.UBI tem realizado neste contexto.

A concretização desta intervenção é então feita através de três “caixas” com aberturas permanentes, realizadas segundo o mesmo *modus operandi* aplicados nos dois espaços anteriores, situadas a diferentes cotas e expostas em direções e localizações distintas de modo a estabelecer relações físicas com o espaço a intervir e a tirar partido de pontos de vista focados tanto no interior como no exterior da ruína, criando assim momentos de: i) paragem, ii) reconhecimento e iii) contemplação.

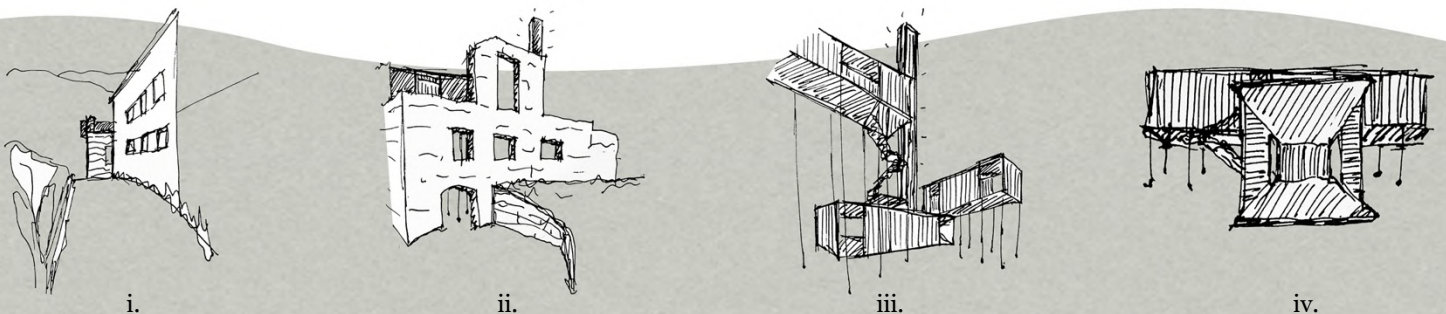
De forma a refletir o processo criativo da conceção desta intervenção é descrito o percurso possível que os utilizadores podem efetuar até um último ponto que se deseja como o máximo a nível sensorial, acompanhado por um esquema (fig. 86) que representa esses vários momentos seguidos pela mesma ordem descrita:

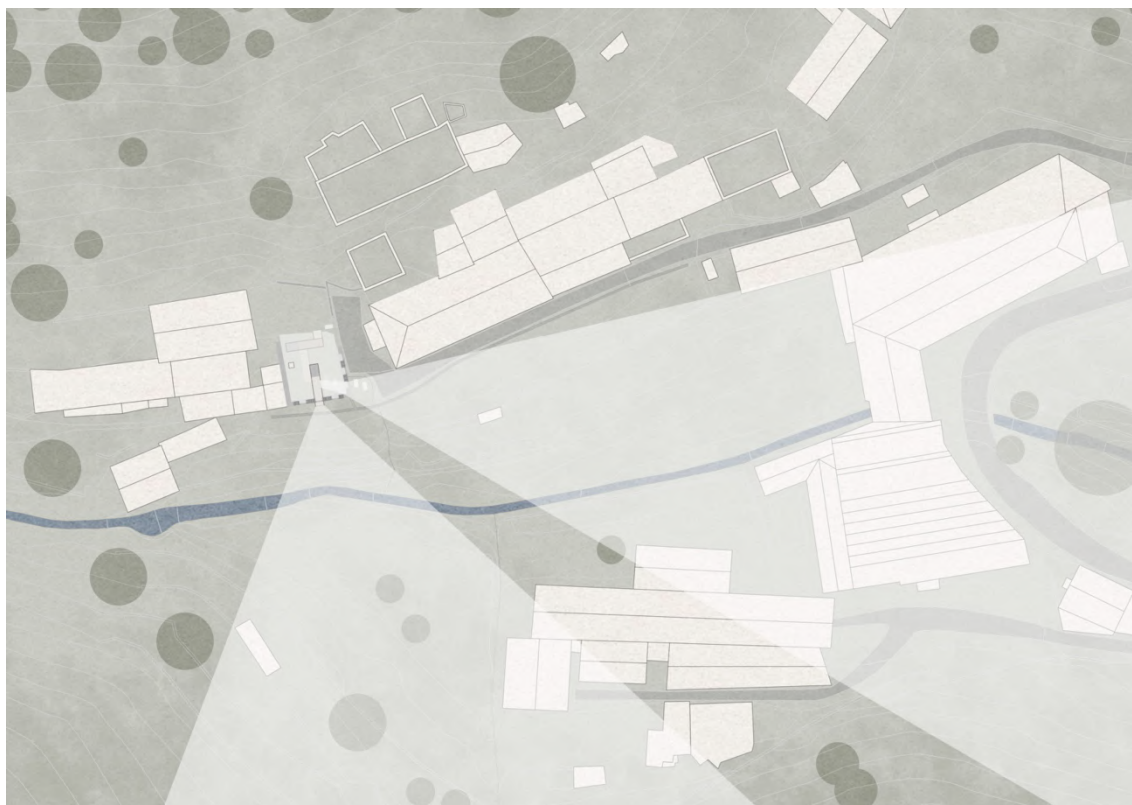
Ao realizar o itinerário 1 proposto pelo MUSLAN.UBI (v. cap. 2. Identificação de Usos – Ruína fabril e fig. 69), acompanhando o som da água que corre na ribeira e percorrida já parte da Rua do Pisão Novo, é alcançado o vislumbre da ruína em questão no seu ponto mais elevado e final deste arruamento (fig. 86 - i). O acesso ao seu interior é notório por quem chega desta forma ao local através de um vão em arco abatido voltado para a rua, mas escondido por se encontrar numa cota inferior devido a uma depressão sentida no terreno junto ao local a intervir (fig. 86 - ii).

É possível constatar desde o seu exterior, e entrando para este espaço definido pelas suas paredes de pedra granítica, três galerias sustentadas por estruturas metálicas, revestidas a madeira e situadas a três cotas diferentes, independentes umas das outras (fig. 86 - iii). A primeira e mais próxima do solo, situada à cota 685.00m, encontra-se disposta quase no centro daquele que se considera o espaço preexistente e permite a entrada e saída por vários pontos, não obrigando os seus utilizadores a optarem por um único percurso. As grelhas metálicas distribuídas no solo auxiliam na perceção dos vários pontos iniciais e de entradas desta “caixa” de forma a que o trajeto seja continuado.

Ao invadir este novo ambiente e ao explorar este espaço é tida em conta uma introdução na perceção destas novas materialidades: a madeira a definir a contemporaneidade dentro da preexistência composta apenas por granito, proporcionando novas texturas, cheiros e sons ao ser percorrida, e o aço como material metálico que pretende relembrar um ambiente industrial e fabril, tal como ocorreu no passado no interior da ruína (fig. 86 - iv). Na extremidade oposta estão localizadas umas escadas em chapa galvanizada de acesso ao momento superior e o rasgo existente na parte superior da estrutura a que essas dão acesso convidam à subida (fig. 86 - v).

Na segunda “caixa” e ao percorrê-la percebe-se novamente essa ideia de galeria que, mais uma vez e semelhante à primeira, culmina no seu ponto oposto num novo acesso ao exterior da ruína, desta vez a uma cota de 688.41m do lado norte da mesma (fig. 86 - vi). Um outro acesso a que é permitido a partir desta estrutura é à parte superior da “caixa” primeiramente vivenciada (fig. 86 - vii). Neste ponto volta-se a estar no interior da ruína, exposto a céu aberto, e é aqui que se pretende destacar e dar ênfase à preexistência, às paredes de pedra que ainda são possíveis observar e que muitas memórias lhes são inerentes.





Semelhante à experiência que esta proposta já proporcionou, encontram-se, do lado oposto ao qual se atingiu este momento, umas novas escadas que dão acesso à última estrutura e que, novamente através do rasgo superior onde a visão do utilizador se depara unicamente com a infinitude do céu, suscita a curiosidade de tornar essa mesma infinitude um pouco mais pequena. Subindo, depara-se então com um último ambiente que limita a observação para dois pontos de vista (fig. 86 - viii) (fig. 85): um voltado a sudeste e que enquadra o único património industrial em funcionamento nesta zona, constatado através dos ruídos típicos dessas funções, dos seus cheiros e do fumo que sai das altas chaminés e que marca o ar com formas orgânicas e espontâneas; o outro, visualmente imediato, pretende evidenciar o vale que deu origem a esta entrada fabril na cidade da Covilhã, tal como à sua ribeira que um dia representou a força motriz de toda essa atividade, desenvolvimento e passado identitário e singular.

(em cima) **85** | Sentido de vistas sobre o património industrial em funcionamento e o vale da Goldra, a partir da “caixa” superior da intervenção  
 (em baixo) **86** | Momentos ao longo do percurso pela intervenção



v.



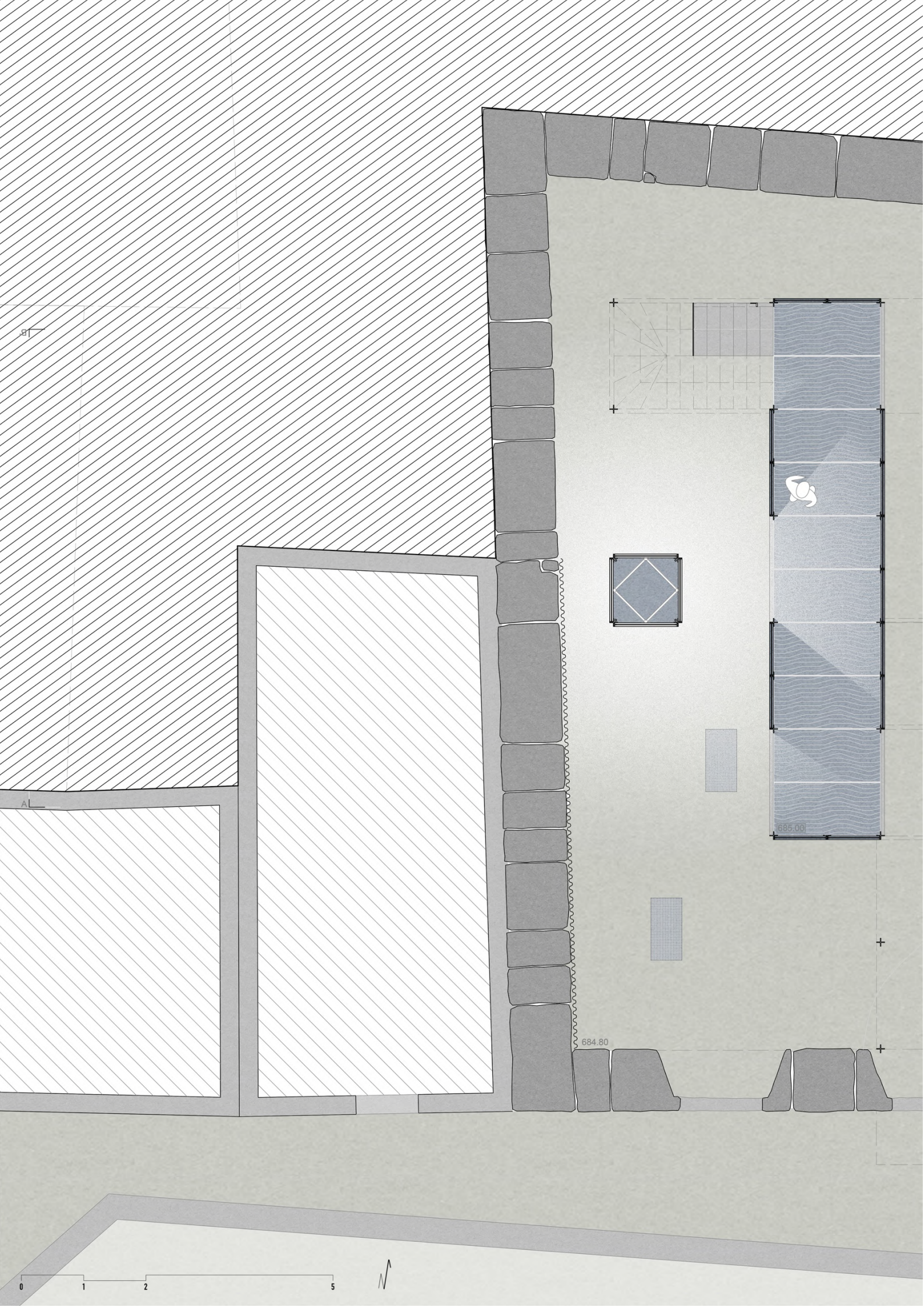
vi.



vii.



viii.



81

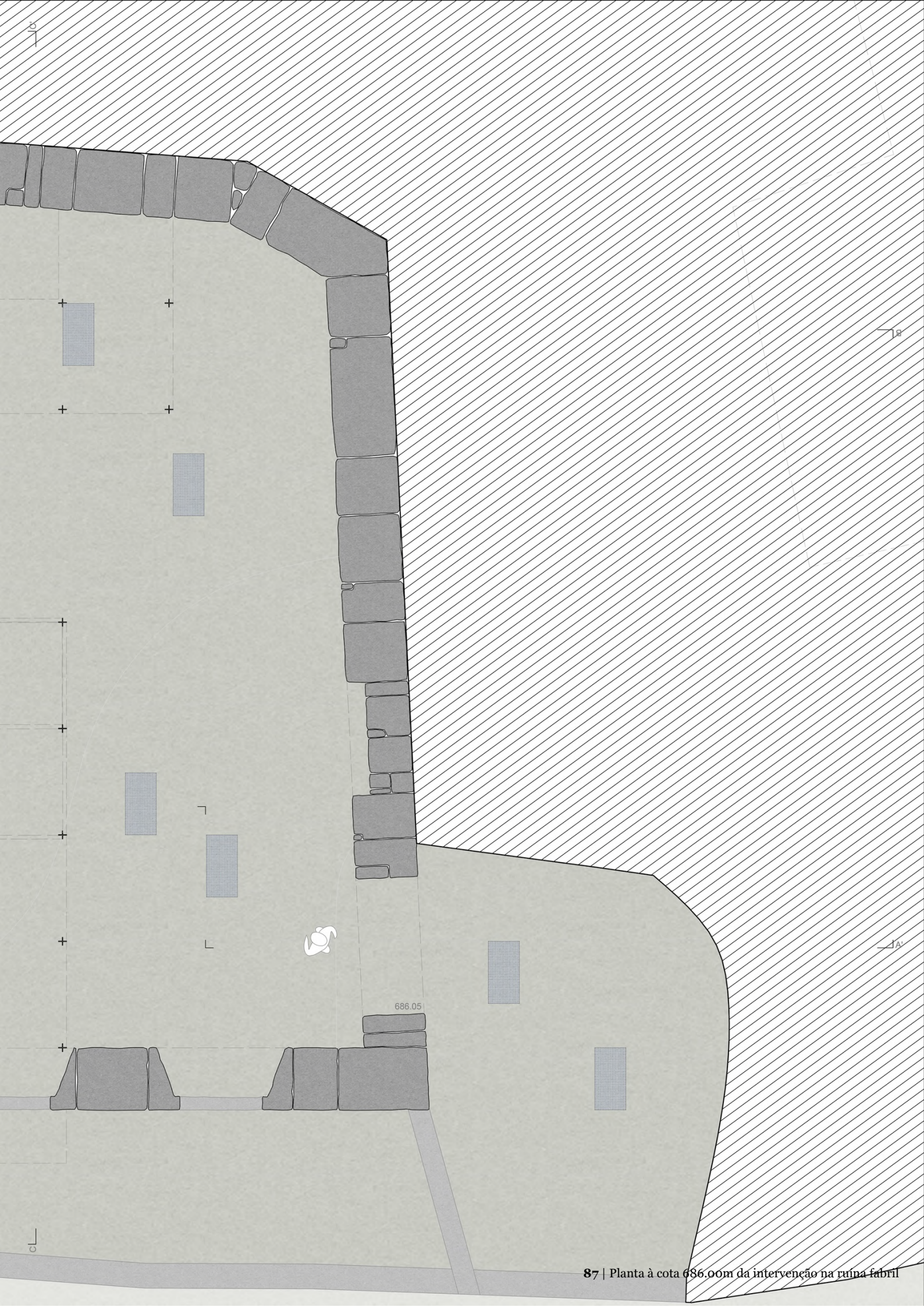
A-L

684.80

685.00



0 1 2 5



686.05



690.50

AL

AL

684.80

688.20

0 1 2 5



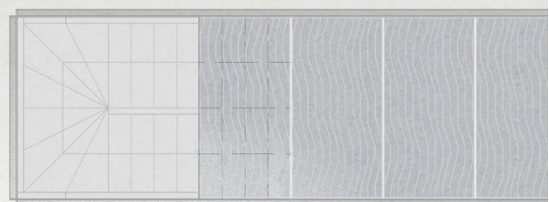




690.50

BL

AL

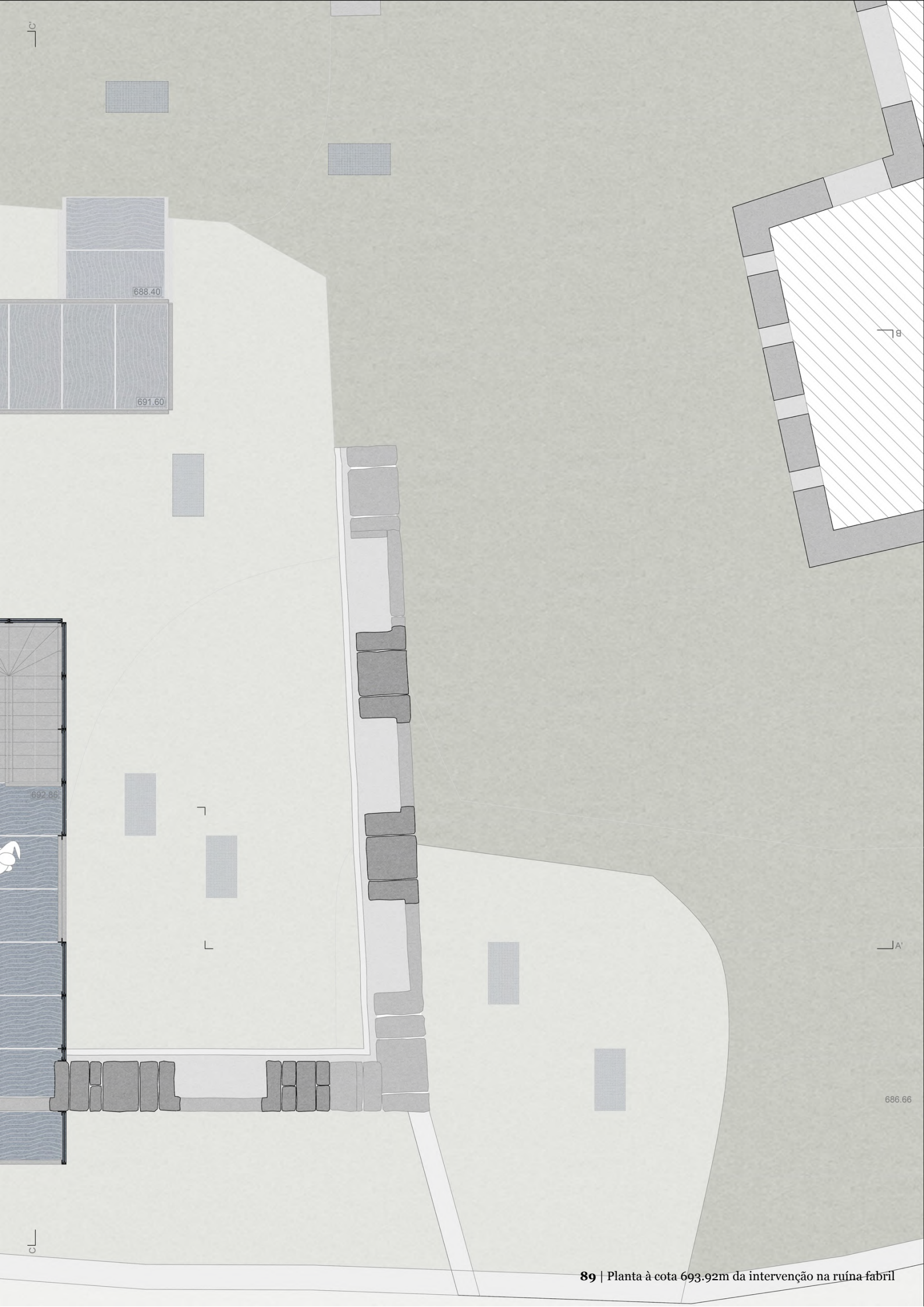


688.20

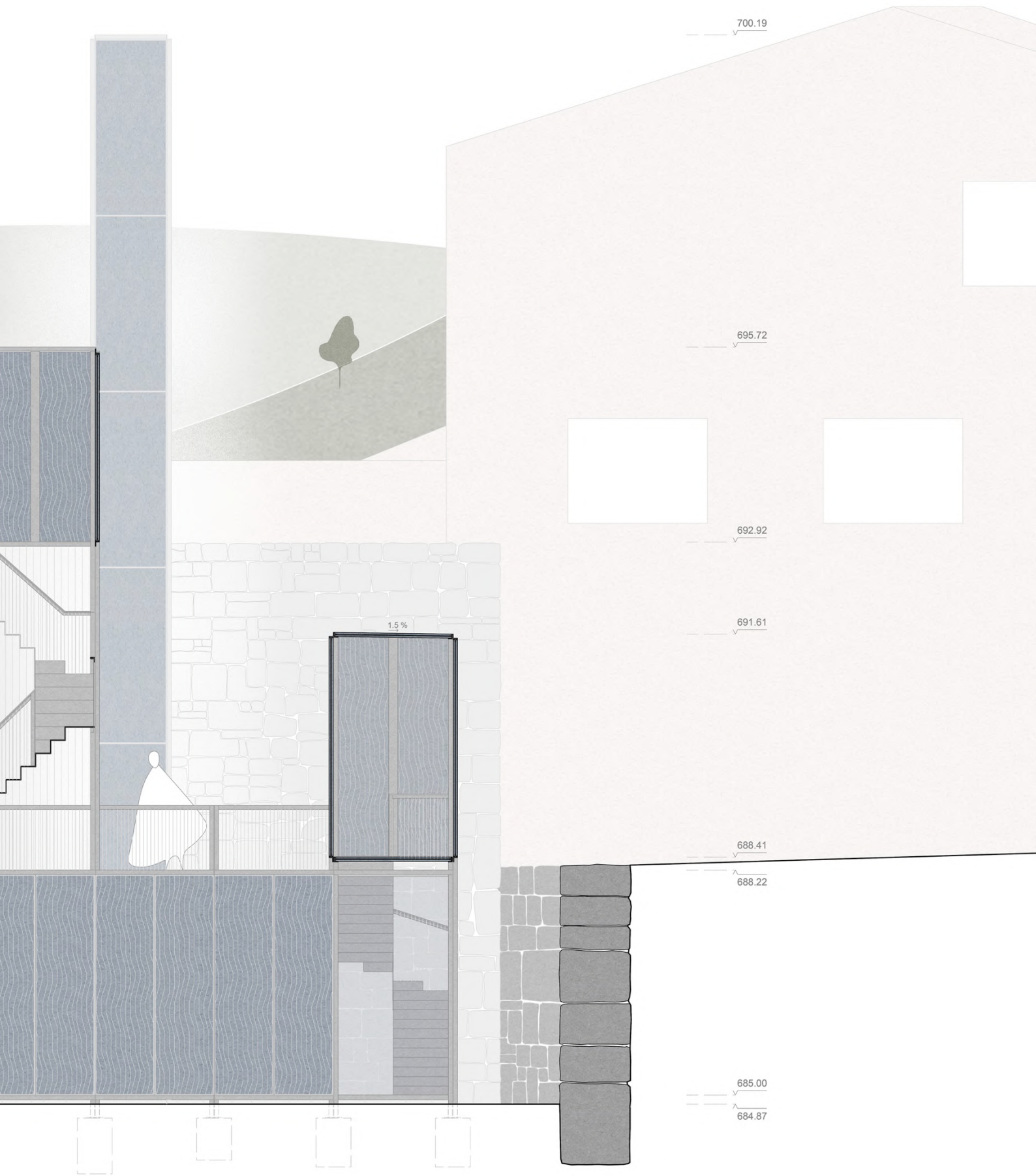
684.80

0 1 2 5











## Considerações Finais

*A mistura de funções é importante. E a continuidade do processo é fundamental. Continuidade é vida* (Lerner, 2011, p. 38).

Os usos temporários oferecem um enorme potencial para a regeneração urbana. As oportunidades e o grau de experimentação que propiciam, no sentido de dinamizar espaços públicos, ou até mesmo espaços privados, podem contribuir não só para um desenvolvimento dos contextos onde intervêm, potencializando-os de novas abordagens e vivências culturais e sociais, como também da comunidade que deles beneficia.

No caso abordado da cidade da Covilhã e dado todo o seu património em degradação, é essencial intervir. Essa ação pode ser conseguida através da aplicação de usos temporários, que, como já mencionado, podem funcionar como ferramenta de teste para a (re)ativação desses objetos. Para além de devolver vida a estes espaços, esta abordagem possibilita tomar opções de usos que melhor se enquadrem em cada local, definindo aquele que melhor estabelece ligações sociais e espaciais, tornando as próprias pessoas beneficiadas com estas obras. Através deste modo experimental de atuação é permitida a exploração de várias funções para um local, com a possibilidade de, mais tarde, uma delas se tornar permanente, o que se torna vantajoso não só a definir um uso que melhor beneficia determinada comunidade, mas também a nível monetário, evitando gastos desnecessários na implementação de um uso definitivo que poderá não ser o mais indicado para o seu contexto e levar ao seu insucesso.

Desta forma é necessário incentivar a população a tomar iniciativas para o desenvolvimento destas ações temporárias, nas quais as próprias se constituem na maioria da parte integrante em todos os processos: discussão de espaços a intervir, novas funções a adotar, construção de estruturas definidas e ainda na sua manutenção. Com este processo é atribuído um sentido de pertença coletiva por parte da população a estes usos temporários e, em simultâneo, confere um maior apreço e respeito pelo espaço público.

No entanto, mais do que vontades particulares, os seus processos de implementação deveriam ser acompanhados desde o seu início pelo poder público, como Câmaras Municipais, apoiados por

associações locais, para a definição de espaços que pudessem acolher esta temporalidade e a imposição de um controlo na aplicação destes usos de modo a salvaguardar a segurança das pessoas participantes no momento de atuação em determinadas preexistências, onde o perigo de ruir associado a várias ruínas pode ser elevado.

Atendendo à força académica presente na Covilhã, podem-se estabelecer também aproximações com a população e com os estudantes de diversas áreas, aproveitando conhecimentos multidisciplinares para a criação de “mesas redondas”, ouvirem-se as vontades e necessidades e, lado a lado com as comunidades, desenvolver algumas das soluções apresentadas, discutidas e construídas por todos e todas. Mais importante ainda é o facto de todo este processo incentivar a população a pensar no seu próprio território, a estabelecer uma maior sensibilidade sobre o mesmo, despertando um olhar de oportunidade e de inversão e atuação imediata que consciencializa este grupo de pessoas para um ponto de viragem do paradigma atual e a serem elas as impulsionadoras desta prática. Assim, esta pode ser introduzida por vontades individuais ou coletivas, atribuindo novas funções, desafiando a envolvente onde se inserem e testando a sua integração e aceitação em diversos locais.

Apesar desta convicção baseada na vontade comunitária a lançar e a procurar propostas através deste modo de atuar nos territórios, neste trabalho desenvolveu-se um método de observação e análise individual da área definida na parte de mapeamento de modo a concluir determinadas funções para os diferentes espaços a intervir. A auxiliar esta procura esteve também presente toda a experiência como residente na cidade em questão. Assim, os procedimentos adotados nesta investigação – o mapeamento de espaços devolutos, a identificação de usos e as intervenções projetuais – constituem-se numa base inicial de um processo que deverá ser continuado lado a lado com a comunidade e entidades, contribuindo para incitar esta abordagem temporária na Covilhã e deixar como pistas futuras de intervenção as práticas projetuais desenvolvidas.

O mapeamento desses possíveis espaços a intervir foi iniciado por este trabalho, pretendendo-se plasmar efetivamente a dimensão que estas desocupações representam no tecido urbano, as relações criadas ou perdidas pelas suas presenças e o esquecimento e a degradação em que parte da imagem da cidade se vai afundando. É com o sentimento de esperança que se espera que o mesmo seja continuado, abrangendo outras áreas da cidade, principalmente a envolvente à ribeira da Carpinteira onde se localiza parte do património dissipado, e que seja um dos procedimentos e um ponto de partida para reverter a situação atual da cidade.

Com o modo de intervenção nestes locais através dos usos temporários, e como explorado nesta investigação recorrendo a um *modus operandi*, a facilidade de reinventar e adaptar esta solução a vários locais torna-se mais eficiente na abordagem a novos desafios programáticos, reutilizando todos os materiais e peças estruturais utilizadas, produzindo um menor impacto ambiental.

Tratando-se destas intervenções exercícios de projeto, este tipo de abordagem tornou possível a intenção inicial de (re)ativação de situações de abandono em três espaços distintos espalhados no

tecido urbano covilhanense que teve como princípio ser o pontapé de partida para que intervenções deste tipo sejam concretizadas nos restantes locais mapeados. Tanto o vazio urbano junto ao Mercado Municipal como a Torre de Santo António teriam sido alvos, através da temporalidade, de atos interventivos que possibilitariam à comunidade a vivência e o proveito das características que estes espaços oferecem, como se de uma troca mútua se tratasse: os espaços acolham e dispunham das suas condições específicas a diferentes atividades que estes poderiam proporcionar às pessoas e, por outro lado, estas ofereciam manutenção, sentido e vida a estes espaços. Desta forma, estes dois locais, que representam marcos para a cidade, quer pela sua presença em termos de escala, quer pela sua localização em centro urbano, representariam assim uma mudança de paradigma aplicável a casos de espaços devolutos semelhantes, contribuindo para uma nova imagem da Covilhã, vista e fundamentalmente vivenciada por quem nela reside ou visita.

Quanto à última intervenção projetada para a ruína fabril Valério Gomes Correia & Irmão (Pisão Novo), os aspetos referentes à regeneração urbana antes experimentados a ela se adequam também, acrescentando novas oportunidades e aspetos que tornariam este local em estado devoluto num momento de reconhecimento local e histórico.

Associado às bases já realizadas pelo MUSLAN.UBI sobre esta ruína (v. cap. 2. Identificação de Usos – Ruína fabril), este espaço potencia a oportunidade de ser um contributo para elencar ainda mais essas mesmas bases ao território. Tendo em conta a sua localização, as suas características e a proposta interventiva realizada na respetiva prática projetual, tornar-se-ia assim num potencial novo núcleo museológico, num elemento que permitiria reforçar o itinerário 1 delineado pelo Museu e constituir-se num ponto essencial para a valorização da zona onde se insere e efetivar a memória de atividades passadas. Desta forma, seria possível também a criação de uma nova experiência neste local, oferecendo às pessoas novos pontos de vista sobre o património industrial, o reconhecimento da importância desta parte do território para o desenvolvimento da cidade da Covilhã, enquadrando esta ruína com a restante paisagem através das conexões que estabelece e criando ligações entre a população e esta área da cidade pouco vivenciada e quase esquecida. Constituir-se-ia, assim, numa ação interventiva que visa enfatizar tanto os vestígios industriais ainda presentes, bem como o trabalho já desenvolvido pelo MUSLAN.UBI através de uma linguagem mais poética que pretende ocupar um espaço vazio, prometendo a permanência dos antecedentes associados à ruína e conferindo-lhe uma nova intensidade na sua conexão com a envolvente.

Em suma, e representado nas práticas projetuais presentes neste trabalho, com as vertentes social, ecológica e urbanística promovidas pelos usos temporários, seria possível a conversão de muitos espaços abandonados dispersos pela cidade em momentos de fruição, criatividade, partilha, reflexão e aprendizagem não só tornando o tecido urbano mais rico de vivências e cruzamento de ideias como de novas possibilidades e abordagens para o desenvolvimento coletivo.



# Bibliografia

Açoteia—Faro Rooftop Festival. (sem data). <https://www.acoteia.pt>

Allegri, A., & Ochoa, R. (2021). Intermittent Practices in the Contemporary City. The Case of Lisbon. *Advances in Human Factors in Architecture, Sustainable Urban Planning and Infrastructure, AHFE 2021*, 249–256. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-80710-8\\_30](https://doi.org/10.1007/978-3-030-80710-8_30)

Allegri, A., Ochoa, R., Matos Silva, M., Geraldés, A., Rocha, C., Filipe, J., & Monteiro, R. (2022). Intermittent Cities. Temporary uses and sharing practices to support an adaptive urban space. Em C. Veríssimo & D. Burnay (Eds.), *Emerging voices on new architectural ecologies* (pp. 103–114). Porto: Circo de Ideias. <https://www.circodeideias.pt/produto/emerging-voices-on-new-architectural-ecologies/>

Atelier d'architecture autogérée. (sem data). About. *Atelier d'architecture autogérée*. <https://www.urbantactics.org/about/>

Augé, M. (2012). *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: Letra Livre.

Brito-Henriques, E. (2019). Introdução ou memória de um projeto. Em *Ruínas e terrenos vagos: Explorações, reflexões e especulações*. (pp. 10–12). Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.

Câmara Municipal da Covilhã. (2014). *Proposta de delimitação de área de reabilitação urbana. ARU - Centro Urbano da Covilhã*. <http://download.cm-covilha.pt/pdf/2015PlanosARU/ARUCovilha01Memoriadescritivajustificativa.pdf>

Carlo Ratti Associati. (sem data). Urban Vision for Manifesta 14 Prishtina. *Carlo Ratti Associati*. <https://carloratti.com/project/urban-vision-for-manifesta-14-prishtina/>

Communa. (2022). *Le Tri Postal (archivé)* [Sie tipo]. <https://communa.be/les-lieux/le-tri-postal/>

de Castro, F. (1990). *A lã e a neve*. Lisboa: Guimarães Editores.

Diogo Aguiar Studio. (2017). *Galeria Municipal Exhibition System, Porto*. [www.diogoaguiarstudio.com](http://www.diogoaguiarstudio.com)

Folgado, D. (2009). Covilhã, a cidade que também foi fábrica. *Monumentos: cidades, património, reabilitação., Covilhã, a Cidade-Fábrica*(29), 88–97.

FURO. (sem data). *FURO*. [www.furo.pt](http://www.furo.pt)

FURO. (2021). *Mercado Temporário no MAAT – Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia / FURO*. <https://www.archdaily.com.br/br/978208/mercado-temporario-no-maat-nil-museu-de-arte-arquitectura-e-tecnologia-furo>

Galdini, R. (2020). Temporary uses in contemporary spaces. A European project in Rome. *Cities*, 96, 1–8.

Geraldes, A. (2023). *Torre de Santo António, Covilhã. Usos temporários para (re)pensar o espaço vertical*. Covilhã: Universidade da Beira Interior (ainda não publicado, documento gentilmente cedido pelo autor).

Lerner, J. (2011). *Acupuntura urbana*. Rio de Janeiro: Record.

Lopes, C. V. R. (2011). *Edifícios a um passo da sobrevivência. Reabilitação do pátios dos escuteiros*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/2244>

Lynch, K. (1999). *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70.

Madanipour, A. (2017). *Cities in time. Temporary urbanism and the future of the city*. Londres: Bloomsbury.

Ochoa, R., & Miranda, L. (2016). Bartolomeu Costa Cabral. Por uma arquitectura de verdade. *Branca, Revista de Arquitectura da Universidade da Beira Interior*, 1, 54–59.

Oliveira, M. M. (2019). A partir de Hubert Robert—Da ruína como campo indeciso. Em *Ruínas e terrenos vagos: Explorações, reflexões e especulações*. (pp. 44–48). Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.

Openact Architecture. (sem data). About. *Openact Architecture*. <https://openact.eu/filter/works/ABOUT>

Openact Architecture, & Sara Palomar Studio. (2020). Sava Installation / Openact Architecture + Sara Palomar Studio. *Archdaily*. <https://www.archdaily.com/929536/sava-installation-openact-architecture-plus-sara-palomar-studio>

Oswalt, P., Overmeyer, K., & Misselwitz, P. (2013). *Urban Catalyst—The power of temporary use*. Berlin: Dom publishers. [http://www.urbancatalyst.net/downloads/2013\\_UC\\_Extract\\_eng.pdf](http://www.urbancatalyst.net/downloads/2013_UC_Extract_eng.pdf)

Pais, P. L., & Pinheiro, E. C. (2008). A rota da Covilhã—Cidade fábrica. Em *Rota da lã translana: Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)* (Vol. 1, pp. 430–450). Covilhã: Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

Patti, D., & Polyak, L. (2015). From practice to policy: Frameworks for temporary use. *Urban Research and Practice*, 8(1), 122–134.

Pereira, R., & Sarmiento, J. (2019). A experiência do abandono—Documentado em vídeo. Em *Ruínas e terrenos vagos: Explorações, reflexões e especulações*. (pp. 53–55). Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.

Pinheiro, E. C. (2008). Evolução histórica da indústria de lanifícios em Portugal. O caso da Beira Interior—Abordagem genérica. Em *Rota da lã translana: Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)* (Vol. 1, pp. 217–308). Covilhã: Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

Pinheiro, E. C. (2009a). Inventário do Património Industrial. Em *Rota da lã translana: Percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)* (Vol. 2, pp. 463–717). Covilhã: Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.

Pinheiro, E. C. (2009b). A Universidade da Beira Interior e o seu papel na reabilitação e reutilização do património industrial da Covilhã. *Monumentos: cidades, património, reabilitação., Covilhã, a Cidade-Fábrica*(29), 98–109.

Público. (2014). Jardim do Torel. *Público*. [http://lifestyle.publico.pt/praias/472\\_jardim-do-torel](http://lifestyle.publico.pt/praias/472_jardim-do-torel)

Schunck, & Heerlen Rooftop Project. (2022). *Selvatico Collective—The Countryside* [Divisare]. <https://divisare.com/projects/468363-selvatico-collective-giovanni-nardi-the-countryside>

*Selvatico*. (sem data). [Selvatico]. <https://www.selvatico.eu/#home>

Siza, Á. (2000). *Imaginar a Evidência*. Lisboa: Edições 70.

Tardiveau, A., & Mallo, D. (2014). Unpacking and Challenging Habitus: An Approach to Temporary Urbanism as a Socially Engaged Practice. *Journal of Urban Design*, 19(4), 456–472.

Tonkiss, F. (2013). Austerity urbanism and the makeshift city. *City*, 17 (3), 312–324.

Tytgadt, E. (Ed.). (2018). *Refil. A Journey Through Temporary Use*. Gante: City of Ghent. <https://refillthecity.files.wordpress.com/2018/03/refill-final-publication.pdf>



# **Painéis de apresentação**

<b>Capa do projeto</b>	<b>I</b>
<b>Mapeamento</b>	<b>II</b>
<b>Vazio urbano junto ao Mercado Municipal</b>	<b>III - IV</b>
<b>Torre de Santo António</b>	<b>V - VI</b>
<b>Ruína fabril Valério Gomes Correia e Irmão</b>	<b>VII - XII</b>

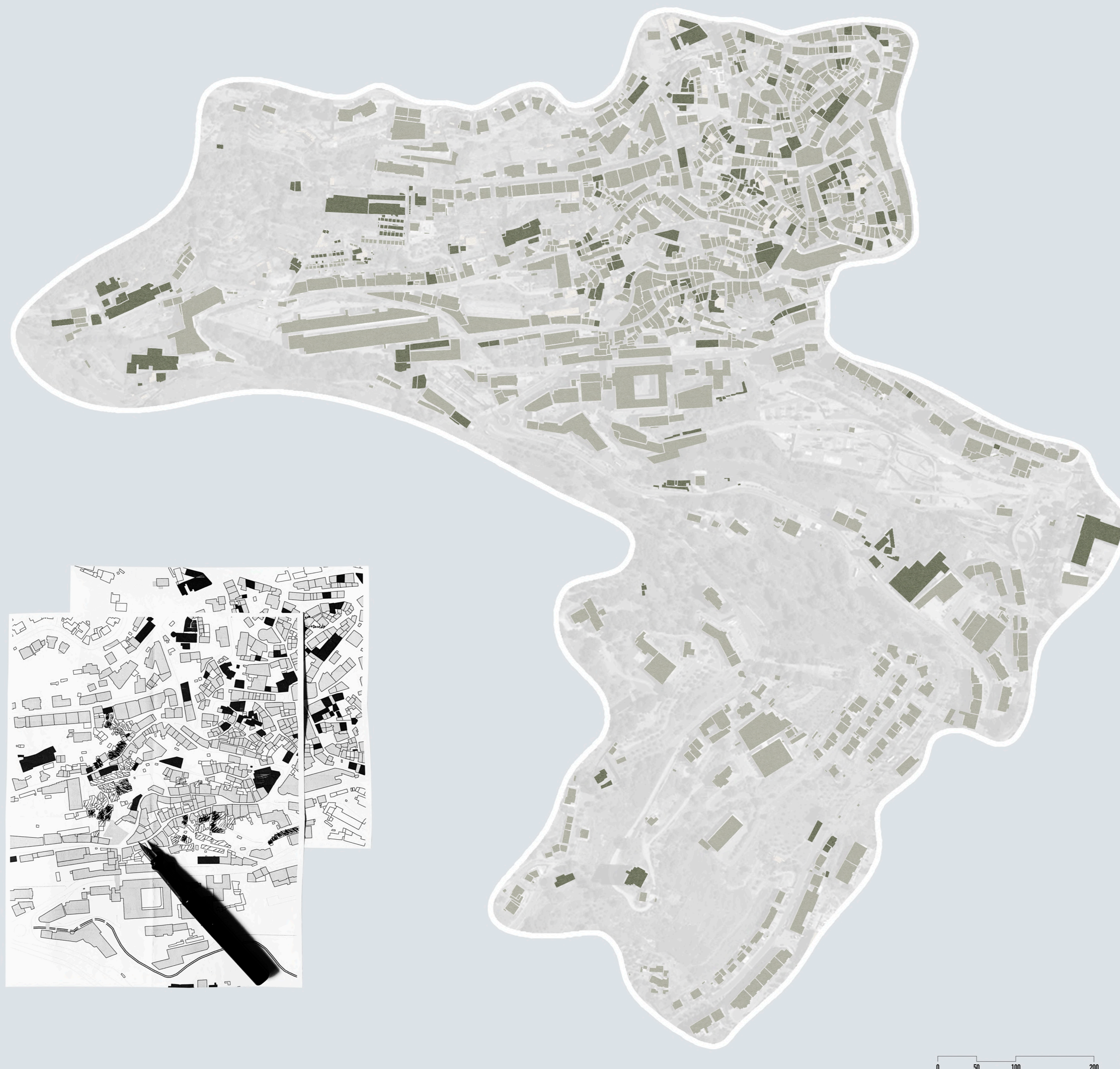
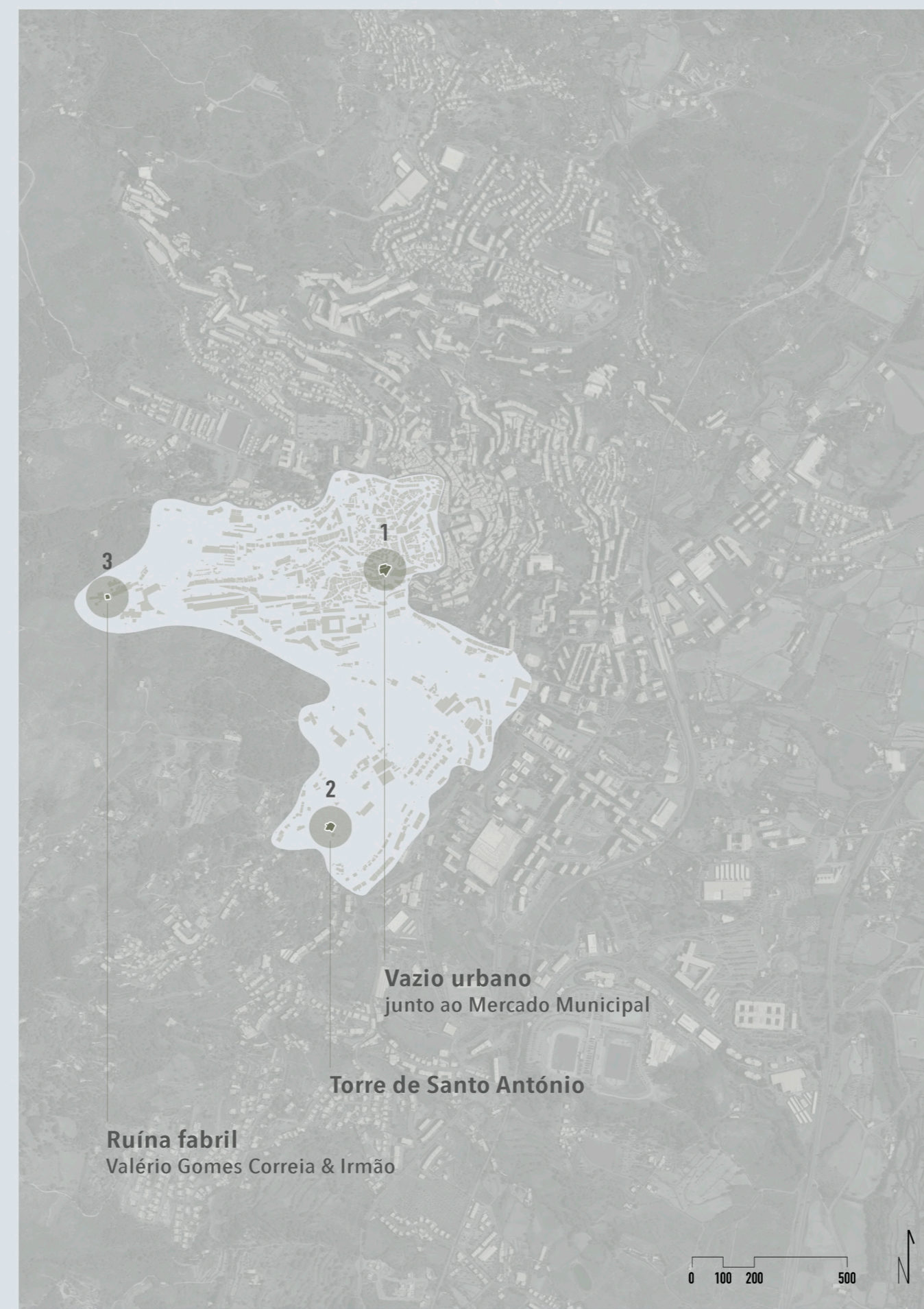


Esta investigação pretende compreender de que forma os usos temporários podem ter um papel fundamental na (re)ativação e no (re)uso de espaços abandonados nas cidades, em particular na cidade da Covilhã. Para tal, é dividida em três momentos que correspondem a fases distintas e que se mostram como uma linha contínua de trabalho: i) mapeamento, ii) identificação de usos e iii) prática projetual. Estas são ainda antecedidas por uma breve contextualização teórica ao tema abordado.

O primeiro momento foca-se no contexto da cidade da Covilhã, nos seus edifícios e espaços abandonados passíveis de serem intervencionados e no mapeamento dos mesmos. O segundo, centra-se na identificação dos possíveis usos a adotar em três dos espaços escolhidos na fase anterior.

No terceiro e último, é desenvolvido um projeto de arquitetura, que se traduz num modus operandi, tendo por base sempre a temporalidade no seu desenho, adaptado aos três locais distintos de intervenção, e com um maior desenvolvimento no caso da ruína fabril Valério Gomes Correia & Irmão com o propósito de evidenciar e dar a conhecer parte do património industrial da cidade.

Como apoio aos vários processos ao longo do trabalho são utilizadas bases já realizadas por várias entidades, nomeadamente o Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior (MUSLAN.UBI), que visam a divulgação e a conservação identitária da cidade em estudo, o património industrial.



O mapeamento de espaços devolutos na cidade da Covilhã concretiza o primeiro momento deste trabalho. Devido à amplitude de espaços passíveis de serem incluídos neste mapeamento, foi necessária a definição de critérios e o estudo da mancha com maior relevância a mapear. Deste modo, foram tidos em conta os seguintes espaços e áreas: i) a **ribeira da Goldra**, cuja sua existência teve um impacto importantíssimo na escolha e decisão da implantação do património industrial, e que integra muitos dos espaços em estudo; ii) o **centro histórico**, mais especificamente a área entre muralhas, uma vez que o mesmo já foi estudado e integrado em projetos de reabilitação

urbana e noutras investigações, também quanto aos seus espaços devolutos, fazendo sentido que também neste trabalho esta zona da cidade seja incorporada para que, através deste mapeamento, possa ser repensada e revitalizada, atendendo ao seu estado contínuo de decadência; e a **torre de Santo António**, uma infraestrutura embargada e devoluta que, dada a sua localização, a sua dimensão vertical e o seu aspeto degradado, detém um impacto paisagístico negativo na cidade, revelando-se pertinente o seu questionamento para uma integração funcional no seu contexto dentro da abordagem dos usos temporários, (re)ativando-a e tornando este marco da cidade num objeto gerador de novas atividades.

Dos espaços mapeados constata-se locais e objetos bastante diversificados entre si, desde edifícios desativados pertencentes ao património industrial, a inúmeras construções de dimensões domésticas degradadas, ruínas preenchidas de vegetação e obras embargadas. Após a obtenção dessa amostra, foram selecionados vários espaços como alvos de intervenção que abrangessem diversas áreas da cidade e que se diferenciassem uns dos outros. Para tal, procedeu-se à recolha das suas características mais relevantes produzidas em gráfico e fichas para, posteriormente, se identificar os locais a intervir.

Desta forma, são escolhidos três espaços: 1) o **vazio urbano** contíguo ao encontro da Rua de Olivença com a Rua Pedro Alves, junto ao Mercado Municipal; 2) a **Torre de Santo António**, próxima do bairro com a mesma designação, a sudoeste, e ladeada pela Travessa da Rua Morais do Convento; 3) e a **ruína fabril** Valério Gomes Correia & Irmão (Pisão Novo), perto da Faculdade de Engenharia da UBI.

- 1) Mancha edificada da cidade da Covilhã.
- 2) Fatores decisivos para a definição da área a mapear.
- 3) Localização dos três locais escolhidos para serem intervenções.
- 4) Critérios de categorização de cada espaço para a sua seleção nas fases de identificação de usos e prática projetual.
- 5) Cartas utilizadas na realização do mapeamento.
- 6) Mapeamento dos espaços passíveis de serem intervenções na área definida.
- 7) Mapeamento dos espaços passíveis de serem intervenções na área definida.



# 01. IDENTIFICAÇÃO DE USOS



usos a adotar: Mercado + Pequenos negócios



Situado numa zona com bastante afluência de tráfego automóvel e pedonal, este espaço é composto por ruínas que compõem apenas algumas das suas fachadas.

No seu interior é evidente o crescimento descontrolado da natureza que se apropria de toda a área livre e ainda das ruínas existentes, libertando apenas o desenho que o caminho de pé posto concretiza e que quebra em duas partes este lote.

Em relação à sua envolvente encontram-se algumas funções de carácter comercial próximas, concretamente o Mercado Municipal, que continua a dar lugar a produtores e aos seus produtos regionais, essenciais para uma parte da economia local. Mais afastadas, existem outras entidades como espaços expositivos e de divulgação cultural e estruturas comerciais que estimulam a compra de produtos alimentares, decorativos ou funcionais e nacionais de um leque variado de artistas e artesãos.

Influenciado pelas práticas exercidas no Mercado Municipal, considera-se que este espaço pode acolher ainda pequenos negócios locais que estão a cair no desuso e no esquecimento, mas que são ainda bastante importantes para o panorama funcional da cidade, tais como sapateiros, o profissional que realiza cópias de chaves, o mecânico que repara variados instrumentos relacionados com a produção agrícola, entre muitos outros negócios que possam remeter a este tipo de atividades locais semelhantes às ainda existentes na Rua Conselheiro António Pedrosa dos Santos, a sul do local a intervir, como os barbeiros.

Assim, é proposto para este local duas funções distintas: uma área de **mercado para produtos artesanais, regionais ou de trocas**, por exemplo, e outra para a realização de **pequenos negócios** locais descritos anteriormente. Acompanhando estas funções, implementam-se pontualmente **espaços para usufruto e permanência** da população.

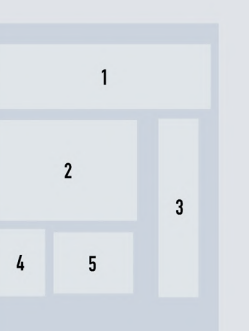
1) Fotogramas do vídeo realizado sobre o vazio urbano junto ao Mercado Municipal. (maio, 2022 - janeiro 2023)

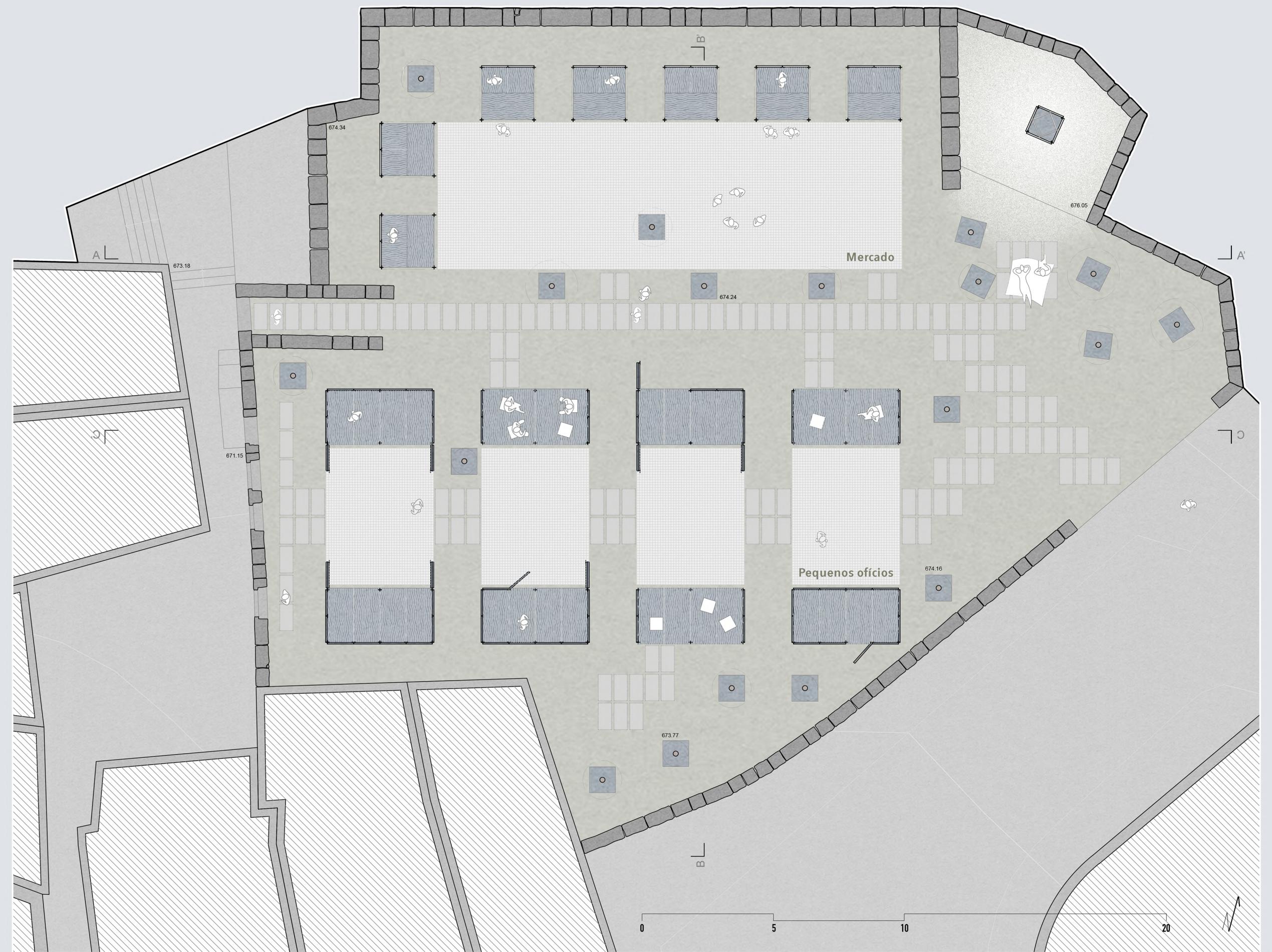
2) Funções descritas na envolvente do espaço a intervir.

3) Alusão gráfica às funções descritas na figura 2.

4) Caminho de pé posto. (maio, 2022)

5) Caminho de pé posto e alternativas ao mesmo.





Neste espaço pretende-se dar ênfase ao caminho de pé posto criado naturalmente pela comunidade e que divide este espaço em duas partes. Assim, são destinadas duas funções distintas: a sul desta linha desenhada no terreno são implementadas estruturas que albergam pequenos ofícios e que permitem a permanência das pessoas neste local; e a norte é realizada uma zona de mercado para a comercialização de produtos alimentares e artesanais, estendendo as atividades praticadas no Mercado Municipal para este espaço.

Respondendo à implementação dos pequenos ofícios, são utilizadas "caixas" com a particularidade de serem completamente encerradas, utilizando sistemas simples de dobradiças.

Já as estruturas semiabertas envolvem-se no mesmo espaço com as anteriores e abrigam momentos de encontro e convívio.

Em relação à zona de mercado, são ainda projetadas outras estruturas que funcionam como bancadas que permitem a comercialização dos produtos. Na sua composição, a utilização de painéis de madeira é feita apenas em parte, pois é utilizada lona em tecido branco como proteção da luz solar e do vento, tanto na parte superior como nas partes verticais.

A definir áreas de permanência nas duas zonas são utilizados cubos de granito cinza de 100 x 100 x 100 mm de acabamento rachado no pavimento e na transição entre espaços existem grelhas metálicas de 500 x 1000 mm.

A torre luminosa é adicionada a este local, situando-se num recanto preexistente com uma cota superior ao restante espaço a intervir. Desta forma, este marco de luz beneficia da cota em que se encontra, mas também da sua localização, despertando com uma maior facilidade a atenção das pessoas e suscitá-las à visita desta (re)ativação.

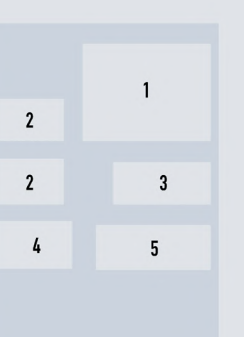
1) Planta da intervenção no vazio urbano junto ao Mercado Municipal.

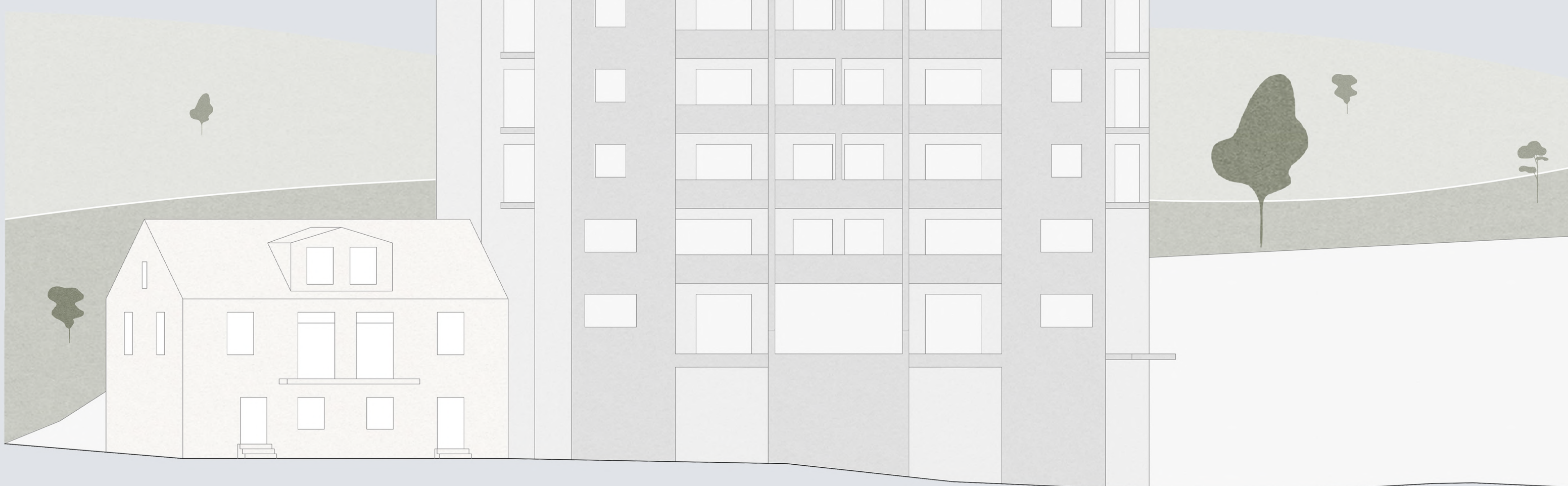
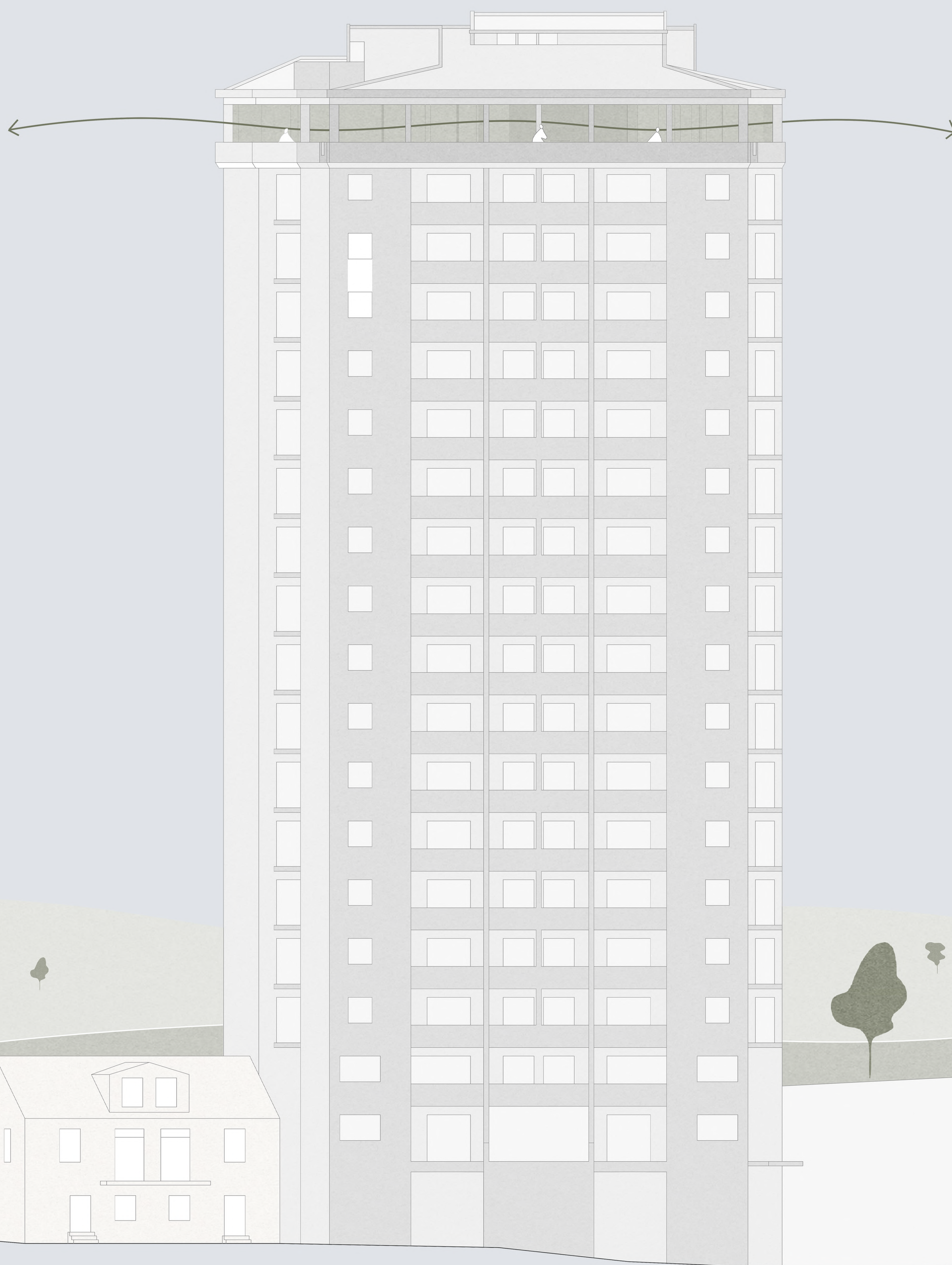
2) Perspetivas da intervenção.

3) Corte BB' da intervenção no vazio urbano em questão.

4) Corte AA' da intervenção no vazio urbano em questão.

5) Corte CC' da intervenção no vazio urbano em questão.





uso a adotar: **Ginásio**

A Torre de Santo António trata-se de uma obra embargada, completamente ao abandono, com marcas de degradação e vandalismo e é apenas observável, na sua maioria, o seu esqueleto. É composta por dezassete pisos, sendo a maioria destinados a habitação, exceto os do rés-do-chão, os que se encontram por baixo desse e o último. Este, situado no ponto mais alto do edifício, é diferenciado de todos os restantes pela sua característica única de ponto de observação panorâmica privilegiado para toda a envolvente.

Nas suas proximidades existem equipamentos académicos pertencentes à UBI, como instalações de ensino, nomeadamente o polo de desporto, pavilhões desportivos, residências e, a mais alguns metros de distância, a reitoria e outros serviços administrativos.

A sua localização pode ser encarada também como um momento de charneira de duas realidades distintas da cidade da Covilhã: a comunidade residente permanente no bairro de Santo António, a sudoeste, e a comunidade estudantil, a nordeste. Estas duas vivências sobrepõem-se no quotidiano cidadão e este ponto geográfico torna-se fundamental para o seu cruzamento e impulsor de relações sociais.

Seguindo esta intenção de aproximação, é definido um espaço que prolongue as funções exercidas nas instalações universitárias próximas implementando a prática de **exercício físico** neste local.

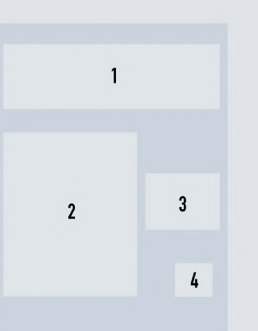
Em simultâneo, pretende-se a implementação de áreas de descanso e usufruto da vista panorâmica, tal como **bar**, e ainda que todas as zonas contempladas para a atividade física possam ser palco de outro tipo de usos.

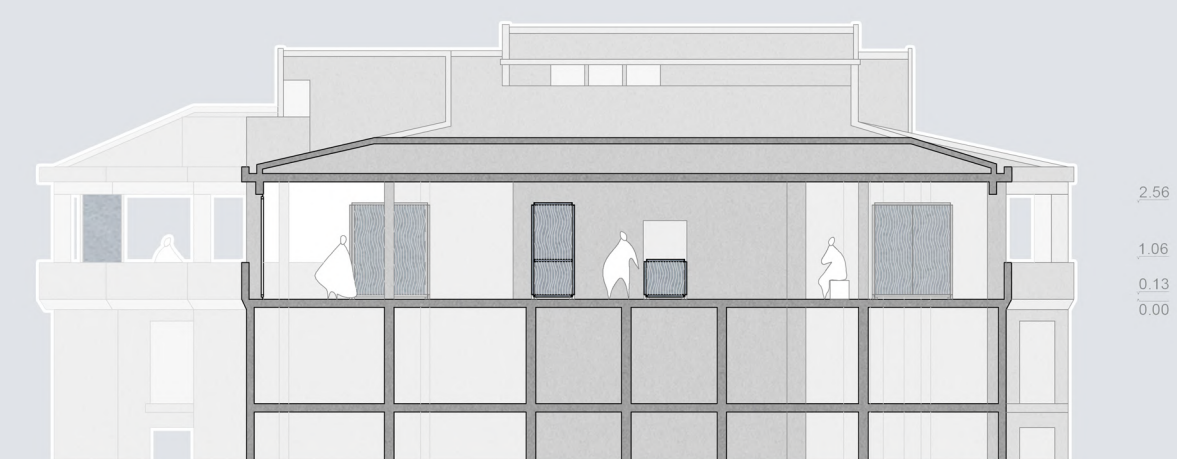
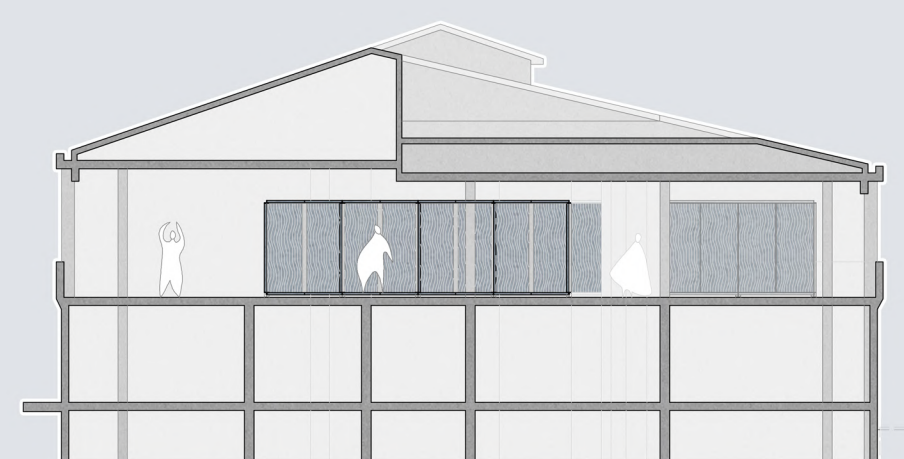
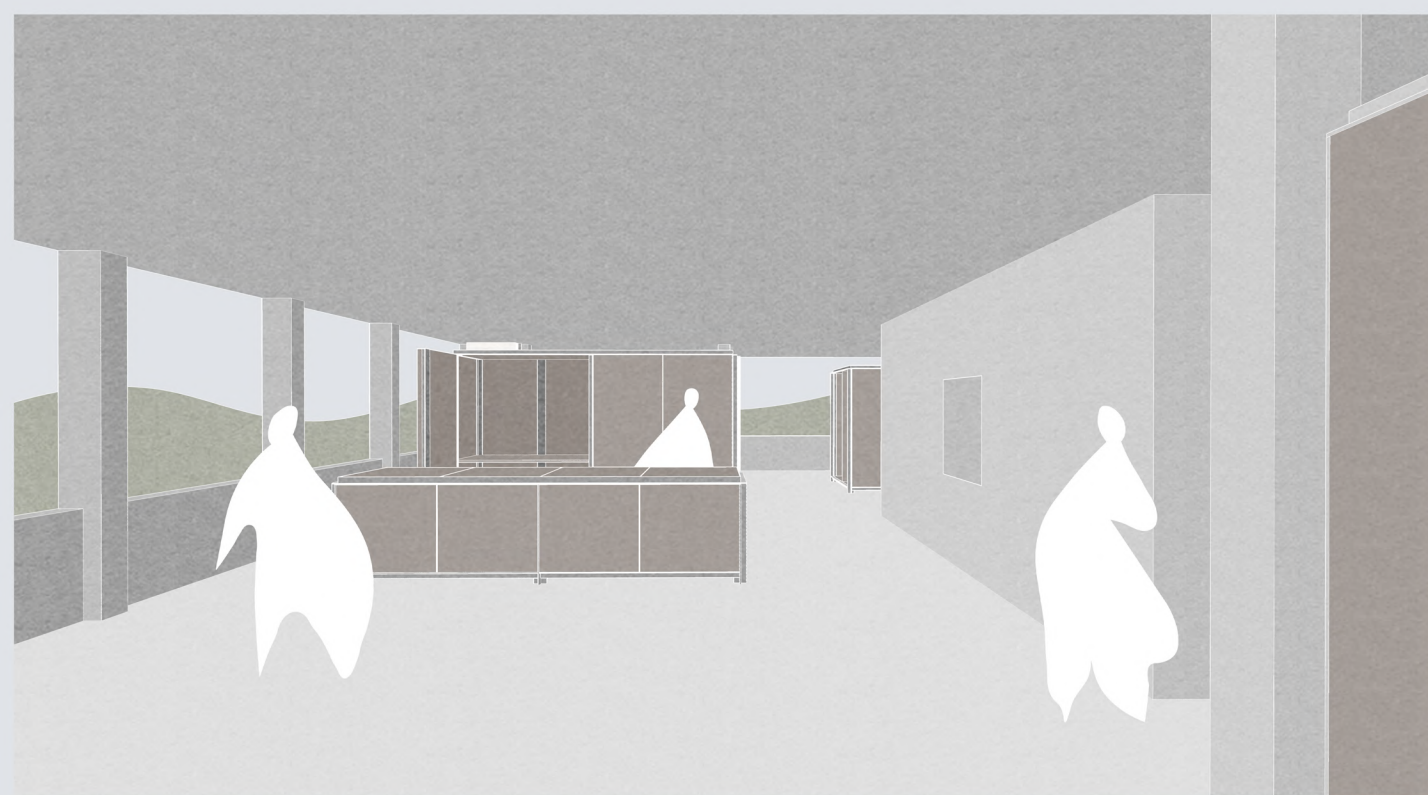
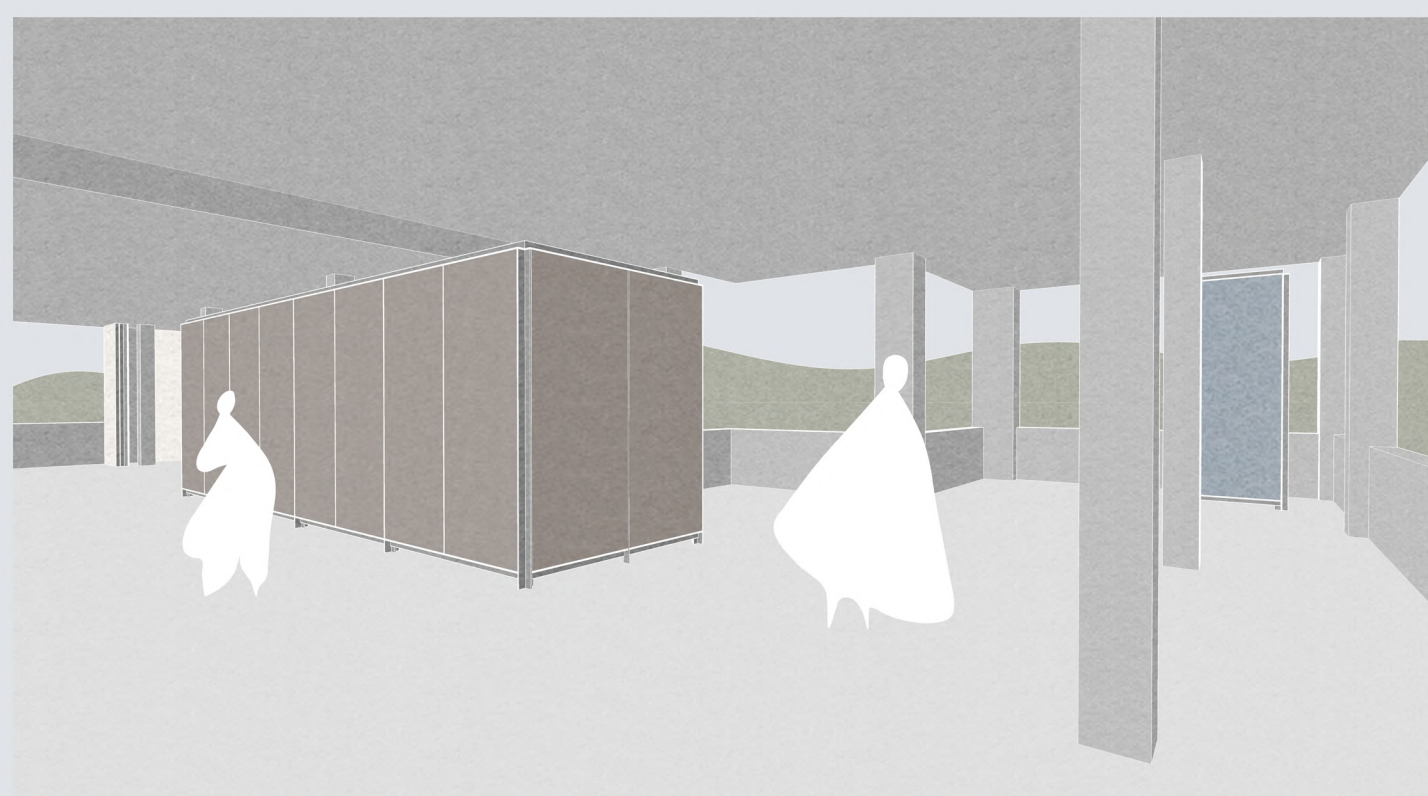
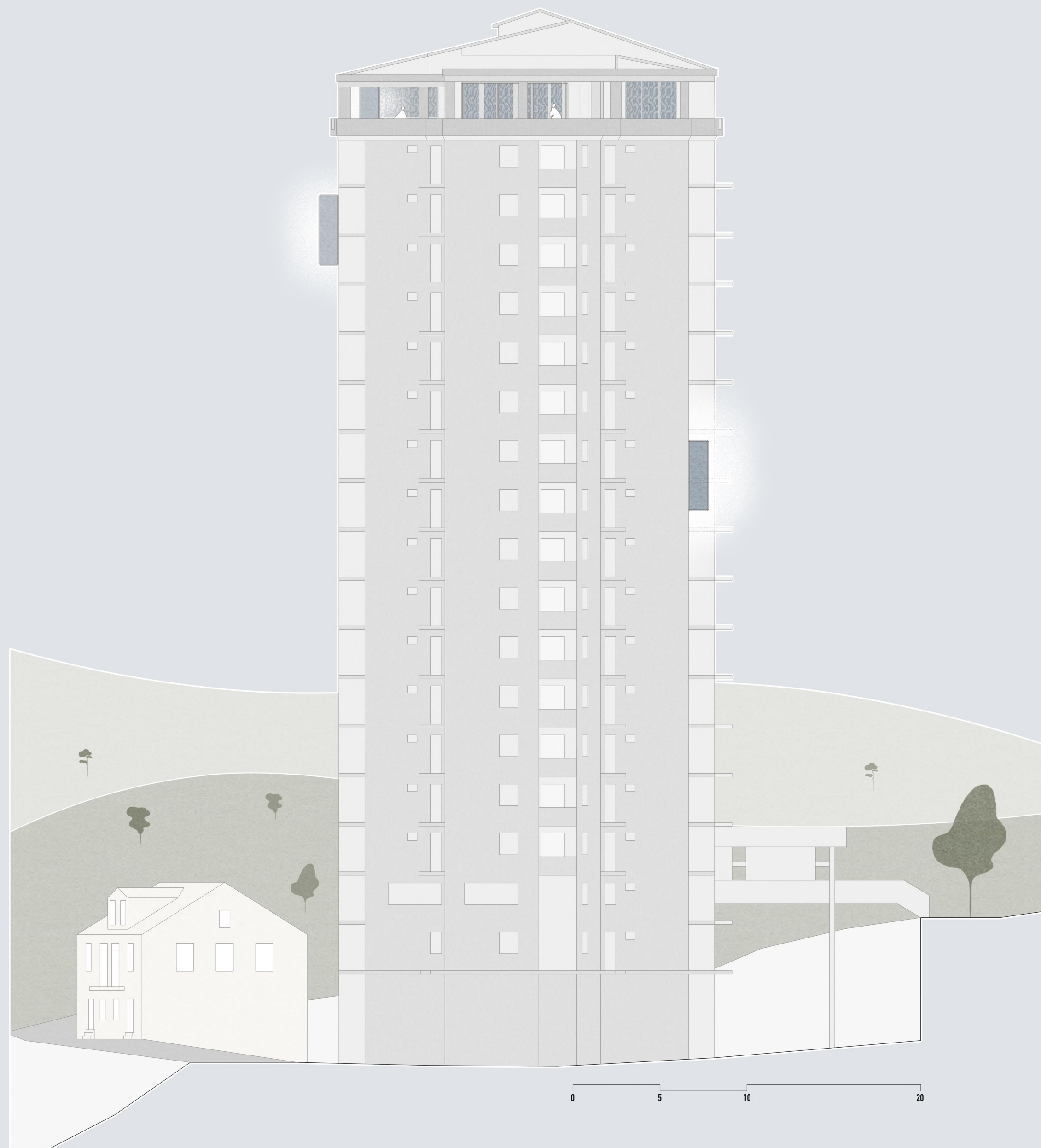
1) Fotogramas do vídeo realizado sobre a Torre de Santo António. (outubro, 2021)

2) Abertura panorâmica do último piso do edifício em questão.

3) Localização da comunidade residente no bairro de Santo António, a sudoeste, e da comunidade estudantil, a nordeste.

4) Alusão gráfica ao exercício físico praticado nas instalações próximas da UBI e proposto para o espaço de intervenção.





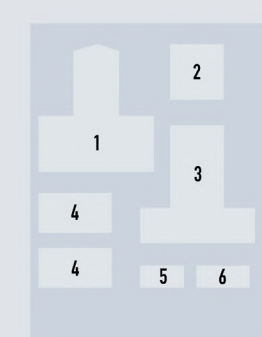
Concretizando a intenção da prática de exercício físico neste local, são definidas zonas polivalentes para a prática de diversas atividades. De forma a distinguir essas áreas e a auxiliar as funções desempenhadas nas mesmas são desenhadas caixas i) que permitem a arrumação de materiais, ii) que direcionam as pessoas para a paisagem envolvente e, ainda, iii) que permitem o funcionamento de um bar de apoio a todo o espaço e à projeção de conteúdo multimédia na parte de trás de uma das caixas.

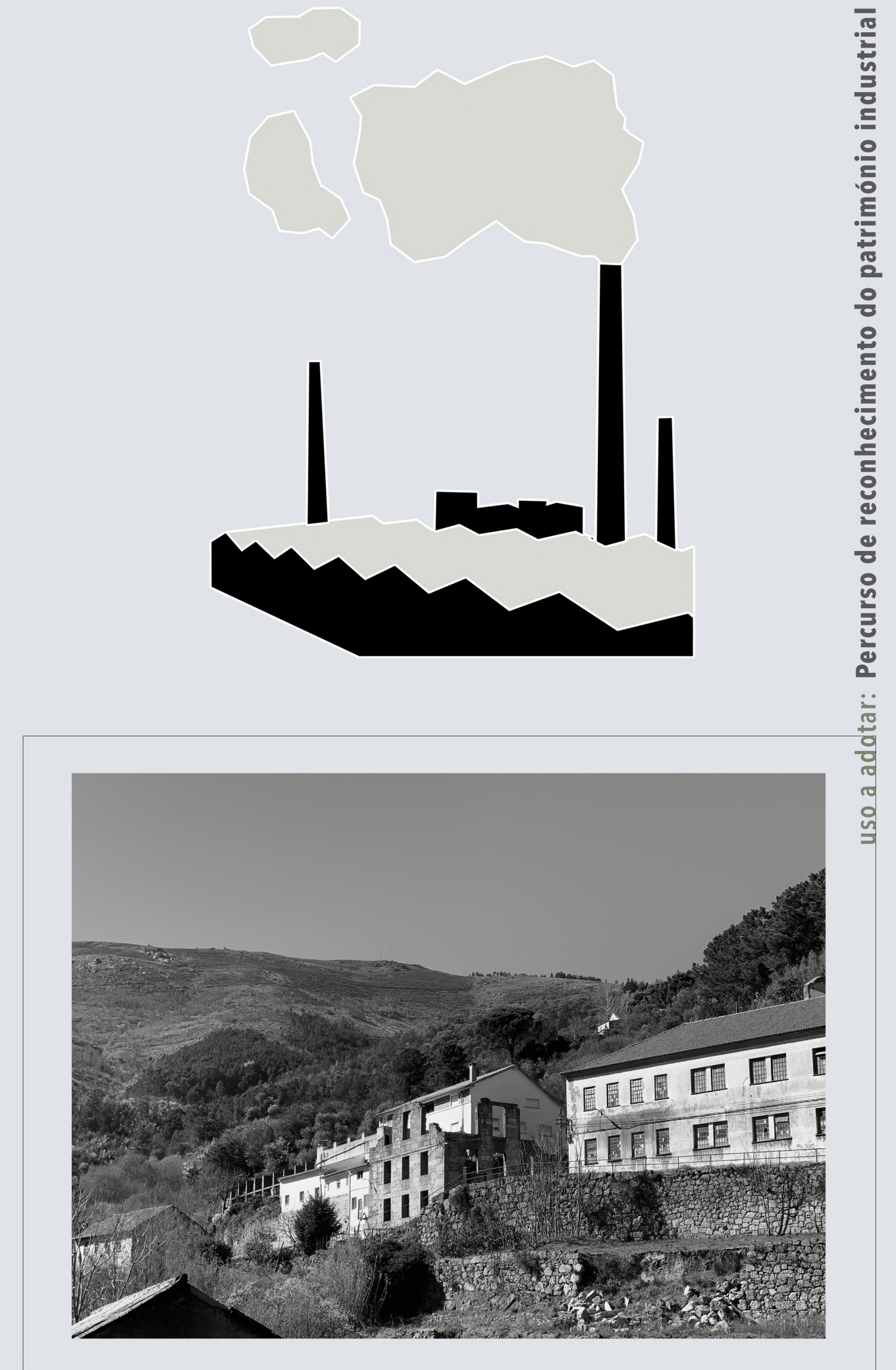
A caixa 1 é composta por três espaços distintos no seu interior: uma primeira com dois compartimentos de vestiário, outra para arrumação de objetos de apoio à ginástica e a terceira para guardar todos os utensílios que permitem a visualização de multimédia na zona polivalente B, como aparelhos eletrónicos e mobiliário para que as pessoas se possam sentar confortavelmente.

São também projetadas as caixas 2 que visam o depósito de eletrodomésticos e tudo o que seja essencial para o funcionamento de bar e que sejam encerradas com painéis móveis com dobradiça.

Por último, a caixa 3 é caracterizada como um espaço semiaberto que se define como um ponto de pausa, uma zona de convívio e contemplação, que se direciona para o exterior e, com ela, pretende direcionar quem a invade.

Para que este objeto fosse destacado com o elemento luminoso, foram adotadas estruturas semelhantes à "torre luminosa", mas com alturas menores, localizadas no último piso e acopladas às fachadas sudeste e noroeste. Assim, para além de incluírem esta obra embargada na estratégia de assinalar espaços devolutos, pretendem também atrair a atenção da comunidade para o ponto mais alto do edifício e convidar à sua subida.





uso a addtar: Percorso de reconhecimento do património industrial



Completamente entregue ao declínio, a ruína fabril Valério Gomes Correia & Irmão (Pisão Novo) possui, nos dias de hoje, vestígios que remetem a um dos objetos arquitetónicos pertencentes ao património industrial. A ruína encontra-se localizada numa área já longe do centro histórico e está rodeada de outros objetos de natureza fabril, a maioria também já desativados e nas mesmas condições. Situa-se ainda numa das encostas do vale pelo qual invade a ribeira da Goldra a cidade.

Através das características da sua envolvente e tirando proveito de pontos de observação focados na paisagem próxima é consequente uma escolha programática para este local que tenha como finalidade enaltecer este património industrial, bem como as atividades deste âmbito que ainda persistem.

Neste sentido, a escolha da intervenção neste local passou também pela conexão com uma das estratégias que o MUSLAN.UBI assume na divulgação deste património. São já definidos três percursos delineados pela estrutura urbana que visam dar a conhecer os momentos mais marcantes do património industrial, bem como uma grande diversidade de vestígios ligados a diferentes atividades da indústria dos lanifícios.

O primeiro desses itinerários é baseado nas construções localizadas ao longo da ribeira da Goldra e tem como ponto de passagem a ruína fabril em estudo. Estas revelam-se com uma importância acrescida neste núcleo de construções industriais ao ponto de influenciarem o topónimo da rua que lhes dá acesso, Pisão Novo, uma vez que possuía na época este tipo de maquinaria.

O Museu de Lanifícios é ainda caracterizado por ser polinucleado, possuindo atualmente três núcleos: a Real Fábrica de Panos, a Real Fábrica Veiga e as Râmolas de Sol. Estes distintos espaços foram escolhidos por possuírem construções ou vestígios relativos a atividades da indústria fabril, divulgando e preservando parte da história e daquela que um dia foi a força de desenvolvimento da cidade e do país.

Dada a importância já mencionada da ruína fabril e a sua localização, é então proposto para este local um **quarto núcleo do MUSLAN.UBI**. Este daria ênfase à divulgação/visibilização de um dos pontos que representa várias fases cronológicas ligadas à indústria têxtil, desde a atividade das fábricas ao silêncio inquieto do abandono.

Deste modo, procura-se para este local o desenho de um **percurso** que visa **reconhecer e enaltecer o património industrial** desta área da cidade, bem como a ruína em questão.

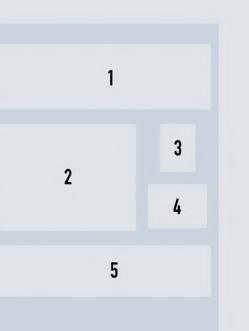
1) Fotogramas do vídeo realizado sobre a ruína fabril Valério Gomes Correia & Irmão. (janeiro - março, 2023)

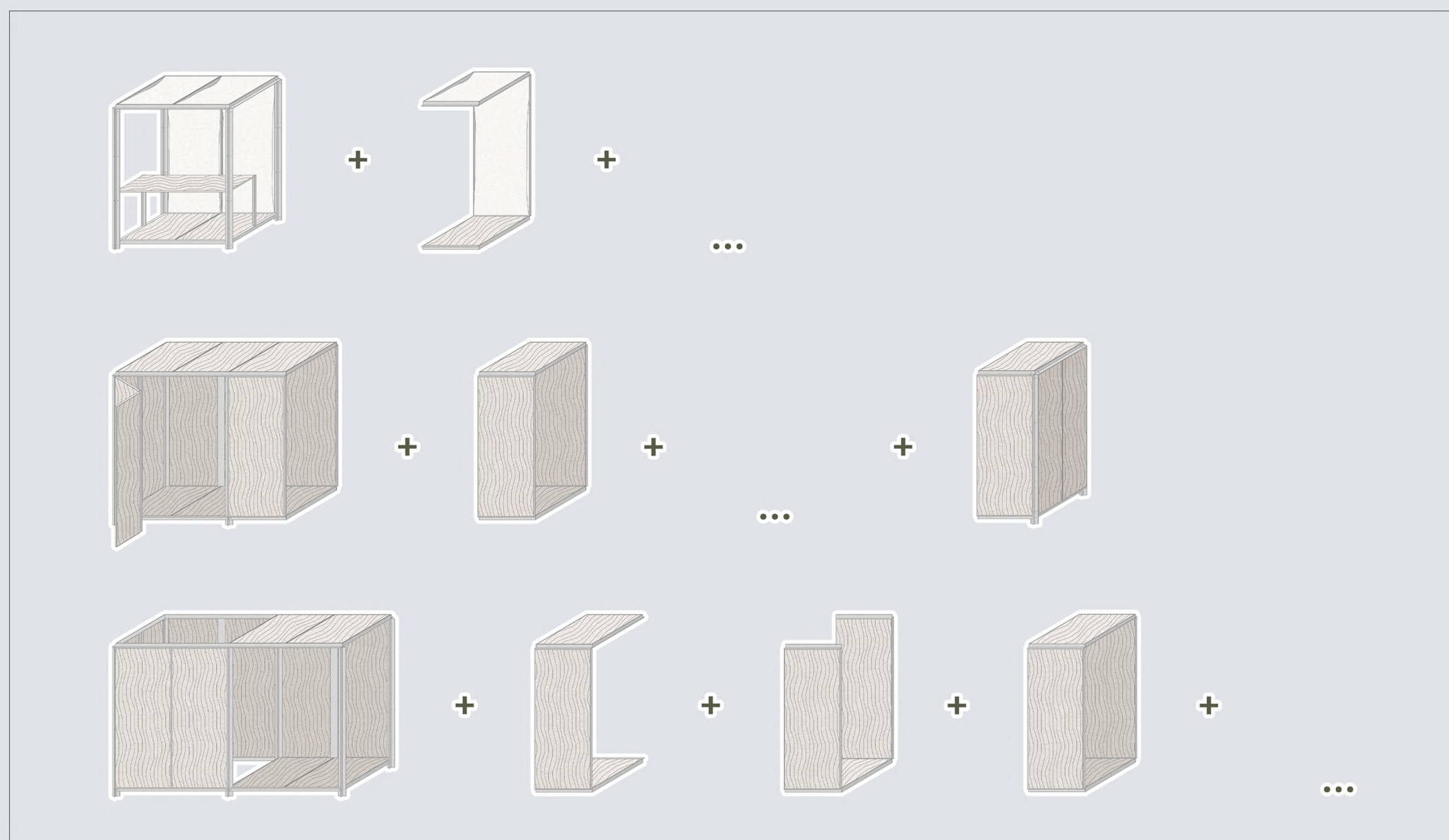
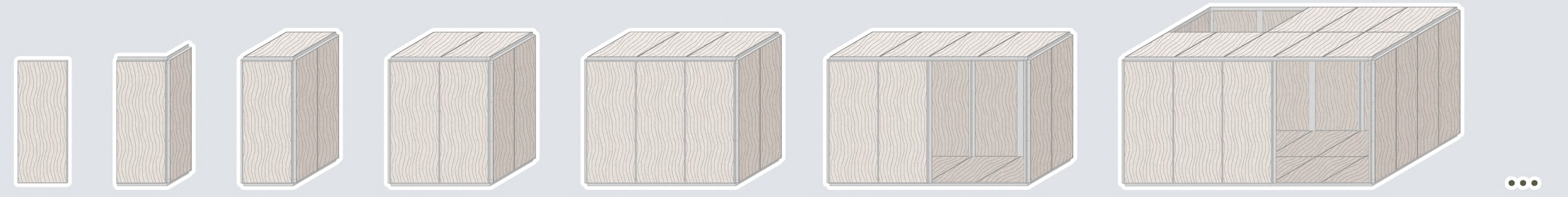
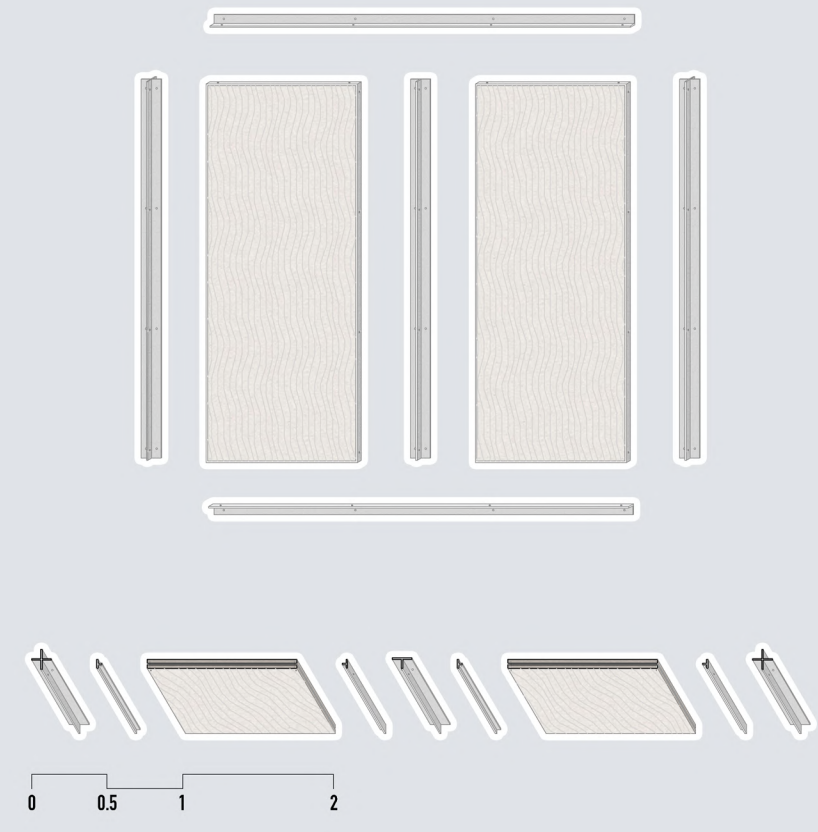
2) Património industrial próximo à ruína fabril (dois núcleos do MUSLAN.UBI, diversas construções pertencentes ao mesmo e o percurso junto à ribeira da Goldra).

3) Alusão gráfica ao património industrial.

4) Ruína fabril Valério Gomes Correia & Irmão (Pisão Novo). (março, 2023)

5) Relação da ruína fabril (alçado nascente) com o vale da ribeira da Goldra.

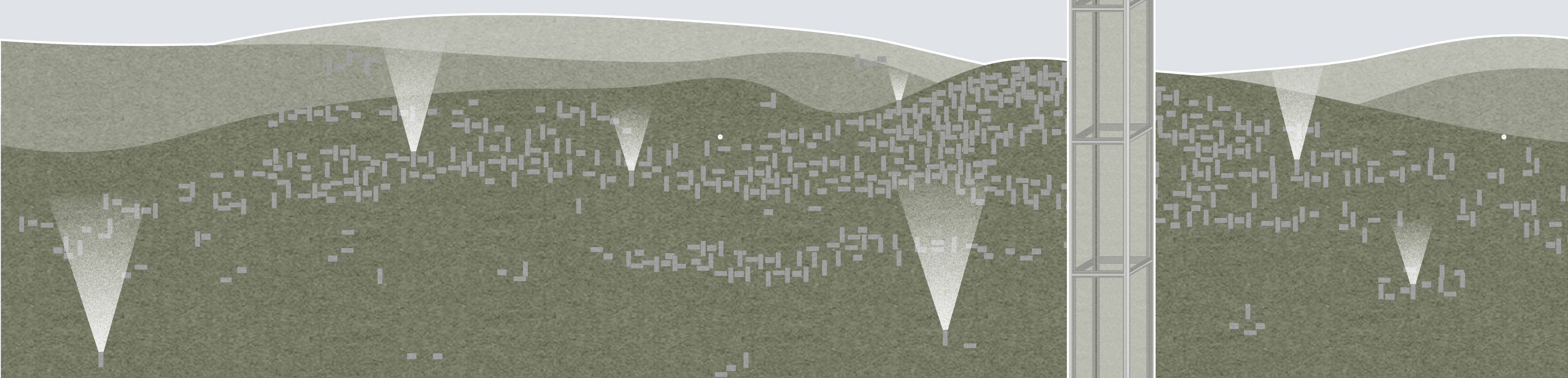
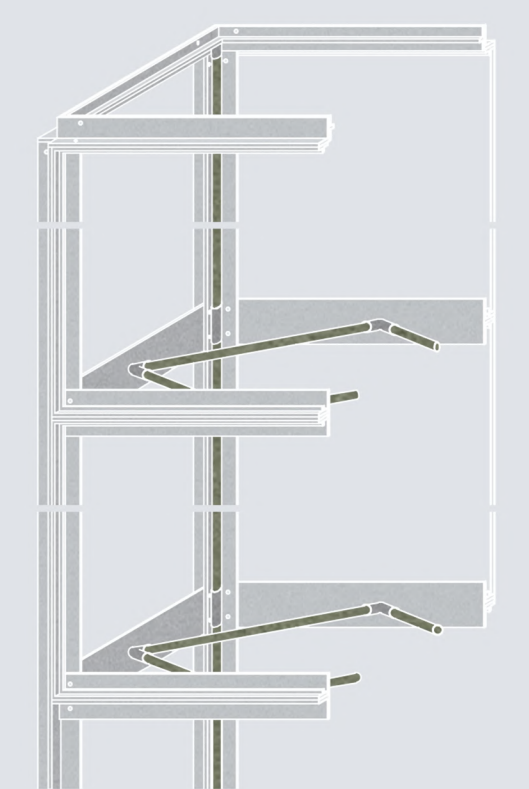




Ao iniciar a terceira fase deste trabalho, é estudado um sistema construtivo capaz de albergar e de se moldar aos três diferentes contextos apreendidos da segunda fase. São desenhadas peças repetidas que se concretizam na sua forma retangular através de uma moldura em aço que suporta a materialidade escolhida para cada função.

Para a fixação entre estas peças e as estruturas são utilizados vários perfis distintos na sua forma: em "L" para as arestas horizontais, em "T" para a junção de peças e assim ser possível a construção de superfícies de maiores dimensões e, por fim, em cruz, também utilizados para a junção de peças, nomeadamente para as arestas verticais das estruturas, e para a fixação destas ao solo.

Tendo em consideração os possíveis usos a adotar nos três espaços identificados e com a versatilidade e materialidade que é proporcionada pelo método construtivo apresentado, são adotadas três variações de estruturas que podem ser contempladas para cada espaço: i) a primeira materializada em **estruturas de exposição e comercialização de produtos** permitindo a concretização de mercados, ii) a segunda formada pela ideia de **caixa que pode ser aberta e encerrada** por painéis movidos com auxílio de dobradiças para o armazenamento de material ou albergar determinada função e iii) a terceira representada por um **espaço com aberturas permanentes** que sugere a paragem, o encontro e que encaminha percursos e pontos de vista.



Para além do *modus operandi* descrito a aplicar aos múltiplos espaços a serem (re)ativados com o auxílio destes elementos, é lhe somado um outro gesto, este de carácter mais simbólico. É idealizado um conjunto de "torres luminosas" com o propósito de sinalização de espaços, desenvolvido com o mesmo *modus operandi* apresentado, através da projeção de luz colorida instalada no seu interior, espalhando essa presença cromática por toda a sua superfície em policarbonato celular.

Assim seria possível um olhar para o panorama urbano e visualizar a localização de todos os espaços que representam agora uma luz para a cidade. A presença das várias luzes permite ainda informar se as diversas atividades decorrem nos diferentes locais em determinado momento ou, através da sua ausência, se se encontram encerradas. No entanto esta interrupção temporária de luz nas diversas torres não remete agora para o que outrora simbolizava os apagões do quotidiano e os vazios do tecido urbano.

1) Composição estrutural das peças desenvolvidas para o *modus operandi*.

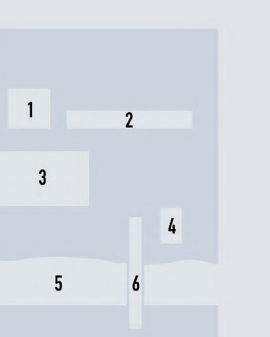
4) Localização e posicionamento das lâmpadas led na estrutura da torre.

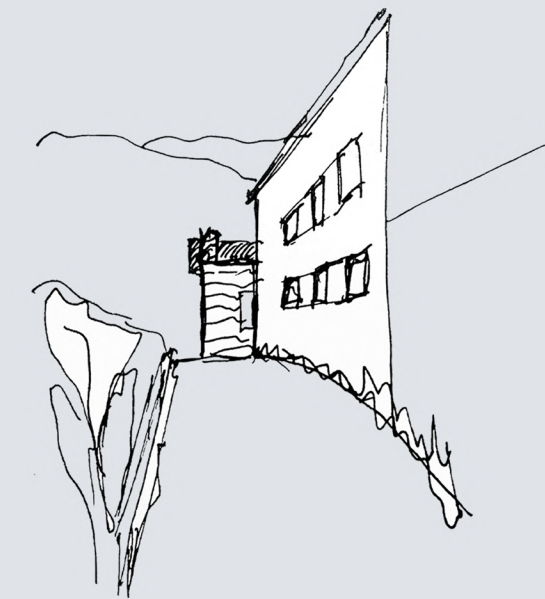
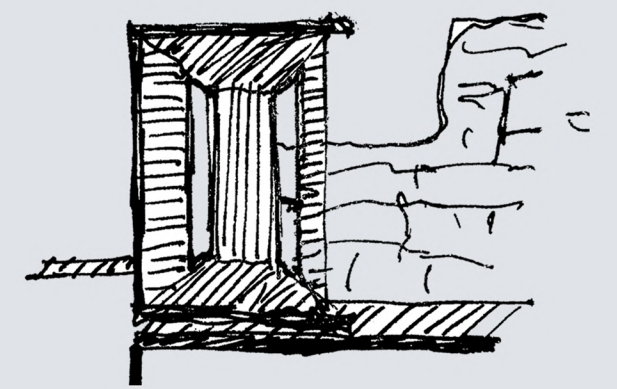
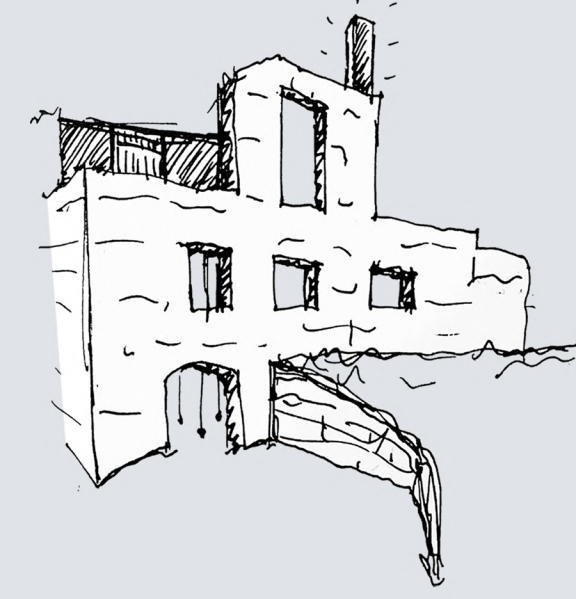
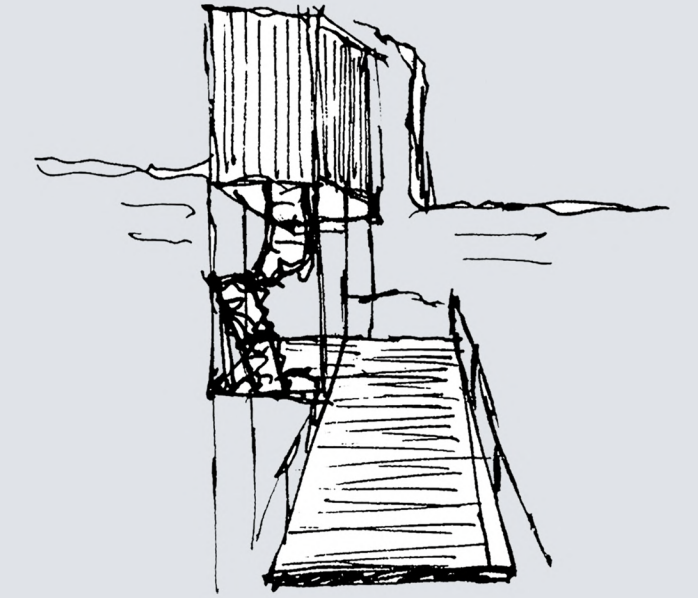
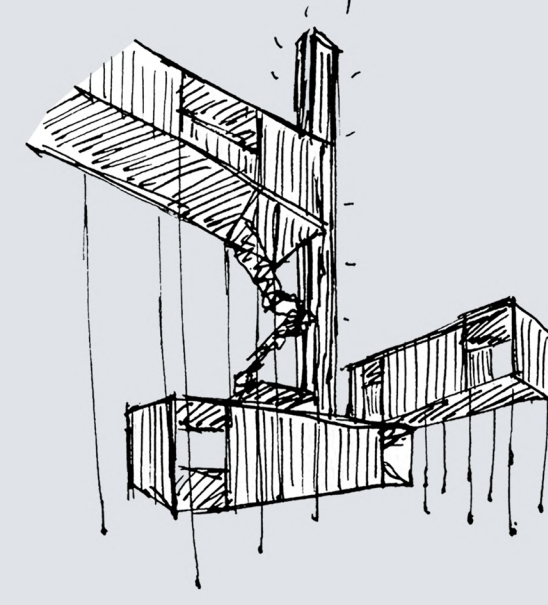
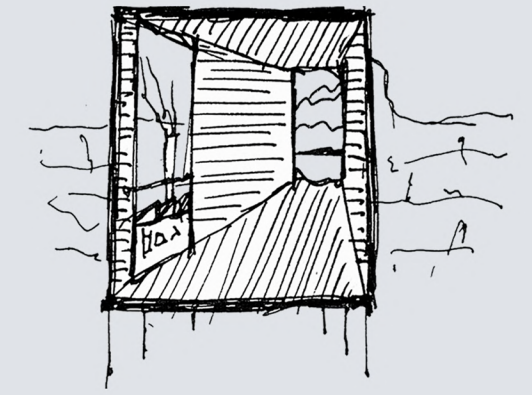
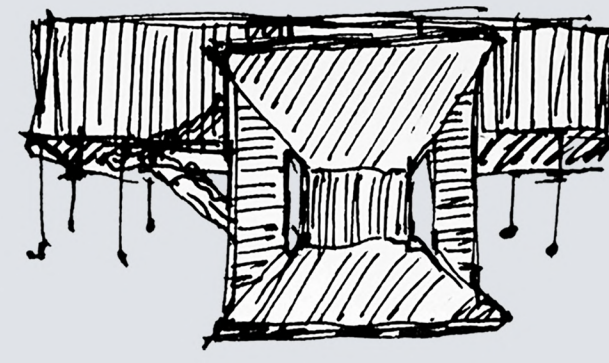
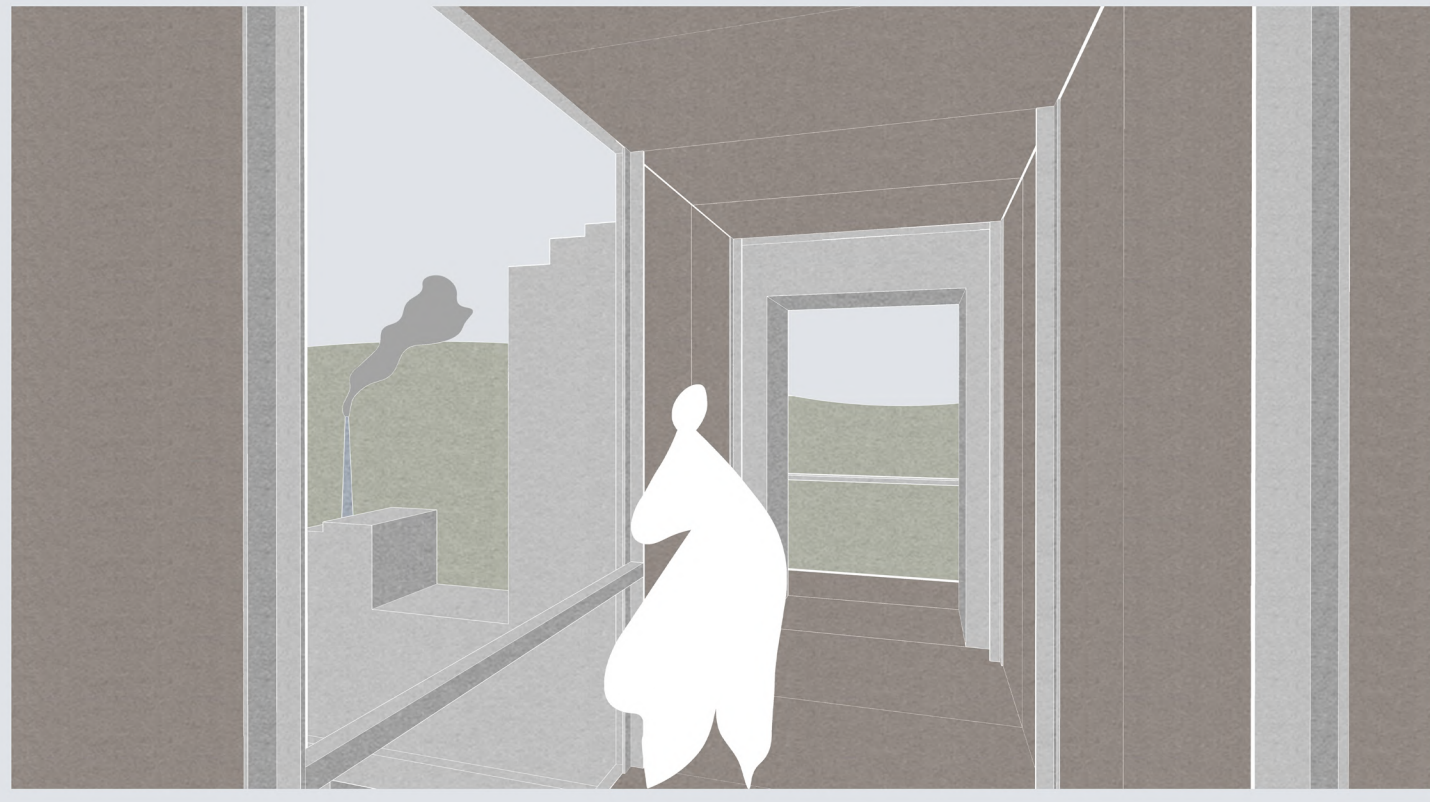
2) Construção de estruturas através da adição de novas peças, aplicando sempre o mesmo *modus operandi*.

5) Torres luminosas na cidade da Covilhã.

3) Três variações estruturais a adotar de acordo com as diferentes funções previamente identificadas.

6) Estrutura da torre luminosa.





A concretização desta intervenção é realizada através de três "caixas" com aberturas permanentes, realizadas segundo o mesmo método que as duas práticas projetuais anteriores, situadas a diferentes cotas e expostas em direções e localizações distintas de modo a estabelecer relações físicas com o espaço a intervir e a tirar partido de pontos de vista focados tanto no interior como no exterior da ruína, criando assim momentos de paragem, reconhecimento e contemplação.

### Percurso

Na prática, ao realizar o itinerário 1 proposto pelo Museu de Lanifícios, acompanhando o som da água que corre na ribeira e percorrida já parte da Rua do Pisão Novo, é alcançado o vislumbre da ruína em questão no seu ponto mais elevado e final deste arruamento.

Com estas estruturas pretende-se a criação do desenho de um percurso com a finalidade de dar a conhecer este local pertencente ao património industrial, bem como toda a restante envolvente com o mesmo carácter, exaltando todo o território próximo à ribeira da Goldra, e fortalecer o trabalho de reconhecimento que o MUSLAN.UBI tem realizado neste contexto.

É possível constatar desde o seu exterior, e entrando para este espaço definido pelas suas paredes de pedra granítica, três galerias sustentadas por estruturas metálicas, revestidas a madeira e situadas a três cotas diferentes, independentes umas das outras. A primeira e mais próxima do solo encontra-se disposta quase no centro daquele que se considera o espaço preexistente e permite a entrada e saída por vários pontos, não obrigando os seus utilizadores a optarem por um único percurso.

Ao invadir o novo ambiente e ao explorar este espaço é tida em conta uma introdução na percepção de novas materialidades, proporcionando novas texturas, cheiros e sons, utilizando o aço não apenas como material estrutural, mas também como memória a um ambiente industrial e fabril, tal como ocorreu no passado no interior da ruína.

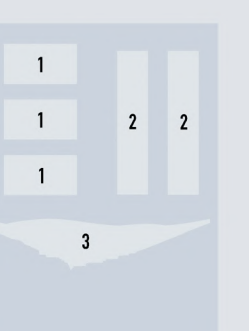
A segunda "caixa" culmina no seu ponto oposto num novo acesso ao exterior da ruína. Um outro acesso a que é permitido a partir desta estrutura é à parte superior da "caixa" primeiramente vivenciada. Neste ponto volta-se a estar no interior da ruína, exposto a céu aberto, e é aqui que se pretende destacar e dar ênfase à preexistência, às paredes de pedra que ainda são possíveis observar e que muitas memórias lhes são inerentes.

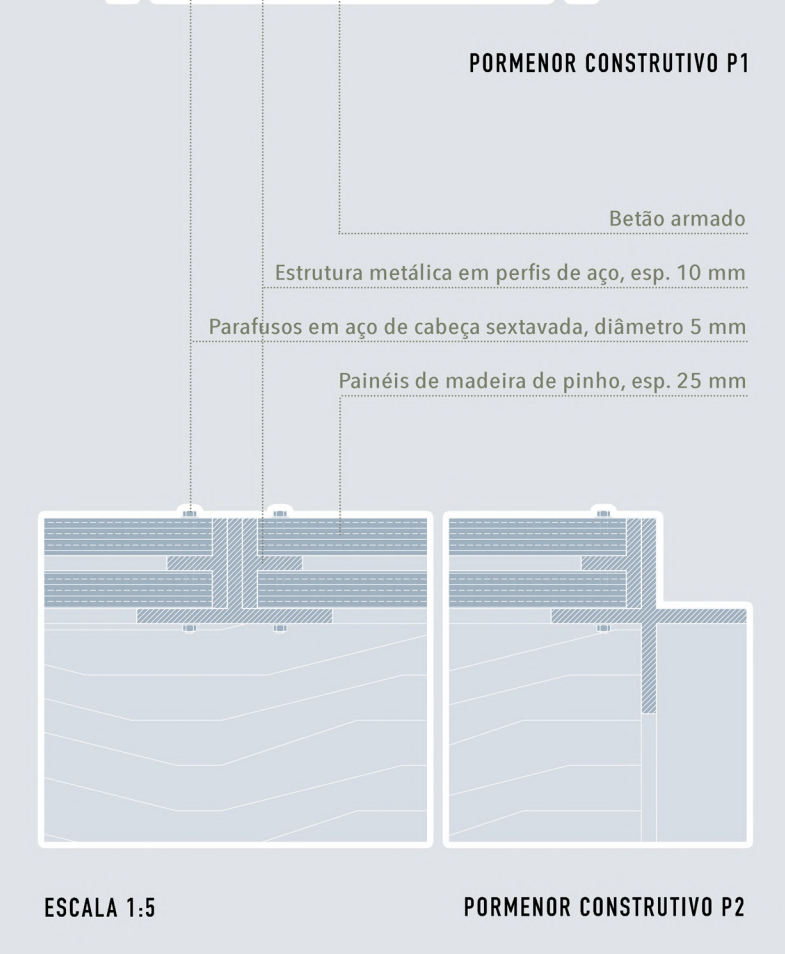
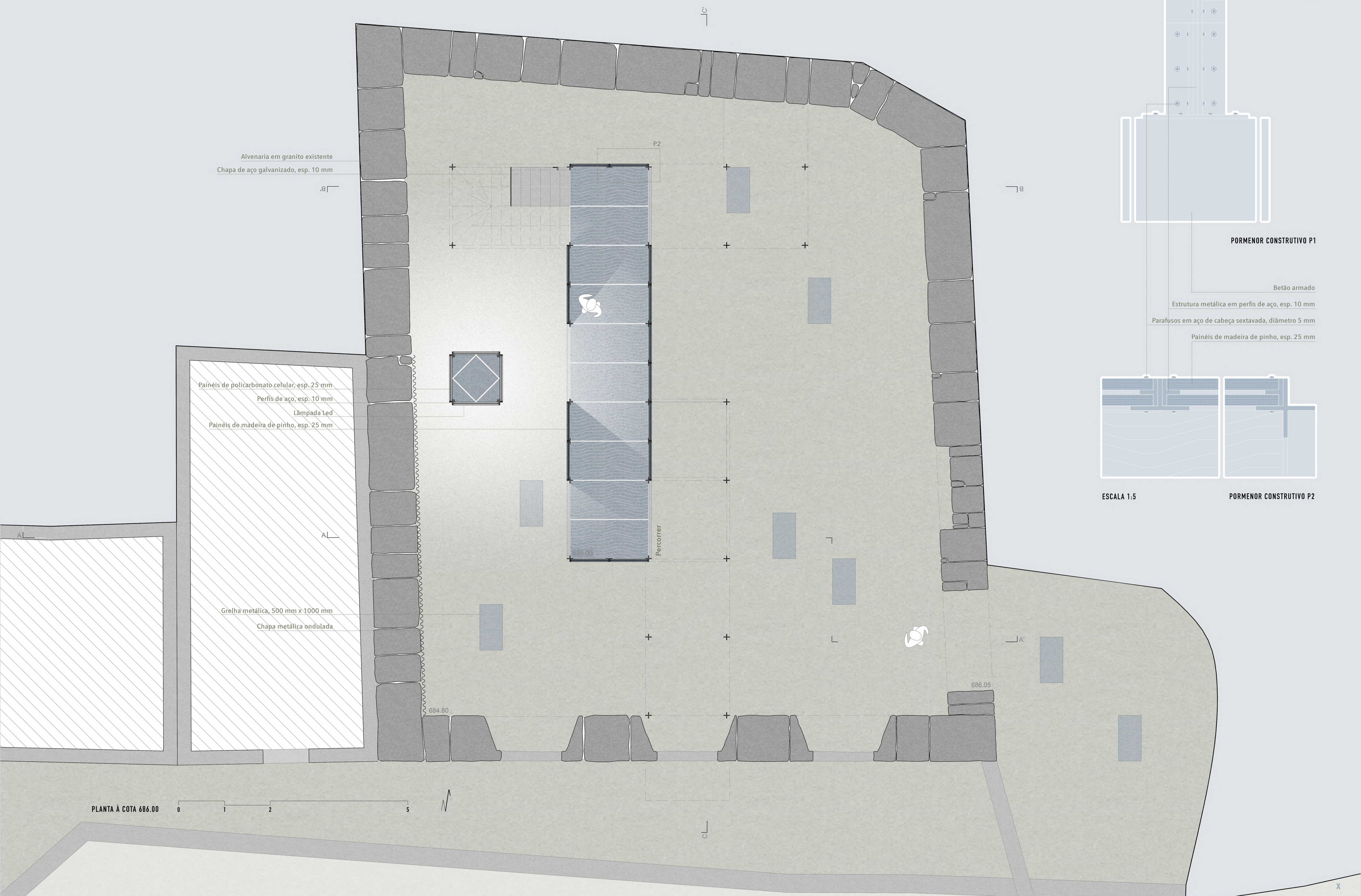
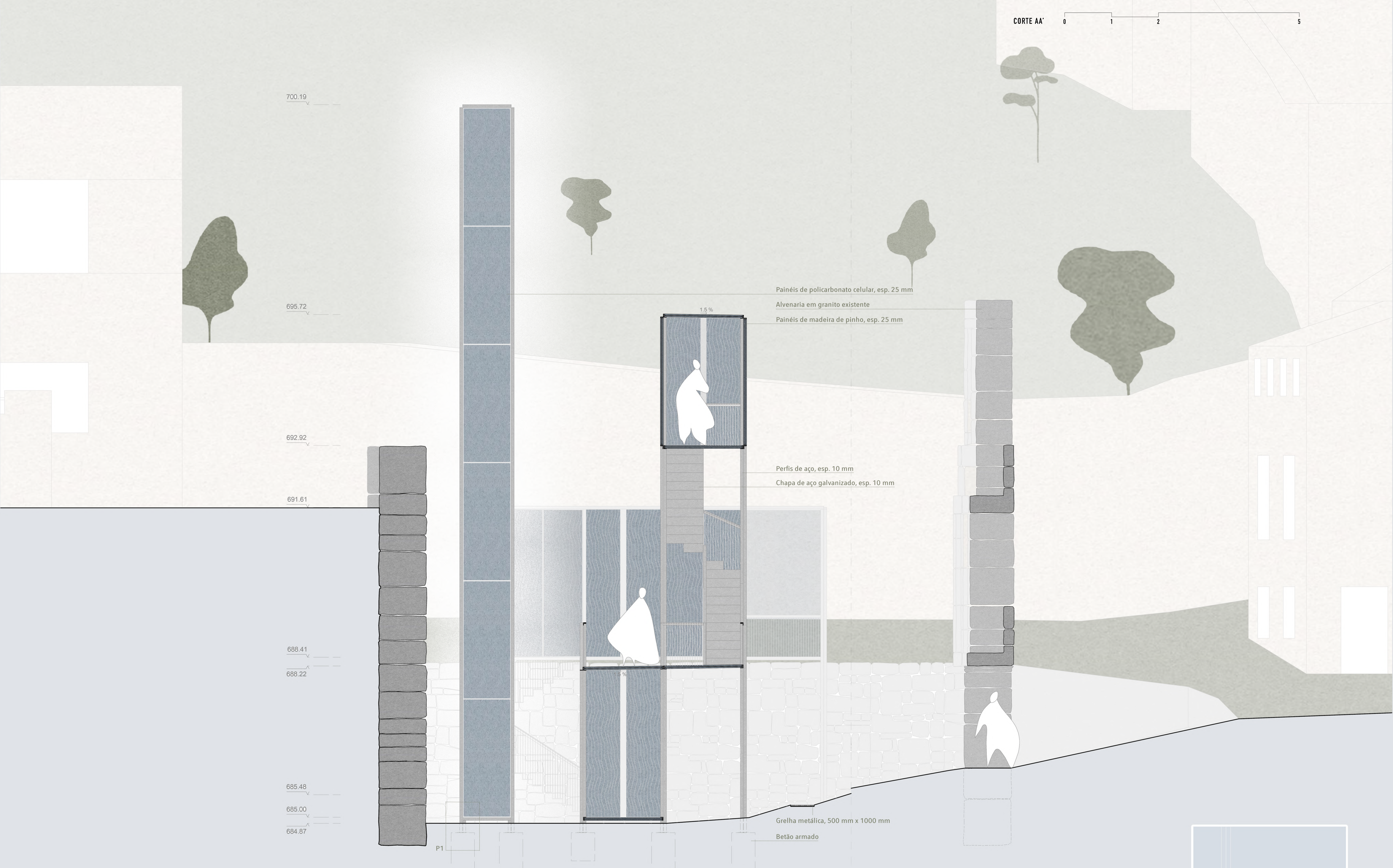
Subindo, depara-se então com um último ambiente que limita a observação para dois pontos de vista: um voltado a sudeste e que enquadra o único património industrial em funcionamento nesta zona; o outro, visualmente imediato, pretende evidenciar o vale que deu origem a esta entrada fabril na cidade da Covilhã, tal como à sua ribeira.

1) Perspetivas da intervenção.

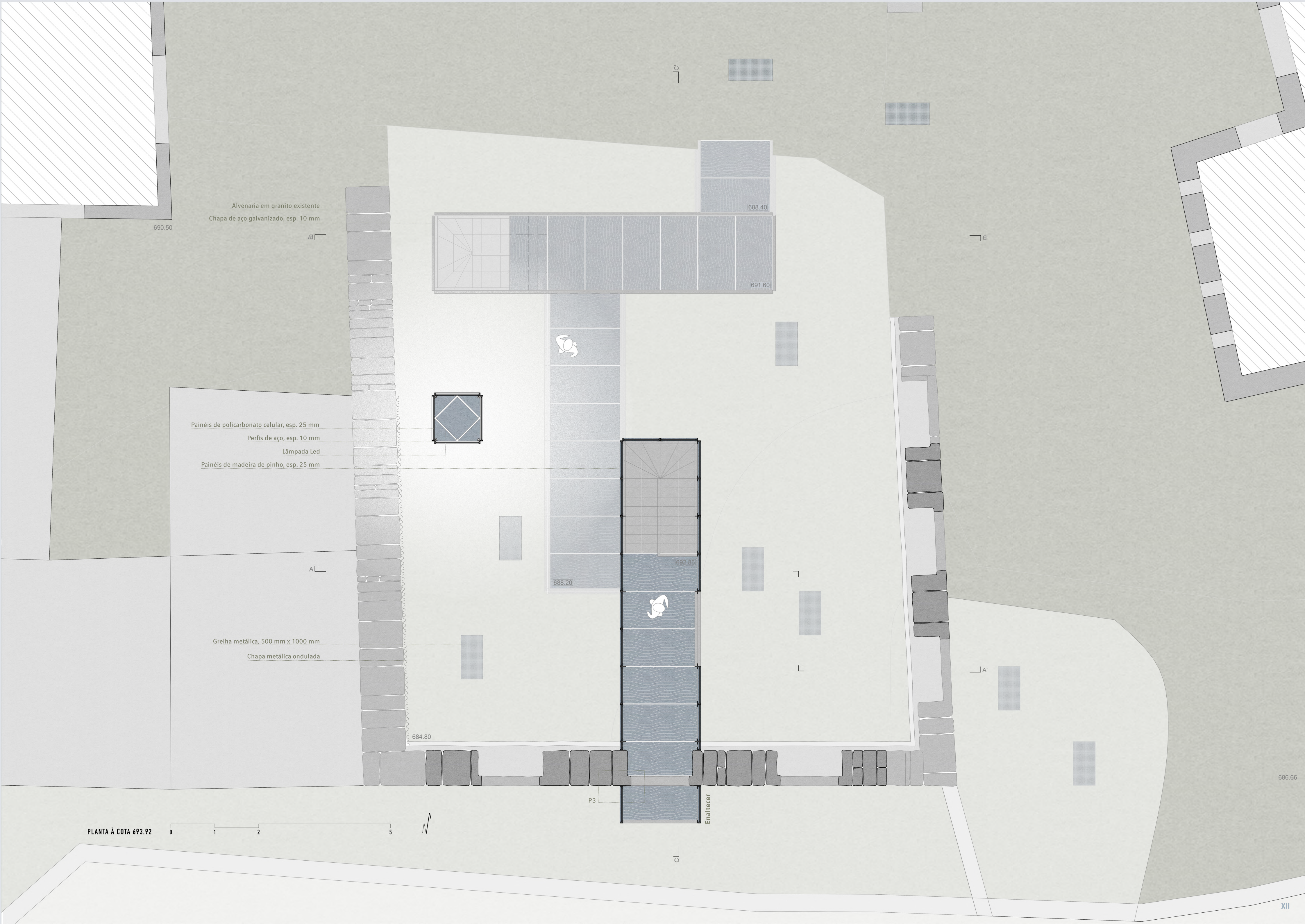
2) Percurso realizado desde a chegada à ruína fabril até à cota mais alta da intervenção.

3) Corte pelo interior da ruína fabril intervencionada voltado para nascente. No fundo são visíveis outros objetos industriais, sendo o que se situa na cota inferior o único ainda em funcionamento nesta área da cidade.











**Os lugares esquecidos da Covilhã**  
Usos temporários para (re)ativação de espaços devolutos

# **Os lugares esquecidos da Covilhã**

Usos temporários para (re)ativação de espaços devolutos

Joel Taborda Filipe

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
Arquitetura

Joel Taborda Filipe

janeiro 2024